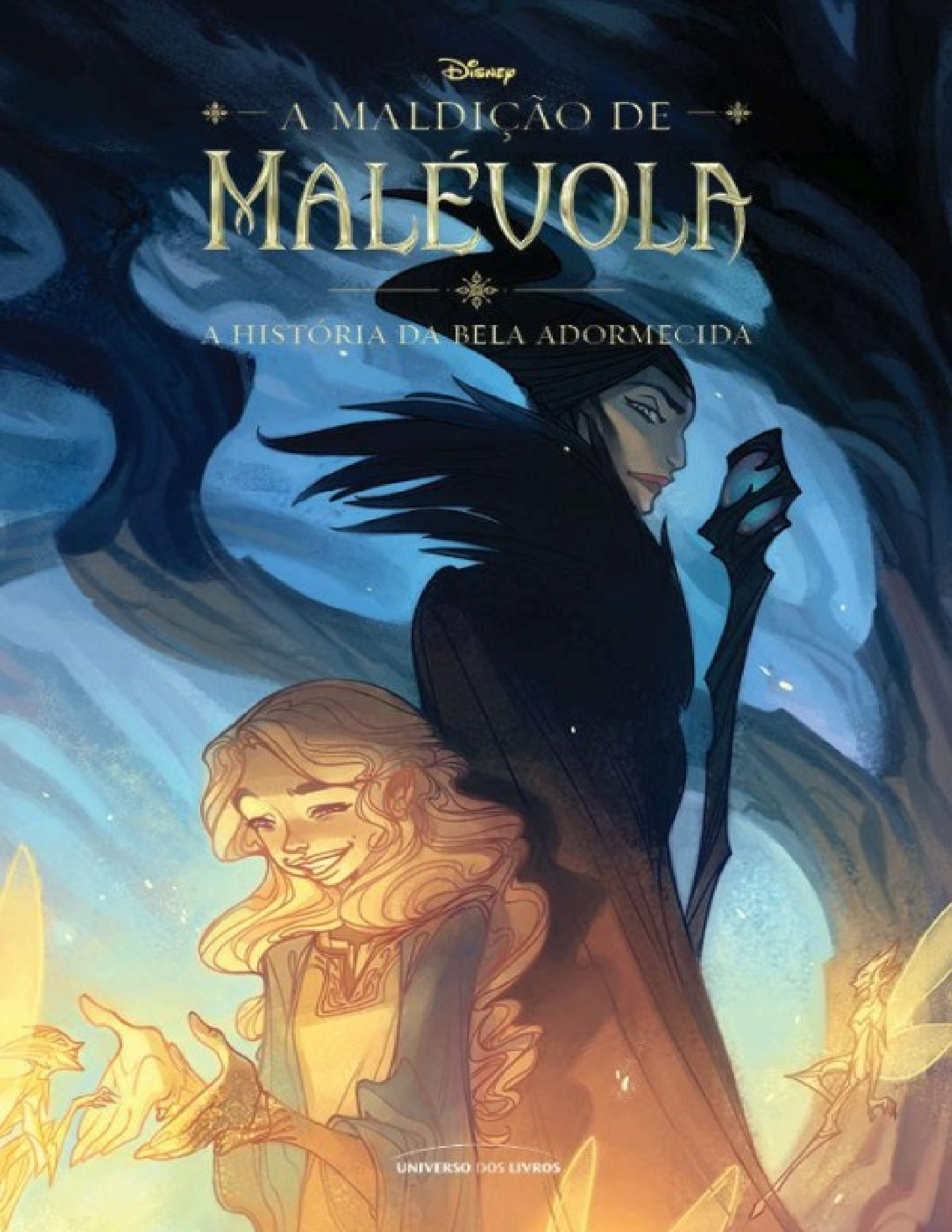


Disney

— A MALDIÇÃO DE —

MALEVOLA

A HISTÓRIA DA BELA ADORMECIDA



UNIVERSO DOS LIVROS





MALEVOLA

A MALDIÇÃO DE MALÉVOLA
A HISTÓRIA DA BELA ADORMECIDA

© 2016 Disney Enterprises, Inc. All rights reserved.

© 2016 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

DIRETOR EDITORIAL

Luis Matos

EDITORA-CHEFE

Marcia Batista

ASSISTENTES EDITORIAIS

Aline Graça e Letícia Nakamura

TRADUÇÃO

Cristina Tognelli

PREPARAÇÃO

Nina Soares

REVISÃO

Alexander Barutti e Geisa Oliveira

ARTE

Francine C. Silva e Valdinei Gomes

ADAPTAÇÃO DE CAPA E DE PROJETO GRÁFICO

Francine C. Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

R854m

Rudnick, Elizabeth

A maldição de Malévola: a história da Bela Adormecida / Elizabeth Rudnick; tradução de Cristina Tognelli. – São Paulo: Universo dos Livros, 2016.

192 p. : il., color.

ISBN: 978-85-7930-998-4

Título original: *The curse of Maleficent: the tale of a Sleeping Beauty*

1. Literatura infantojuvenil I. Título II. Tognelli, Cristina

16-0901

CDD 028.5

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)



MALEVOLA

A MALDIÇÃO DE MALÉVOLA
A HISTÓRIA DA BELA ADORMECIDA

Adaptado por Elizabeth Rudnick
Ilustrado por Nicholas Kole
Baseado no roteiro de Linda Woolverton

Produtores executivos: Angelina Jolie, Don Hah, Palak
Patel

Matt Smith e Sarah Bradshaw

Produzido por Joe Roth

Dirigido por Robert Stromberg

São Paulo
2016



Um agradecimento especial a Brittany Candau.

*Para todas as criaturas “boas” e “ruins” do mundo.
Pois, como se costuma dizer, a diferença entre um herói e um vilão muitas vezes
depende da perspectiva.*



ERA UMA VEZ...



Robin levou um dedinho aos lábios, olhando para trás, para a sua cúmplice. O pequeno elfo alegre sorriu quando viu a expressão determinada no rosto de Malévola. *Sim*, ele pensou com alegria, *ela vai ser absolutamente*

perfeita nisso.

Voaram baixo sobre os lindos e verdejantes Moors até chegarem ao seu alvo, o brejo onde Knotgrass, Flittle e Thistlewit viviam. As três fadinhas tolas estavam sempre juntas. Criaturas vaidosas e agitadas, que sempre encontravam algo do que reclamar ou para disputar, eram as companheiras perfeitas umas para as outras. Não sabiam relaxar nem se divertir, coisas que Robin sabia fazer muito bem. O que significava que eram as candidatas perfeitas para um pequeno trote.

Aterrissando nos juncos altos, Robin e Malévola se agacharam. Observaram Knotgrass e Flittle discutirem zangadas enquanto Thistlewit tentava tirar uma mancha de lama do seu vestido.

– Passei a tarde inteira para encontrar a folha de palmeira perfeita – declarou Knotgrass, balançando uma imensa folha lustrosa diante do rosto. – Você *não pode* e de *jeito nenhum* vai partilhá-la comigo. Agora vá, chispe daqui. Está me dando uma dor de cabeça.

– Ora, ora, vamos lá – Flittle choramingou. – Essa é a última boa que resta. Além disso, não combina nada com a sua roupa. Todos sabem que verde combina mais com *azul*! – E apontou para seu avental azul.

– Ah, isso seria um chapéu perfeito! – Thistlewit acrescentou, deixando de lado a sua limpeza sem sentido. – E se chover, e eu estiver sem uma proteção para os meus cabelos?

– Nem diga isso! – Knotgrass ralhou. – Uma tempestade! Que horror!

Robin e Malévola se fitaram, um plano já estava se formando entre eles. Robin apontou com a cabeça para Malévola, para que ela alçasse voo. Sendo ainda criança, Malévola tinha dificuldade para controlar suas amplas asas de corvo, e os chifres pesados na cabeça a desequilibravam. Ela subiu aos céus um pouco sem jeito, depois se endireitou, flanando pelas nuvens.

Observar a jovem fada voando fez com que Robin se lembrasse de Hérnia, a mãe de Malévola. Hérnia fora linda, com suas madeixas longas e negras, alta com uma constituição semelhante à de uma humana, e magníficas asas negras. Malévola, sem dúvida, seria a imagem perfeita da mãe quando crescesse. A não ser pelos olhos, claro. Malévola herdara os olhos do pai, Lisandro. Eles reluziam como poças de jade reluzente.

O rosto costumeiramente jovial de Robin se contorceu num raro crispado. Hérnia e Lisandro. Ele ficava triste ao se lembrar dos pais de Malévola. Foram criaturas especiais do Povo das Fadas e amigos seus de longa data. Fora incumbência deles criar a paz entre o mundo humano e os Moors das fadas – apesar de os humanos terem um longo histórico de ataques aos Moors, de tentarem conquistar aquelas terras e roubar suas riquezas naturais.

Não, os pais de Malévola acreditaram que era possível alcançar a paz, que

havia bons humanos no mundo que apreciavam a natureza tanto quanto eles. Até fizeram amizade com alguns fazendeiros e pastores das proximidades no esforço de forjar uma harmonia entre os dois grupos, algo de que nunca se ouvira nos Moors. Estiveram determinados a mudar o curso da história, a criar um ambiente pacífico no qual a filha deles pudesse crescer.

É uma pena que tenha sido esse otimismo que conduziu Hérnia e Lisandro às linhas de frente no ataque humano seguinte, por acreditarem que poderiam chegar a um entendimento com os humanos para colocar um fim à batalha antes que sangue fosse derramado em qualquer um dos lados. Infelizmente, os humanos não partilhavam desse ponto de vista. Fora mais uma guerra violenta. E quando o Povo das Fadas mais uma vez defendeu seu lar dos humanos gananciosos, isso ocorreu à custa das vidas de Hérnia e de Lisandro.

Desde aquela triste noite, Robin e o restante do Povo das Fadas se uniram para criar Malévola juntos. Ela se mostrara um bebê fácil de lidar, tão feliz e despreocupada. Tão satisfeita em brincar com as borboletas do bosque, de se banhar no riacho murmurante ou de se deitar no berço da árvore Sorveira-Brava, o seu lar. Também era obstinada e vivaz. E, assim que conseguiu andar e falar, Malévola insistiu numa independência além da sua idade. Ficou evidente que a filha de Hérnia e de Lisandro podia cuidar de si mesma, apesar de apreciar passar o tempo com as demais fadas, tornando-as suas amigas e companheiras em vez de simples guardiãs.

– Roouuobiiiiin – Malévola o chamou, subitamente pairando acima do pequeno elfo. – Por que está demorando tanto?

Tirado dos seus devaneios, Robin ergueu o olhar para a jovem fada mandona que estava acima dele, tão cheia de vida. E pensou em quanto os pais dela ficariam orgulhosos. Em seguida, o som das três fadinhas discutindo sobre quem merecia ficar seca durante uma tempestade interrompeu esse momento.

– Espere um minutinho – sussurrou alto para ela. Estivera tão preso às lembranças que quase se esquecera de que estavam no meio de uma travessura. Adiantou-se, esfregando as mãos com contentamento.

Malévola mais uma vez subiu, oscilando um pouco em seu esforço de ganhar as alturas. Escondida atrás das árvores altas, alargou as asas, encobrindo a luz do fim de tarde que estivera atravessando a folhagem. Bateu as asas com o tanto de força que conseguiu, o som imitando o retumbar dos trovões.

As fadinhas se juntaram umas às outras. Ergueram o olhar para o céu escurecido num movimento lento e dramático, com as testas se crispando de preocupação.

Atendendo à sua deixa, Robin mergulhou seu cantil de madeira na poça e depois se cobriu com as plantas escuras do charco que circundavam a lagoa

perto dele. Relanceou para seu reflexo na água, virando para a esquerda e para a direita. *Ora, ora*, pensou com aprovação, *estou tão bonito quanto uma nuvem, se me permitem dizer isso*. Em seguida, Robin se lançou nos ares, indo em linha reta até as fadinhas. Assim que se viu imediatamente acima delas, começou a sacudir o cantil, e a água respingou direto nas cabeças viradas.

– Ai! – Thistlewit gritou. – Está acontecendo! A tempestade chegou!

– Passe isso para mim, Knotgrass! – Flittle exigiu, esticando a mão na direção da folha.

As três fadinhas se debateram, e essa briga fez com que se afastassem da nuvem de chuva de Robin.

Depois de alguns segundos, perceberam que não estavam mais sendo atingidas pela água.

– Ei! Aqui está seco – observou Thistlewit.

– Não seja tola – replicou Knotgrass, mas esticou a mão para fora da folha e levantou o olhar. – Mas... Esperem. Está *mesmo* seco aqui.

Robin abafou sua risada, manobrando a nuvem até que ela voltasse a ficar sobre elas, e deixou pingos caírem uma vez mais. Elas deram uns gritinhos, abandonando a folha e voando para longe da chuva que parecia segui-las.

– O meu vestido! – exclamou Flittle.

– O meu cabelo! – reclamou Thistlewit.

– A minha dor de cabeça! – berrou Knotgrass.

Quando ficou sem água, Robin voou para junto de Malévola.

– Ora, veja, como o clima anda temperamental... – disse Robin.

Malévola resfolegou e logo os dois se dobravam ao meio em pleno ar por causa das risadas. Começaram a se afastar, tendo dificuldade para voar em linha reta em meio aos ataques de riso que tiveram.

Logo chegaram ao lar de Malévola nos Moors, a frondosa Sorveira-Brava. O sol se punha ao longe, marcando o fim de mais um lindo dia. Malévola se recostou no tronco forte da sua árvore. Robin voltou a voar para a casa dele, uma bétula próxima dali, de onde ele via a linda Colina das Fadas.

– Olá, Sweetpea! Como vai, Finch? Fez um lindo trabalho floral hoje, Adella – Malévola e Robin cumprimentaram as fadas vizinhas, que sorriram e acenaram de seus lares acolhedores. Logo, todos se recolheram, prontos para se tornarem a plateia do espetáculo recorrente do dia se transformando em noite. Exclamaram “ahs” e “ohs” conforme o céu mudava dos vibrantes vermelhos, laranjas e rosas para os majestosos e frios roxos e azuis. Entusiasmaram-se quando os sapos começaram a coaxar e centenas de fadas de luz voaram apressadas como se fossem estrelas indo de encontro à terra.

Com um bocejo amplo, Malévola deu boa-noite a Robin e a todas as fadas

vizinhas, aos amigos animais e vegetais.

– Boa noite, Sweetpea! Boa noite, Finch! Boa noite, Adella!

Em seguida, num fio de voz que mal podia ser ouvido acima dos cricrilares e crocitos, ela sussurrou para a lua brilhante:

– Boa noite, mamãe. Boa noite, papai.





Numa tarde preguiçosa, uma libélula vagava ao redor da Sorveira-Brava, com as asas chapinhando sob a luz do sol. Malévola descansava na curva das raízes retorcidas e elegantes, embaixo dos galhos que se estendiam e das folhas

vibrantes. Era seu lugar predileto no mundo, seu lar.

Robin estava empoleirado diante dela, ignorando o zunido da libélula e, com alegria, regalava Malévola com histórias sobre os pais dela. Ela sempre lhe pedia que contasse essas histórias, mesmo tendo-as ouvido centenas de vezes. E, da parte de Robin, ele sempre ficava feliz em atendê-la. Era um contador de histórias e um apresentador nato.

– E foi então que apareci debaixo do brejo, arrancando os pirilampos de dentro de Lisandro, ah, foi isso o que fiz. – Robin reencenou a cena com um floreio dramático antes de explodir numa gargalhada.

Malévola se juntou a ele.

– Ah, Robin, seu danado! E bem quando ele se esforçava tanto para impressionar a minha mãe. – Ela deu uma risadinha.

– Ele ainda assim a impressionou, mesmo saltando três metros como um bobo assustado.

Depois que o riso deles diminuiu, Malévola tocou no assunto que Robin sempre evitava:

– Robin... Você já viu um humano de perto? – perguntou com casualidade.

As feições normalmente alegres de Robin se crisparam.

– Não, menina, nunca vi. Nem quero. Não são nada além de problemas esses humanos.

Malévola se sentou ereta, falando com mais animação.

– Mas você me disse que os meus pais acreditavam que existiam humanos bons lá fora. Que um dia poderíamos ter um bom relacionamento com eles.

– Acreditavam – concordou Robin. – Mas você sabe o que essa crença lhes custou – ele falou com gentileza, mas também com firmeza. Às vezes era difícil lembrar como Malévola ainda era jovem, como ainda era inocente. – Eles tentam roubar os nossos tesouros, saquear as nossas terras. Chegam até a portar armas feitas de ferro, fazem isso, sim, e esse material queima o nosso povo.

– Mas, Robin, os humanos também são uma parte da natureza – ela prosseguiu. Evidentemente, vinha pensando bastante a esse respeito. – Sei que existem humanos terríveis. Monstros. Mas também existem fadas e animais malvados por aí, assim como existem dos bons aos montes. Os humanos não podem ser todos ruins.

Robin ficou calado. Não poderia lhe dar a resposta que ela queria. Na verdade, ele odiava todos os humanos por terem acabado com os seus queridos amigos. Ele pôde ter concordado com o desejo de Lisandro e Hérnia de harmonia com os humanos um dia, mas não concordava mais. Depois de tudo pelo que passara, simplesmente não poderia concordar.

– Não, meu amor – ele disse, dando um tapinha em seu braço. – Eles são. – E,

com isso, voou para longe da Sorneira-Brava, entendendo o desejo de Malévola de honrar a memória dos pais, mas preocupado pelo modo como ela escolhia fazê-lo. Tinha esperanças de que a curiosidade dela logo desaparecesse.



Infelizmente, a curiosidade dela apenas aumentou, e Malévola não atentou aos avisos de Robin sobre os humanos. Dois dias mais tarde, a notícia de que um jovem humano fora apanhado roubando uma das joias do lago se espalhou. Aproveitando-se da oportunidade de ver um humano de perto, Malévola seguiu direto para a cascata majestosa que caía no lago.

Robin sabia que Malévola podia cuidar de si mesma. E que não precisava, e tampouco queria, que ele lhe dissesse o que fazer. Mas não conseguiu impedir a sensação de que deveria zelar por ela. Ainda mais se humanos estavam envolvidos. Por isso, Robin a seguiu, acompanhando-a a uma distância segura a fim de que ela não o notasse.

Ele a seguiu em meio às fadas das águas patinando no rio, através das campinas repletas de flores cheias de fadas do pólen e acima dos duendes da lama chapinhando nos charcos enlameados. Em pouco tempo se viram diante da enorme cascata, onde duas sentinelas, criaturas imensas de madeira, estavam na frente de um charco adjacente. As sentinelas serviam como guardas de fronteira dos Moors, um trabalho que levavam muito a sério. A mais alta das duas (o que significava muita coisa), Baltazar, chamou por Malévola em sua língua nativa amadeirada.

– Está se escondendo nas moitas – ele contou. – Tome cuidado.

Malévola sustentou a cabeça erguida.

– Não tenho medo. Além disso, nunca antes vi um humano de perto.

Robin observou quando ela espiou pela vegetação densa; estreitou os olhos, pairando o mais próximo que ousava da cena. Malévola podia não ter medo, mas *ele* certamente tinha.

– O que ele pegou do lago? – Malévola perguntou.

– Uma pedra – respondeu Baltazar.

Era de se imaginar. Robin revirou os olhos. Os humanos estavam sempre atrás de objetos sem valor como pedras brilhantes, sem perceber que os verdadeiros tesouros eram as plantas e os animais que as cercavam.

– Apareça – Malévola disse para a moita.

– Não! – uma voz fina, porém desafiadora, replicou. – Eles querem me matar. Além disso, são horrorosos.

Robin estava no meio de mais um revirar de olhos quando Baltazar emitiu um grito ofendido. Não culpava a sentinela. Não só aquele humano acreditava que as criaturas dos Moors recorriam ao modo violento dos humanos para resolver seus conflitos, como também insultara a raça deles nesse processo.

Ecoando os pensamentos de Robin, Malévola aumentou o tom de voz:

– Isso foi extremamente rude! – exclamou. Em seguida, lançando um olhar reconfortante para Baltazar, ela disse: – Não lhe dê atenção. Sua beleza é clássica.

Malévola se virou uma vez mais para a moita, falando com mais ênfase desta vez:

– Não é certo roubar, mas não matamos ninguém por conta disso. Apareça. Apareça agora mesmo!

Robin ficou surpreso ao ver um garoto magro vestido em roupas puídas surgir. Ele não podia ser mais velho do que Malévola. Assim que ele a viu, retraiu-se, e uma centelha de reconhecimento trespassou suas feições.

– Você é ela – ele disse.

Robin franziu a testa, cheio de suspeitas, imaginando quanto aquele humano achava que sabia sobre Malévola.

Malévola olhou o humano de alto a baixo.

– Você já é crescido?

– Não.

Malévola se voltou para Baltazar.

– Aparentemente é apenas um menino.

– E você é apenas uma menina – o garoto disse. – Eu acho.

Robin abafou uma risada. Esse comentário não daria muito certo. Ficou esperando para que Malévola colocasse o garoto no lugar dele, mostrando para aquele humano a presença de espírito que ele tanto admirava nela. Mas ela simplesmente estreitou o olhar.

– Quem é você?

– Meu nome é Stefan. E você, quem é?

– Eu me chamo Malévola. – Ela fez uma pausa, depois disse abruptamente: – Tem intenção de nos ferir?

Robin estava orgulhoso de Malévola. Ela estava sendo cuidadosa. No fim das contas, parecia que ela tinha aprendido alguma coisa com o Povo das Fadas.

Stefan piscou para ela, evidentemente surpreso.

– O quê? Não.

– Então eu o guiarei para fora dos Moors.

– A pedra, minha cara – Baltazar a lembrou.

– Sim, certo – Malévola disse. Depois olhou para Stefan. – Você tem que

devolver.

– Devolver o quê? – Stefan perguntou.

Malévola trocou um olhar com as sentinelas e suspirou. Esticando a mão, encarou Stefan. Por fim, o garoto humano gemeu, percebeu que fora apanhado em flagrante. Enfiou a mão no bolso e apanhou a bela pedra que roubara. Ela reluzia sob a luz do sol. Depois fez uma careta ao lançá-la para Malévola, como se lhe doesse ter de devolvê-la.

Malévola apanhou a pedra brilhante no ar com facilidade. Depois a jogou no lago próximo, cuja superfície ondulou. Gesticulando para que Stefan a seguisse, começou a avançar pela floresta densa.

Robin percebeu de imediato que ela estava andando em vez de voar. Provavelmente uma cortesia para o humano. Suspirou, apressando-se atrás deles, não gostando nem um pouco de que ela tivesse se oferecido para ser guia dele. *Bem, pelo menos ele está indo embora*, Robin pensou.

– Se soubesse que você ia jogar fora, eu teria ficado com ela – Stefan reclamou.

Mas que cogumelozinho mal-agradecido.

– Eu não a joguei fora – respondeu Malévola. – Eu a devolvi para o seu lar. Assim como vou fazer com você.

Caminharam em silêncio por um tempo, Robin voando de árvore em árvore, de planta em planta, mimetizando o que o cercava. Logo se viram numa bela clareira, com campos abertos e vastos, e o castelo cinzento e frio surgiu ao longe. Robin franziu o nariz. Que modo sem graça de se viver, detrás de paredes tão altas que bloqueavam tudo o que era importante.

Também Stefan estava olhando naquela direção. Mas parecia que a opinião dele sobre a fortaleza de pedras era muito diferente.

– Um dia eu vou morar lá. No castelo. – O queixo dele se firmou em sinal de determinação, uma determinação que deixou Robin pouco à vontade.

– Onde você mora agora? – Malévola perguntou.

– Num celeiro – Stefan respondeu.

Malévola se inclinou para a frente, o interesse reluzindo nos olhos verdes.

– Num celeiro? Quer dizer que os seus pais são fazendeiros?

Stefan sacudiu a cabeça.

– Os meus pais estão mortos.

– Os meus também – ela disse com suavidade.

– Como eles morreram? Por causa da peste? – Stefan perguntou.

– Foram mortos por humanos. Na última guerra. – Ela gesticulou para a floresta. – Agora toda a família que eu tenho está ali.

Isso mesmo, Robin aplaudiu silenciosamente. Estava feliz por ela ter

mentado o destino dos pais, e mostrado ao garoto que sabia exatamente do que os humanos eram capazes. Estava ainda mais satisfeito por ela ter se referido a ele e ao restante do Povo das Fadas como família. Embora raramente dissessem esse tipo de coisa em voz alta, era assim que ele e o resto das criaturas se sentiam com relação à Malévola. Eles eram a família adotiva dela.

– Isso é muito triste – Stefan respondeu, franzindo a testa.

– Não, não é – replicou Malévola. – Eles são tudo de que eu preciso.

Robin se encheu de orgulho. *Que grande fada ela é.*

De repente, Stefan se virou para Malévola, fitando-a com intensidade.

– Nos vemos qualquer dia.

Malévola suspirou.

– Você não deveria voltar aqui, sabe. Não é seguro.

– Não sou eu quem deveria decidir isso? – perguntou Stefan. Parou perto dela, fazendo com que Robin cerrasse os punhos num ato reflexo. O que ele achava que estava fazendo?

– Pode ser – ela respondeu, sustentando o olhar dele.

– E se eu decidir isso, se eu voltar... você estará aqui? – Ele estava a poucos centímetros de distância dela agora, e Robin tremia de raiva.

– Talvez – foi só o que Malévola disse.

Mas Robin conseguia ver o rubor sutil no rosto dela. Ela estava satisfeita.

Stefan ofereceu sua mão, e Malévola esticou a dela para apertá-la. De repente, retraiu a sua. Arfou, evidentemente com dor. Robin se adiantou, mas sem interferir.

– O que aconteceu? – Stefan perguntou chocado.

– O seu anel é feito de ferro – Malévola explicou, sacudindo a mão.

Stefan parecia alarmado, o que parecia uma reação estranha caso fosse sua intenção machucá-la. Robin fez uma pausa, observando a curiosa criatura. O garoto se desculpou e tirou o anel, jogando-o bem longe na campina. Malévola pareceu se emocionar, mas Robin ainda estava desconfiado. Qual era a jogada dele?

Naquele instante, Stefan sorriu e começou a se afastar. Depois de descer a colina correndo, virou-se de repente na direção de Malévola.

– Gosto das suas asas! – exclamou.

Malévola deu um amplo sorriso, um sorriso que se transformou numa risadinha.

Gafanhotos saltitantes, Robin pensou com gravidade, *isso não é nada bom.*



Naquela tarde, Robin e Malévola se sentaram na Sorveira-Brava, brincando de um jogo de adivinhações. Embora Robin estivesse pensando no objeto mais evidente por perto, a nuvem em forma de dragão com cabeça erguida, Malévola não conseguia adivinhar. Estava com um olhar perdido ao longe, um olhar meio tolo. Robin murmurava e exclamava de maneira barulhenta, mas não estava adiantando nada. Malévola parecia estar em seu mundinho.

Finalmente, Robin desistiu da brincadeira e perguntou sobre o dia de Malévola. Ficou imaginando se ela lhe contaria sobre o encontro com o humano.

– Viu algo interessante hoje? – perguntou com casualidade.

– Hum? Ah, não, na verdade, não – ela disse, sorrindo para si mesma.

– Deparou-se com algo estranho? Fora do comum? – Voou para perto, pairando diante do rosto dela.

Malévola apoiou o queixo nas mãos.

– Mais ou menos.

Robin não aguentava mais.

– Conheceu alguém diferente?

– Sim – Malévola respondeu.

Surpreso, Robin olhou para ela, esperando que ela continuasse.

– Um novo amigo muito abelhudo que fica me perguntando um monte de coisas. Você, por acaso, não sabe onde Robin está, sabe?

Robin resmungou. Houve uma ligeira pausa, depois Malévola falou uma vez mais:

– E você estava pensando na nuvem com formato de dragão. Ganhei.

Ela piscou para ele. Robin bufou, rindo meio que a contragosto.



Robin via Malévola cada vez menos nos anos que se seguiram. Quando ele voava para a Sorveira-Brava com alguma nova travessura ou um novo jogo em mente, com frequência encontrava a árvore deserta. Em outras ocasiões, ele via

Malévola flanando pelos céus, sempre voando na direção da fronteira. Por mais que nunca falassem do assunto, Robin sabia que ela vinha se encontrando com o humano chamado Stefan. E, quando Robin chegava a ver Malévola, notava que ela sorria constantemente, reluzindo com o que só podia ser o brilho do primeiro amor. Sim, ficou claro que ela estava cativada por esse Stefan. Talvez até se sentisse ligada aos pais por travar essa amizade com um humano. Robin ainda assim não confiava nele, mas tinha que admitir que o garoto parecia fazê-la muito feliz.

Robin tinha esperanças de estar errado quanto a esse humano, de que os seus medos quanto a Malévola se ferir nunca se realizassem. Às vezes, ele pensava que aquele podia ser o final feliz que sempre quis para Malévola, o final feliz que os pais dela teriam desejado. Talvez isso fosse possível. Talvez pudesse existir paz entre as fadas e os humanos, como Hérnia, Lisandro e Malévola sempre lhe disseram. E talvez o relacionamento entre Malévola e Stefan fosse o primeiro passo em direção a essa paz.

No entanto, ele não conseguia se convencer a falar sobre o garoto com Malévola. A lembrança das guerras contra os humanos, do homicídio de Hérnia e de Lisandro, provocado por eles, era uma ferida ainda incômoda.

E então, numa noite escura, voltou a acontecer. Outro ataque humano nos limites dos Moors. A noite tranquila foi sobressaltada por um alvoroço de gritos de terror. Os sons dos trovões e a luz dos raios eram percebidos ao longe. A notícia se espalhou como um incêndio numa floresta: humanos, um exército inteiro deles, chegaram para atacá-los e tomar suas terras preciosas.

As criaturas mais fortes dos Moors se apressaram para a linha de frente para defender a terra, criaturas com escamas, criaturas com pés virados para trás, criaturas com asas de couro. Arrastaram-se e grasnaram, rosnaram e salivaram, correndo pela bela Colina das Fadas, que agora parecia sombria e lúgubre, como se ela também estivesse perturbada por aquela guinada nos acontecimentos.

– Depressa! Ela está lá sozinha! – uma criatura com pelos pretos e espetados gritou alto enquanto galopava em direção à fronteira.

Estando numa moita próxima, Robin ouviu a criatura. Voou diante dela, forçando-a a parar.

– Quem está lá? – exigiu saber.

– Malévola! – respondeu a criatura.

O coração de Robin parou. Ah, Malévola, que garota valente. Pouco importava o relacionamento dela com aquele humano, ela amava verdadeiramente os Moors e o Povo das Fadas, que lá vivia. Ela fora para a fronteira, arriscando a vida, para protegê-los. Tinham de ajudá-la.

– Vamos! – exclamou para as fadas do orvalho ali perto. – Malévola está em

apuros.

Voaram juntos à velocidade da luz, e mais fadas se juntaram a eles pelo caminho, formando um enxame colorido impulsionado pelo desejo de chegar até a corajosa Malévola e ajudá-la a defender o lar de todos eles.

Assim que chegaram à fronteira, viram as criaturas dos Moors lutando contra uma multidão de humanos portadores de espadas. Robin passou os olhos pela multidão, à procura de algum sinal da sua amiga de chifres. Por fim, localizou-a.

Ao longe, o líder dos humanos, o rei Henry, avançava contra a sua amiga. Malévola não recuou, e seu queixo estava erguido em sinal de desafio. Pairou acima do rei, agitando suas asas, que agora se pareciam com gigantescas garras feitas de pena. Finalmente, o rei perdeu o equilíbrio e caiu do cavalo.

– Você não terá os Moors, nem hoje, nem nunca! – Robin ouviu Malévola gritar. Uma onda de orgulho o preencheu, mas logo viu horrorizado o rei levantar a mão coberta por uma armadura na direção de Malévola.

– Cuidado! – Robin exclamou, mas sua voz foi abafada por todo aquele caos ao seu redor. O ferro tocou o rosto de Malévola.

A fada alta arfou de dor amparando o rosto com as mãos. Notando que a inimiga estava distraída, o rei Henry se pôs de pé desajeitadamente e se afastou o mais rápido que pôde. Robin subitamente sentiu cavalos, pessoas e criaturas resvalando em seus ombros. Parecia que o restante do exército humano seguia seu líder, recuando dos Moors.

Logo os sons da violência cederam seu lugar aos sons dos cascos dos cavalos no meio da noite. O Povo das Fadas comemorou. Tinham conseguido. Defenderam seu lar dos humanos destruidores e gananciosos uma vez mais.

Robin olhou ao redor em desespero, pois havia perdido Malévola de vista. Por fim, a viu. Ela se afastava voando, com uma expressão de confusão e de preocupação no rosto. Aliviado em constatar que ela não estava ferida, Robin viu-a se afastar, resistindo ao impulso de ir atrás dela.

Sabia que ela gostaria de ficar sozinha num momento como aquele. Por mais que não tivesse visto Stefan no exército, Robin ficou se perguntando se ele estivera envolvido no ataque de alguma maneira. Ou, pelo menos, se soubera do ataque.

Coisas demais não estavam claras, coisas que Malévola teria que desvendar por si só. Uma coisa era certa, porém. Malévola era a heroína dos Moors naquela noite.



Robin não viu Malévola por alguns dias, e deduziu que ela ainda estivesse precisando de um tempo só para si. Depois de uma semana, porém, ficou preocupado.

– Você viu Malévola? – perguntou a Sweetpea numa manhã ensolarada.

A fada roxa franziu a testa.

– Não ficou sabendo? Pensei que você tivesse sido o primeiro a saber.

– Saber o quê? – Robin estava se impacientando agora.

– Malévola abandonou os Moors.

Robin ficou chocado.

– Ela o quê?

– Ela foi embora – Sweetpea disse com tristeza. – Achamos que foi com o humano. Ele veio vê-la na fronteira alguns dias depois da batalha. Não vimos nenhum sinal dela desde então.

Robin arfou. Não podia ser verdade. Sem dizer mais nada a Sweetpea, alçou aos céus e primeiro voou até a Sorveira-Brava, depois para todos os lugares de descanso prediletos de Malévola nos Moors. Ela não estava em lugar algum.

Ele voou mais alto e mais longe, mais e mais distante dos Moors. Procurou em hectares e hectares de terras sem ver sinal dela.

Por fim, acabou desistindo e voltou para casa com a cabeça baixa. Não era seguro para ele ficar no mundo humano, e estava claro que Malévola não desejava ser encontrada. Suspirou, esperando que ela estivesse bem. E talvez, só talvez, ela tivesse encontrado o “feliz para sempre” dela.



Nas semanas seguintes, um vento gélido soprou nos Moors, e um tremor coletivo se abateu sobre todas as criaturas dali. Alguma coisa estava errada. Elas sentiam isso. Havia grandes mudanças no ar.

Certo dia, um tagarelar preocupante de pardais chegou aos Moors, um palavrório que só podia ser a respeito de Malévola. Sweetpea levou os passarinhos para o galho de Robin na bétula, sabendo que ele gostaria de ser o primeiro a saber da história. Falaram de uma fada de chifres cujas asas foram brutalmente cortadas e levadas por seu companheiro humano. Uma que vagueava usando um bastão de madeira para se equilibrar. Uma que se abrigara nas ruínas de um castelo há tempos abandonado nas imediações.

Robin saltou no ar.

– Temos que ir buscá-la! – Por mais que sempre tivesse suspeitas de Stefan, jamais imaginara que o rapaz trairia Malévola de maneira tão horrenda. Arrancar

suas asas! Não conseguia imaginar a dor que ela devia estar sentindo.

Espere, chilrearam os passarinhos, tem mais. O humano levou as asas para o castelo para provar que vingara o rei moribundo. E agora ele vai ser o sucessor do rei Henry.

– Ele fez isso para conseguir o trono! – Robin exclamou, ainda mais ultrajado.

– E quanto a Malévola? – Sweetpea interveio. – Ela está no castelo abandonado agora?

De acordo com os pardais, Malévola resgatara um corvo em apuros próximo às ruínas. O corvo, amigo de um amigo, chamava-se Diaval. Fora apanhado numa rede por dois fazendeiros com porretes nas mãos e cães rosnantes ao lado deles. Malévola erguera seu bastão e transformara Diaval num humano, salvando sua vida. Diaval agora era o acompanhante dela no castelo em ruínas, e ela o transformava de corvo em humano sempre que desejava.

Robin e Sweetpea fitaram os pardais. Malévola resgatara um animal em apuros. Isso, pelo menos, se parecia com algo que ela faria. Mas o modo como o fizera... Os poderes que ela invocara para transformá-lo tão completamente numa nova forma seguindo um capricho... Isso era magia poderosa, magia que surgia somente quando alguém estava muito abalado emocionalmente. Por mais que Malévola, assim como outras fadas, tivesse o poder de ajudar as plantas a crescerem, de curar os animais, de conduzir os riachos e coisas assim, nunca a viram – ou, para falar a verdade, nunca viram nenhuma outra fada – fazer algo semelhante. Aquilo era magia negra.

Atordoados, a fada e o elfo agradeceram aos pássaros pela informação. Depois ficaram sentados no ramo da bétula em silêncio, processando o que acabaram de saber.

– Precisamos dar mais tempo a ela – Sweetpea disse por fim, articulando o que ambos estavam pensando, por mais que isso os entristecesse. – Ela sofreu demais. Não está agindo como de costume.

Robin concordou. Sweetpea tocou em seu braço com suavidade.

– Ela vai voltar quando estiver pronta.

Ficaram sentados por um bom tempo, pensando na fada forte e gentil que todos eles criaram juntos. Uma fada que conhecia os Moors, que representava os Moors melhor do que qualquer um. E agora, assim como transformara aquele corvo chamado Diaval, ela também se transformara.





NUMA TERRA DISTANTE...



Abaixando-se e desviando-se para evitar ser atingida por uma vassoura errante ou um trapo largado durante os preparativos alvoroçados, a diminuta fada das flores Knotgrass abriu caminho até o Grande Salão do castelo.

Não queria perder nenhum instante daquele dia de comemoração. Pois, naquele dia, a princesa Aurora seria batizada. E Knotgrass, com duas outras fadas que chamavam aquele castelo de lar, teria uma parte importante na cerimônia.

Conforme voava pelos corredores, Knotgrass foi acompanhada por Thistlewit e Flittle. As outras duas fadas das flores eram mais jovens que Knotgrass e, em sua opinião, completamente tolas. Não faziam a mínima ideia de como aquele dia era importante. Enquanto Knotgrass vestia seu melhor vestido vermelho, ela duvidava que as outras sequer tivessem se dado ao trabalho de se lavar como ela. Thistlewit, a mais nova das três, vestia seu costumeiro vestido verde, com a saia longa feita de várias folhas que pareciam estar murchando. O cabelo estava desganhado e ela murmurava, bem baixinho, uma canção irritante. Voando logo atrás dela estava Flittle. Aquela fada, como de costume, estava cercada por borboletinhas azuis que pairavam ao redor da sua cabeça. Estava usando seu vestido azul predileto acompanhado por um chapeuzinho pontudo azul. Flittle gostava de lembrar a todos que azul era a sua cor favorita. Knotgrass considerava a obsessão dela por essa cor algo muito irritante, mas, naquele dia, ela não tinha tempo para se importar com aquilo.

Knotgrass acreditava ser o único motivo pelo qual as fadas estavam seguras naquele castelo. E, enquanto as outras caçoavam dela, chamando-a de rabugenta e dizendo que, se asas pudessem ter rugas, as dela se crispariam com rugas de preocupação, Knotgrass não perdia tempo pensando nisso porque, quer Flittle e Thistlewit gostassem de admitir, quer não, ela era a líder. E, se não fosse por ela, quem sabe o que teria acontecido com elas?

Até pouco tempo, elas moravam nos Moors das fadas. Um tempo atrás, conheciam cada brejo e cada vale. Sabiam onde as fadas da neve brincavam e onde as fadas das pedras juntavam seus pedregulhos. Sabiam onde encontrar o melhor reflexo delas nas diferentes horas do dia e onde conseguir as melhores flores para seus cabelos.

Mas isso foi antes de Malévola retornar para os Moors, sem asas e mudada, com um olhar sombrio. Embora os Moors nunca tivessem tido um líder antes, ela agora se tornara uma. Ela espantara as borboletinhas de todo o Povo das Fadas, inclusive de Knotgrass, Flittle e Thistlewit. Houve boatos de que ela tivera um relacionamento tumultuado com o rei Stefan a certa altura, que ela queria vingança pelo mal que ele lhe causara, qualquer que tivesse sido ele. Knotgrass sabia que isso só podia significar uma coisa: outra guerra. E, dessa vez, ela queria estar a salvo num lugar bem distante de todo o drama, protegida num castelo quentinho e seco.

Quando as fadas resolveram que queriam tornar o mundo humano o lar delas, Knotgrass suplicara a Stefan, implorando por refúgio, por um lugar na corte

dele. Ele concordara, evidentemente querendo agradar a esposa, a rainha Leila, que as acolhera na corte. No entanto, ele não parecia completamente contente com a decisão. Aquela era a chance de elas o agradarem. E ela não queria desperdiçar a oportunidade.



Chegando ao Grande Salão, Knotgrass, Flittle e Thistlewit pararam um instante, encantadas com a vista diante delas. Nunca antes viram um salão tão belo. Os imensos candelabros pendurados no teto estavam iluminados com a luz de centenas de velas. Nas paredes de pedra, mais velas reluziam nas arandelas de ouro. Os tronos reais estavam cobertos por tecidos finos e os braços de madeira foram lustrados até brilharem. Atrás das poltronas, raios de sol passavam por grandes janelas de vitral, fazendo com que tudo o que tocavam tivesse um brilho arroxado.

Voando por cima da multidão, Knotgrass liderou as outras até seus lugares na base dos tronos. Observaram quando o rei Stefan e a rainha Leila passaram por portas imensas no fundo da sala. Knotgrass sorriu, ouvindo os “ohs” e os “ahs” dos convidados quando viram o belo casal. Ela tinha que admitir, o rei e a rainha se complementavam à perfeição: Stefan com seus cabelos escuros ondulados, a tez dourada pelo sol, os ombros largos; Leila com sua pele clara, cabelos loiros e estrutura frágil. Sim, Knotgrass pensou, ambos tão perfeitos. Contudo, se os boatos fossem verdadeiros, um deles tinha um segredo... Uma história tórrida que poderia dar início à próxima guerra.

Knotgrass sacudiu a cabeça. Lá estava ela de novo se prendendo ao passado quando o futuro se desenrolava bem diante dos seus olhos. Voltando a atenção para o casal real, viu a rainha Leila segurando Aurora nos braços, com Stefan bem ao seu lado, com uma expressão inescrutável. Então, o batizado oficialmente teve início.

Primeiro, o rei e a rainha acolheram os convidados, dizendo quanto se sentiam honrados pela demonstração de amor pela filha deles. Em seguida, um menestrel tocou uma canção e um poeta leu um soneto, cada um deles louvando Aurora e lhe desejando vida longa e feliz. Por fim, quando tudo terminou, Stefan acenou para as fadas. Era a vez delas. Era a hora do espetáculo.

Inspirando fundo, Knotgrass voou diante do berço. Sorriu para Aurora. O bebê dormia tranquilamente, os cachinhos dourados circundando a cabecinha como uma auréola.

– Doce Aurora – disse Knotgrass com uma vozinha fina que ecoou pelo salão

–, eu lhe concedo o dom da beleza. – Esticou a mão e tocou com suavidade a testa do bebê, a magia percorrendo seus dedos até Aurora. *Sim, esse foi um presente maravilhoso*, pensou ela. *Provavelmente será o melhor de todos*. Sorrindo com orgulho, virou-se e sinalizou para Flittle.

– O meu desejo – disse Flittle ao se aproximar do berço – é que você nunca sinta tristeza, que seja apenas feliz em todos os dias de sua vida.

Knotgrass reprimiu um gemido. Claro que o dom concedido por Flittle só podia envolver o triste azul.¹ A fadinha era tão previsível.

E então foi a vez de Thistlewit. A fadinha voou até o berço e pairou acima dele. Olhando para o bebê, Thistlewit ficou cantarolando baixinho. Observando a fada vestida de verde, Knotgrass estreitou os olhos. Ela devia ter desconfiado que isso aconteceria. A fada mais jovem não se preparara para o batizado, mesmo que a tivesse lembrado vezes sem conta. E agora ela estava fazendo com que as três parecessem tolas ao ficar parada ali, com um sorrisinho besta no rosto, sem dizer nada e apenas cantarolando.

Knotgrass pigarreou na esperança de chamar a atenção de Thistlewit. A fada não olhou para ela. Knotgrass limpou a garganta uma vez mais, dessa vez mais alto, e, ainda assim, nenhuma reação. Ficando desesperada, Knotgrass arrancou uma florzinha vermelha do seu vestido e a jogou aos pés de Thistlewit. Por fim, a fadinha saiu do seu transe.

Remexeu os ombros como quem pede desculpas e depois se voltou para Aurora. A menina ainda dormia tranquilamente, sem notar todas as atenções que lhe eram dirigidas. Os convidados se moveram para a frente, esforçando-se para ouvir o último desejo concedido.

– Doce bebê, eu lhe desejo... Eu lhe desejo... – Thistlewit gaguejou, subitamente nervosa diante de toda a audiência.

Knotgrass fechou os punhos e aumentou sua carranca. Aquilo era horrível! Thistlewit estava estragando o momento das fadinhas! Stefan provavelmente ficaria mortificado, e Aurora poderia acordar a qualquer instante. Aquilo não tinha como ficar pior.

E foi nesse instante que as velas se apagaram.



Um vento frio percorreu o Grande Salão. Os chapéus das mulheres voaram da cabeça e as capas dos homens açoitaram seus pescoços nervosamente. Trovões ribombaram. Raios reluziram. E, nos breves momentos de luz, Knotgrass via as feições aterrorizadas da multidão que, no entanto, ficaram borradas quando uma

névoa cinzenta avançou pelo salão.

Knotgrass ouviu os trovões e viu os raios. Ao mesmo tempo, uma sensação de medo se alojou em seu estômago. Vira esse tipo de magia apenas uma vez antes: quando Malévola retornara aos Moors e criara um trono para si a partir dos galhos mortos espalhados por perto. Mas não podia ser Malévola. Ela não viria ao castelo de Stefan, onde estaria cercada por humanos. Ela odiava os humanos. Não, de maneira alguma podia ser Malévola. E, se a fada *estivesse mesmo ali*, isso significaria que todos eles estariam em grandes apuros.

Subitamente, os raios e os trovões cessaram. As velas voltaram a se acender. Um instante depois, a fumaça cinza se evaporou. E, quando tudo sumiu, lá estava Malévola, parada no meio do Grande Salão.

A fada parecia ter crescido desde que Knotgrass a vira da última vez. Vestia uma túnica preta que combinava com os chifres pretos projetados do alto da cabeça. Enquanto Malévola passava o olhar pela multidão, uma das suas sobranceiras se ergueu num arco perfeito. Na mão, ela segurava um bastão comprido feito do que parecia ser o galho de uma árvore. E, sobre seu ombro, estava um corvo negro, seu novo companheiro. *Robin II*, Knotgrass o chamou mentalmente.

Malévola começou a se aproximar do rei e da rainha, motivando Knotgrass a recuar um passo instintivamente. Flittle e Thistlewit, com suas asinhas batendo nervosamente, olharam para Knotgrass, que sabia o que elas lhe perguntavam em silêncio. Por que Malévola estava ali? Por que agora? Mas ela não tinha essas respostas. Teriam que esperar para ver.

Não tiveram que esperar muito.

– Ora, ora – disse Malévola, com sua voz ecoando pelo salão.

Fazia séculos que Knotgrass não ouvia Malévola falar. Esquecera-se de como a voz dela podia ser melódica.

– Mas que plateia resplandecente – Malévola prosseguiu enquanto seus olhos verdes brilhantes percorriam os presentes. – Realeza, nobreza, burguesia e, que interessante... – fez uma pausa, estreitando o olhar ao ver Knotgrass e as outras duas fadinhas das flores. – Até a plebe.

Plebe? Knotgrass fumegou. Aquela fada *fingida* chamando-a de plebe? Como ousava? Quem ela achava que era? Knotgrass deu um passo à frente, mas logo foi segurada por Thistlewit. Não seria nada bom tentar atacar a fada das trevas. Ela era, apesar de Knotgrass odiar ter que admitir, mais forte e mais poderosa. Suspirando, franziu a testa, esperando para ver o que Malévola diria em seguida.

Fitando a rainha, cujo cabelo loiro e rosto salpicado por sardas era um absoluto contraste com suas madeixas negras e pele pálida, Malévola retraiu os lábios no que pareceu ser um sorriso.

– Fiquei muito aborrecida por não ter recebido um convite.

O rei Stefan estivera estranhamente calado até aquela altura. Knotgrass refletiu se ele também não estaria com medo. Afinal, ele devia saber quanto Malévola podia ser perigosa com seus novos poderes sombrios. No entanto, ele então avançou um passo, com a mão apoiada no cabo da espada.

– Você não é bem-vinda aqui – ele disse.

– Não sou bem-vinda? – Malévola repetiu. – Oh, mas que situação desconcertante. – Virando-se, fez menção de partir.

Knotgrass sorriu. Bem, até que a situação não ficou tão ruim. Poderia ter sido sem todo aquele vento e aquela fumaça, mas, somando-se tudo, nenhum mal foi feito.

Foi nesse instante que Leila falou:

– Não está ofendida? – a gentil rainha perguntou. Seu bom coração e sua educação real impossibilitaram que ela fosse rude.

Lentamente, Malévola se voltou. Sua expressão era indecifrável, e aquela sensação no estômago de Knotgrass retornou.

– Oh, não mesmo, Vossa Majestade – disse Malévola. Os longos dedos finos pousaram sobre o coração quando ela começou a se mover na direção do berço. – E, para lhes mostrar que não guardo rancor, eu também concederei uma dádiva ao bebê.

Pressentindo que um presente vindo de Malévola jamais seria algo bom, Stefan tentou se colocar diante da fada e deter a sua aproximação, mas ela apenas ergueu um dedo e uma rajada de vento se formou. Stefan parou, trocando um olhar com Malévola quando ela passou por ele. Stefan parecia surpreso e perturbado com o poder dela. Knotgrass não conseguia entender como Leila não sentia a tensão, o *ódio* entre aqueles dois.

Conforme Malévola se aproximava do berço, Knotgrass olhava agitada para a fada e para a pequena Aurora. Tinha que fazer alguma coisa. Não podia deixar que Malévola ficasse perto do bebê. Inspirando fundo, voou até lá e se colocou entre Malévola e Aurora. Flittle e Thistlewit a seguiram.

– Afaste-se da princesa! – exclamou Knotgrass.

Malévola gargalhou.

– Mosquitos – disse antes de afastá-las, uma a uma, com petelecos. E depois parou junto ao berço.

Dentro dele, Aurora despertara. Olhava curiosa com olhinhos arregalados. Knotgrass observou e aguardou para ver o que aconteceria em seguida. Por um instante, Malévola simplesmente fixou o olhar em Aurora, com uma expressão estranha no rosto. Se Knotgrass não a conhecesse bem, poderia dizer que Malévola parecia quase... enciumada. Mas por que ela teria ciúmes?

Por fim, Malévola levantou a cabeça. Virando-se, dirigiu-se à multidão.

– Ouçam bem todos vocês – começou. – A princesa de fato crescerá com graça e beleza. Será amada por todos que a conhecerem. Mas, antes que o sol se ponha em seu décimo sexto aniversário, ela... – Malévola fez uma pausa. Knotgrass viu quando a fada olhou ao redor, à procura de algo. Seu olhar se demorou num dos presentes dados a Aurora. Sorrindo, prosseguiu: – Ela espetará o dedo no fuso de uma roca de fiar e cairá num sono profundo como a morte. Um sono do qual jamais despertará.

A multidão agrupada começou a sussurrar, as vozes abafadas tomando conta do Grande Salão. A rainha arfou quando Stefan deu um passo à frente.

– Malévola – disse ele, com uma voz carregada de dor. – Não faça isso. Eu imploro.

Malévola inclinou a cabeça.

– Adoro quando implora – disse. – Faça isso de novo.

Houve um momento de tensão quando uma comunicação sem palavras pareceu fluir entre o rei e a fada. Por fim, Stefan suspirou.

– Eu imploro – repetiu ele, travando a mandíbula.

– Está bem – disse Malévola. Depois ela deu de ombros, que pareciam despidos e estranhos sem as imensas asas fixas neles, e aguardou um instante mais antes de dizer por fim: – A princesa poderá despertar de seu sono profundo, mas somente... por um beijo do amor verdadeiro. – O vento começou a soprar de novo quando Malévola foi seguindo para as portas. Ela, porém, ainda não havia terminado. Acrescentou com um olhar significativo para Stefan: – Esta maldição durará para sempre. Nenhum poder no mundo poderá mudá-la.

Com a maldição lançada, Malévola desapareceu pelas portas.



Além de significar “azul”, *blue*, em inglês, também pode ser traduzido como triste. (N. T.)



A noite caíra. Ainda assim, o céu estava claro como o dia, por causa das centenas de fogueiras em todo o reino. O rei Stefan dera a ordem. Todas as rocas de fiar, desde a menor até a maior delas, deveriam ser queimadas. O rei não se

importava se isso significasse que todas as fiandeiras do reino teriam que tecer fios e tecidos a mão. Não se importava se tudo demorasse mais para ser produzido e se a qualidade dos vestidos de sua esposa se deteriorasse. Queria todas as rocas de fiar destruídas.

No Grande Salão, Knotgrass fitava o rei Stefan, nervosa. Nunca o vira tão bravo. Já enviara a rainha histérica para seu quarto e agora estava nos degraus diante do trono, segurando Aurora nos braços. Seu rosto estava rubro e ele tremia. O que Knotgrass não sabia, apesar de jamais dar voz à sua confusão, era se ele estava mais perturbado por causa da maldição ou pelo fato de Malévola ter entrado no castelo. Vira o modo como os dois se fitaram. Era um olhar mais alto do que qualquer grito. Era um olhar que indicava uma história muito mais complicada do que Knotgrass poderia imaginar. Era um olhar envolvido em ódio, amor e sofrimento. Como se ele tivesse traído Malévola e toda a sua família. Até mesmo seus falecidos pais. Pensou em perguntar ao rei o que de fato estava acontecendo. O motivo de Malévola ter se interessado pelo bebê dele. No entanto, resolveu que não se importaria de verdade com isso. Contanto que continuasse segura, aquecida e em meio ao luxo, era só isso o que contava. E foi nesse instante que o rei Stefan deu outra ordem.

– Knotgrass – ele disse, a voz ecoando no imenso salão deserto.

A fada das flores engoliu em seco e se aproximou voando.

– Sim, Vossa Majestade?

Os olhos do rei se estreitaram ao olhar para a fada de cima a baixo. Suspirou como se estivesse desgostoso, mas prosseguiu:

– Vocês três terão que deixar o castelo imediatamente.

Knotgrass sentiu um vazio no estômago. Banidas do reino? Para onde iriam? Como viveriam? Aquele era seu pior pesadelo. E ele ainda piorou.

– E vocês vão levar Aurora com vocês.

Thistlewit e Flittle, que até aquele ponto estiveram caladas ao lado de Knotgrass, subitamente emitiram gritinhos de protesto.

– Não sabemos nada sobre bebês! – reclamou Thistlewit.

Stefan encarou a fada.

– Você conhece Malévola, não conhece? – ele rebateu. – Sabe do que ela é capaz.

– Não podemos ir contra ela – Flittle observou.

– Isso é óbvio – Stefan respondeu. – Tudo o que têm que fazer é esconder o bebê. Levem-na para o interior da floresta, onde ela não poderá ser encontrada. Escondam-na até que a maldição passe. E não usem, em nenhuma circunstância, a sua magia.

– Por dezesseis anos? – Knotgrass perguntou.

Stefan concordou.

– A mãe dela e eu concordamos com isso. É o que deve ser feito para salvar a minha filha.

Knotgrass suspirou. Sabia o que aquilo significava. Significava dezesseis anos de cuidados com uma criança *além* de Thistlewit e Flittle, porque não existia a mínima possibilidade de que aquelas duas servissem de alguma ajuda. Mal eram capazes de cuidar de si próprias. Seria horrível. A menos que conseguissem algo em troca...

– O que receberemos com isso? – perguntou.

O rosto do rei Stefan assumiu um tom horroroso de roxo. As mãos dele começaram a tremer. Mas foi só quando o rei começou a gritar que Knotgrass percebeu que dissera a coisa errada.

– Vocês terão a satisfação de servir ao seu *rei* e *governante*! – berrou, a voz retumbante fazendo com que os cabelos da fada voassem para trás.

Knotgrass resistiu ao desejo de ajeitar os cachos. Depois fitou os olhos do rei – os frios e escuros olhos do rei. Fitou seus punhos, que estavam cerrados de uma maneira ameaçadora. Knotgrass começou a tremer de medo. E isso apenas pareceu encorajar o rei Stefan, que deu um passo para perto dela.

– Você quer agradar ao seu rei, não quer? Porque existem determinados lugares para traidores, lugares que, acredito, considerará muito menos confortáveis – disse ele ameaçadoramente.

Knotgrass recuou até se ver acuada num dos cantos do salão.

– Sim. Claro que sim, Vossa Majestade – ela gaguejou.

Embora sempre tivesse pressentido um lado negro, algum tumulto interno, jamais testemunhara aquela faceta do rei. Ela sempre o considerara apenas um camarada sensível, perturbado por algumas decisões passadas, não um lunático violento. Knotgrass estremeceu. O rei Stefan era aterrorizante.

Thistlewit e Flittle se agacharam perto dela, e juntas esperaram para ver o que o rei Stefan diria em seguida. Knotgrass esperava mais gritos. Talvez uma ou duas ameaças. O que ela não esperava era que ele empurrasse o bebê em seus braços. Aurora, por mais que tivesse poucas semanas de vida, era quase tão grande quanto as fadinhas, e elas se esforçaram para não deixá-la cair no chão duro de pedras.

– No dia seguinte ao décimo sexto aniversário dela – ordenou o rei –, tragam-na para casa. Agora me digam: o que vocês vão fazer?

– Esconder o bebê – respondeu Flittle.

– Até quando? – Stefan perguntou.

– Até seu décimo sexto aniversário – Thistlewit respondeu, orgulhosa de si mesma por se lembrar.

Mas Stefan meneou a cabeça com raiva.

– Não! Até o dia seguinte ao aniversário dela! Repitam!

Se o rei não tivesse acabado de ameaçá-la, Knotgrass teria revirado os olhos. Não precisava ser lembrada.

– Até o dia seguinte ao aniversário dela! – ela respondeu. – Nós sabemos! Vamos continuar com isso.

Com a pequena Aurora entre elas, as três fadinhas atravessaram o Grande Salão. Assim que chegaram à porta, Knotgrass olhou por cima do ombro. O rei não observava a partida delas. Já estava conversando concentrado com o capitão da guarda. Knotgrass pensou: *Ele não se importa nem um pouco de não ver a filha por dezesseis anos? Sentirá saudades dela? Ou estará tão concentrado em destruir Malévola que nem perceberá?*

Suspirou. De nada adiantaria imaginar o que o rei faria ou não faria. Ele lhes dera suas ordens. Elas não tinham escolha a não ser cumpri-las.



Nas poucas horas seguintes, Knotgrass e as outras se apressaram, tentando se preparar para a partida. Knotgrass estava se sentindo mal. Não desejava deixar o castelo. Amava morar ali, com aquelas camas quentinhas, a comida deliciosa, toda aquela ostentação. A vida no reino combinava com ela. Não estava talhada para voltar a viver na floresta, e agora teria que cozinhar e limpar, e o pior de tudo, sem usar magia.

Mas era o que a vida lhe reservava agora. Stefan deixara bem claro: a magia estava fora de questão, pois poderia chamar a atenção sobre o esconderijo delas, e ninguém poderia saber onde elas ficariam, ninguém. Então Knotgrass pensou com um suspiro: *pelos próximos dezesseis anos, a vida vai ser insuportável.*

Quando terminou de juntar as poucas coisas que tinha permissão de levar consigo, Knotgrass foi procurar Flittle e Thistlewit. Não demorou muito. Pedira que providenciassem o transporte e as encontrou no estábulo, sentadas no banco de uma carroça. Na parte de trás, Aurora dormia placidamente, aninhada em cobertas quentes.

Resignada, Knotgrass subiu no banco. Em seguida, segurou e bateu as rédeas, e o cavalo avançou. Momentos depois, passavam por baixo do arco gigantesco que marcava a entrada do castelo e cruzavam a ponte levadiça. Quando as passadas do cavalo se aceleraram, Knotgrass se virou para olhar para o castelo. Ele parecia o mesmo, mas ela sabia que não era. Nada nunca mais seria o mesmo para a família real.

O grupo singular prosseguiu por um tempo. Logo o castelo desapareceu das vistas conforme a estrada se estendia diante delas. Em algum momento teria que sair da estrada e entrar na floresta, mas por enquanto Knotgrass estava satisfeita em manter o curso. Estava se acostumando ao balanço estável da carroça quando, de repente, o cavalo relinchou e disparou a galope.

As três fadas foram sacudidas e, nos fundos da carroça, Aurora começou a chorar. Knotgrass se abaixou para pegar as rédeas, mas de nada adiantou. Elas balançavam soltas. A carroça estava descontrolada!

Por alguns momentos assustadores, o cavalo continuou a galopar, os cascos ressoando no chão duro. Os gritos de Aurora ficaram mais altos. Thistlewit e Flittle se agarraram inutilmente às laterais da carroça. E Knotgrass continuou a tentar controlar a situação.

– Façam-na ficar quieta! – exclamou para as outras fadas, quando Aurora soltou um berro que incitou o cavalo a galopar ainda mais rápido. Quando elas foram para trás para tentar acalmar o bebê, Knotgrass se esticou uma vez mais para apanhar as rédeas. Seus dedos resvalaram uma vez, duas e então, por fim, fecharam-se ao redor das tiras de couro. – Pare! – gritou, puxando as rédeas para trás com toda a força que o seu corpinho permitia. As outras fadas desceram pela parte de trás da carroça. Quando ficaram diante de Knotgrass, a fada das flores continuou: – Não posso fazer tudo. Eu só pedi que cuidassem da menina.

– Ela é grande demais para nós – protestou Flittle.

– Precisamos de um bebê menor – acrescentou Thistlewit.

Knotgrass estava prestes a informar Thistlewit de que seria impossível tornar o bebê menor quando teve uma ideia. Era verdade, elas não podiam fazer com que o bebê ficasse menor – Aurora teria que crescer um dia –, mas elas podiam ficar maiores! Sorrindo, tocou a testa com o dedo e disse:

– Cresçam! – E depois fez o mesmo com as outras duas.

Houve um agito de magia e o ar tremulou. Quando espireceu, as pequenas fadas das flores já não eram mais pequenas. Estavam do tamanho de humanos normais. Os únicos aspectos de fada que lhes restaram foram as asas e as orelhas pontudas. Mas Knotgrass disse para si mesma que isso poderia ser facilmente escondido de Aurora.

– Agora ninguém perguntará mais nada – Knotgrass disse quando Flittle e Thistlewit arregalaram os olhos ao ver seus novos corpos. – Não somos mais fadas. Somos três camponesas criando uma órfã na floresta. Portanto, nada de voar.

– Sem voar? – Thistlewit repetiu.

Knotgrass acrescentou:

– E nada de magia!

Satisfeita consigo, Knotgrass subiu na carroça. As outras duas levaram seus corpos desajeitados para a parte traseira da carroça com Aurora. Knotgrass incitou o cavalo a seguir em frente, e elas retomaram a viagem. Agora só precisavam encontrar um lar.





Fazia horas que vinham viajando em meio à floresta, à procura de um lugar para chamar de lar. Claro, viram alguns lugares interessantes. Passaram por um lago adorável, com as margens ladeadas por rochas polidas e uma

pequena cascata numa das pontas. Viram diversas clareiras cercadas por árvores altas que proveriam ampla sombra. Encontraram um vale cercado por arbustos frutíferos que lhes dariam bastante alimento.

No entanto, não viram nenhum lugar que lhes desse abrigo a menos que usassem magia para criar uma casa. Sim, claro que moraram na natureza por muitos anos nos Moors, mas agora que estavam acostumadas aos luxos de uma habitação não queriam voltar para aquele estilo de vida. Já era ruim o bastante não viverem mais num castelo. Knotgrass estava tentada a invocar o aparecimento de uma casa grande, completa, com mobília elegante e, quem sabe, até um quarto especialmente para a bebê. Mas elas não podiam usar magia. Portanto, permaneciam sem teto. Seria um milagre se encontrassem quatro paredes e um telhado. Isso tudo era extremamente aborrecido.

Finalmente, Knotgrass viu uma clareira em meio às árvores grossas. Seria ali? Estava conseguindo ver pedras em meio aos arbustos? Do tipo que se usava para construir casas? *Oh, por favor, permita que seja algo confortável com apenas um toque de luxo*, pensou Knotgrass.

Tentando não ter muitas esperanças, incitou o cavalo a avançar. Quando chegaram à clareira, Knotgrass soltou um suspiro de alívio. Sorriu com coragem para Thistlewit e Flittle.

– Acho que encontramos – anunciou Knotgrass, apontando para o vale.

Juntas, as três fadas desceram da carroça e olharam ao redor. No meio da clareira havia um chalé abandonado. O telhado estava coberto por folhas secas e as janelas estavam imundas. O que um dia devia ter sido um singelo jardim estava tomado de ervas daninhas, e o que restava de um varal estava penso no lado oposto da casa. Knotgrass suspirou. Que luxo que nada. Aquilo não estava na sua melhor forma, mas teria que servir. Afinal, não viram nenhum outro chalé pelo caminho.

Knotgrass caminhou até a casa e com cuidado empurrou a porta da frente. No mesmo instante, ela espirrou quando uma nuvem de poeira chegou ao seu nariz. Quando o acesso de espirros terminou, ela espiou o interior.

Havia um cômodo grande com uma mesa comprida no meio e uma pequena lareira num dos cantos. Na parede oposta, uma escadinha levava ao que Knotgrass imaginava ser um tipo de sótão, e ela enxergava uma porta que só podia dar no quarto.

– Isso vai ter que servir – ela disse. – Bem-vindas ao lar, senhoras.



Knotgrass nunca esteve tão cansada na vida. Tampouco estivera tão imunda. Nem quando moravam ao ar livre. E, agora que estavam morando num chalé, elas queriam se certificar de que estariam de fato se sentindo morando num chalé e não numa caixa de sujeira.

As três fadas passaram a tarde inteira esfregando e varrendo, lavando e limpando. Todas as superfícies estavam cobertas de sujeira. O quarto do andar de cima estava com folhas no chão, e no sótão havia teias de aranha em cada canto. Pense em algo verdadeiramente nojento. Ela precisou de todo autocontrole para não estalar os dedos e limpar magicamente o chalé até que tudo brilhasse. Mas ela não fez isso. Precisava liderar dando o exemplo e não seria nada bom ceder pouco depois de chegarem.

Por fim, quando tudo ficou o mais limpo que poderiam deixar por enquanto, Knotgrass saiu, apanhou o cestinho de Aurora e a levou para dentro. Depositou o bebê numa mesa comprida debaixo de uma das janelas. Depois foi atrás de um copo de água. Toda aquela faxina a deixara morrendo de sede.

Logo atrás, ouviu Aurora gracejando e balbuciando com alegria. Era um som agradável, e Knotgrass se viu sorrindo. Criar aquela coisinha adorável seria muito fácil. Mas então o bebê começou a chorar.

Knotgrass se apressou para a mesa, Thistlewit e Flittle a seguiram. Ficaram ao lado da cestinha, olhando confusas para o bebê.

– Por que ela está chorando? – Flittle perguntou.

Knotgrass revirou os olhos. A resposta era óbvia. Por que era ela quem sempre tinha que pensar em tudo?

– Ela está com fome – explicou. – Dê-lhe uma fruta.

Tendo resolvido o assunto, Knotgrass saiu do chalé. Atrás dela, Thistlewit e Flittle olharam uma para a outra e ergueram os ombros. Apanharam uma maçã, uma laranja e uma banana do cesto sobre a mesa e colocaram as três dentro da cestinha de Aurora. Depois disso, as duas também saíram.

Na sua cestinha, os dedinhos minúsculos de Aurora tentaram segurar uma fruta, mas sem sucesso. A comida era grande demais. Escancarando a boca, recomeçou a chorar com ainda mais força.



Knotgrass estava aborrecida. Estava morando num chalé minúsculo no meio da floresta e dormia numa caminha dura ao lado de Thistlewit e de Flittle, sendo que as duas tinham tendências a roncar. Não tivera uma refeição decente em horas. E o pior, Aurora não parava de chorar.

Chorara quando lhe deram a fruta. Chorara quando colocaram um copo de água ao seu lado para o caso de ela estar com sede. Chorara quando a pegaram no colo. Chorara quando a deitaram. Por um instante breve e abençoado, ela parara de chorar enquanto elas jantavam. Mas logo Aurora recomeçara com o choro sem parar desde então.

Já era de madrugada, e a cabeça de Knotgrass latejava. As outras continuavam olhando para ela à espera de ordens, mas ela não fazia a mínima ideia do que fazer. Tampouco queria admitir isso para elas.

Nunca antes cuidara de um bebê, quanto mais de um bebê humano. Nunca perceberam quanto isso podia ser frustrante! No que o rei estivera pensando quando lhes impusera essa tarefa? Será que sabia que seria uma forma especial de tortura?

Na cama ao lado da sua, Thistlewit gemeu e cobriu a cabeça com as cobertas. Flittle colocou a cabeça debaixo do travesseiro e soltou um grito abafado. Por fim, as três se levantaram. Com olhos vermelhos, desceram para o cômodo principal, onde Aurora estava aos berros deitada em sua cestinha.

– Pare de chorar, bebê! – Thistlewit implorou. – O que você quer de nós?

– Ela só pensa em si mesma – acrescentou Flittle.

Thistlewit ainda disse:

– Vou enlouquecer.

Knotgrass abaixou o olhar para a pequenina, pasma por uma coisinha tão diminuta conseguir ser tão ensurdecadora. E tão egoísta. Ela só queria dormir um pouco. Se Aurora parasse de chorar por algumas horas apenas, talvez Knotgrass não fantasiasse em seguir até a porta e abandonar as fadas e o bebê de uma vez por todas. Mas ela tinha certeza de que Stefan a encontraria e, depois de sua última conversa, ficou claro que não queria se estranhar com ele.

Knotgrass andou ao redor do bebê, estreitando o olhar com desgosto. O problema é que não fazia a mínima ideia do porquê de Aurora estar chorando.

E não era para ela ser *feliz* por causa da dádiva concedida por Flittle? Ela não devia ter feito do jeito certo – não que isso fosse uma surpresa. Suspirando, Knotgrass se virou e voltou para o quarto. Thistlewit e Flittle logo a seguiram.

As fadas se arrastaram de volta para a cama, cobrindo as orelhas. No fim, Thistlewit e Flittle caíram num sono agitado, os roncos altos competindo com o choro de Aurora. Os olhos de Knotgrass se arregalavam e tremulavam a cada poucos minutos. Aquilo simplesmente não poderia continuar assim. Afinal, ela precisava do seu sono de beleza.

Assim que o sol despontou no horizonte, Knotgrass continuava deitada completamente dura na cama, com todos os músculos tensos. Os gritos de Aurora estavam roucos, mas a pequena princesa continuava berrando assim

mesmo. E então, de repente, o bebê se aquietou.

Knotgrass prendeu a respiração, esperando. Pensou que Aurora provavelmente só estava recuperando o fôlego. Recomeçaria a chorar a todo vapor a qualquer instante. Um minuto se passou. Depois cinco. E então quinze. E nada de choro.

Curiosa, Knotgrass saiu da cama e silenciosamente andou na ponta dos pés até o cômodo principal. Olhando para o bercinho, só conseguia ver o bebezinho. Aurora estava dormindo de costas. Seus dedinhos estavam fechados ao redor da manta e um polegar chegara até a boca.

Knotgrass sorriu e voltou para a cama na ponta dos pés de novo. Mas antes parou. Olhando por cima do ombro, seus olhos se estreitaram. O berço, que antes estivera parado, agora se movia com muita suavidade, e seu movimento era a resposta para o sono de Aurora.

Isso é estranho, Knotgrass pensou. Como é que ele estava se mexendo sozinho? Ela inspirou fundo. Havia um cheiro diferente no ar. Como de flores e de terra. Na verdade, era o cheiro dos Moors de antigamente. Depois deu de ombros. Isso lá tinha importância? Provavelmente era por causa do vento soprando pela janela aberta. E Aurora finalmente estava adormecida – o que significava que ela também poderia dormir.

Subindo na cama, puxou as cobertas e fechou os olhos. Chegaram ao fim do primeiro dia. Com muito sacrifício, mas chegaram. E sem usar magia, vejam só. Agora só tinham mais dezesseis anos pela frente.





O tempo passou. No castelo, o rei Stefan promoveu uma guerra perdida contra Malévola. Ordenou aos ferreiros que fabricassem grandes placas sólidas de ferro, que colocou nas paredes do castelo. Ferro, a única coisa que

podia ferir Malévola, tornou-se sua obsessão. Depois comandou seu exército para que atacasse a Muralha de Espinhos que ela criara para separar os Moors do mundo humano. Mas foi inútil: a Muralha de Espinhos provou ser impenetrável. A rainha Leila definhou lentamente, seu coração estava partido, sem poder ser consertado. O reino se tornou um lugar triste, dividido pelas imensas paredes de espinhos e de ferro. Ninguém ria. Ninguém se divertia.

No chalé no meio da floresta, a situação era diferente. O chalé era um lugar de riso e de vida. Pelo menos Aurora ria – e crescia. Já não era mais uma nenezinha, era uma criança que sorria e vagueava pela clareira num dia ensolarado de inverno. Dava risadinhas ao explorar o jardim na primavera. Durante o verão, gargalhava ao brincar com as roupas limpas dentro do cesto, perto do varal. Batia as mãozinhas deliciada quando encontrava uma flor em botão. A cada dia que passava, ela se tornava mais charmosa e mais perfeita.

A maioria das mães teria ficado extasiada em ter uma filha como Aurora, mas Knotgrass, Thistlewit e Flittle não eram como a maioria das mães. Na verdade, de mães não tinham nada. Knotgrass ignorava Aurora quando ela tentava lhe mostrar os desenhos das flores e das criaturas que se assemelhavam incrivelmente a uma estranha figura de chifres e um corvo. Flittle fingia não perceber quando a menininha puxava a barra do seu vestido, pedindo para brincar. Quando sentada ao sol do entardecer, Thistlewit fechava os olhos e fingia dormir enquanto Aurora se aproximava com passos trôpegos e tentava se sentar em seu colo.

Quando Aurora murmurou sua primeira palavra, Knotgrass deu de ombros, e quando a princesa começou a unir as frases, dizendo palavras estranhas como “sombra”, elas não a elogiaram pela menina inteligente que era. Contanto que a princesa permanecesse nos limites da clareira, suas “tias” – elas haviam decidido que esse era o melhor modo de se denominarem – não se importavam com o que ela fazia. Prometeram ao rei Stefan que manteriam Aurora escondida até o dia seguinte ao seu décimo sexto aniversário. Não prometeram gostar de fazer isso. E, conforme os anos passavam, com muita frequência Knotgrass se via encolerizada pelas restrições de estarem vivendo no meio da floresta.

Certa tarde, Knotgrass estava à mesa, fitando sem ver o jogo de cartas que tinha diante dela. Estava entediada. Passaram a manhã inteira dando banho em Aurora, o que resultou numa quase inundação, visto que a menina considerava muito divertido ficar chapinhando a água como uma louca. Em seguida, tiveram que apanhar frutos silvestres para fazer uma torta e, depois disso, juntaram lenha para o inverno que se aproximava. Considerando-se tudo, fora um dia bem entediante, e Knotgrass se viu desejando cada vez mais os dias repletos de atividades do castelo.

Ao seu lado, Flittle também estava evidentemente entediada. Pegava um fio solto do vestido sem pensar. Logo se cansou disso e levantou os pés.

– Detesto os meus pés – comentou, sacudindo-os no ar. – Eu tinha pés tão pequeninos.

– Sinto falta das minhas asas – Thistlewit disse, suspirando. Depois olhou, cheia de esperanças, para Knotgrass. – Aurora está dormindo. Podemos deixar nossas asas tomarem um pouco de ar? Só um pouquinho?

Knotgrass ficou calada por um instante. Fazia um século que não soltavam as asas.

– Ora, muito bem – concordou Knotgrass sorrindo. – Soltem-nas, senhoras! Voem!

Soltando um gritinho de alegria, Thistlewit apertou bem os olhos. Ouviu-se um *pop!*, e ela virou o pescoço, desejando ver suas asas de novo. Seu rosto mostrou tristeza. As asas estavam soltas, mas em vez de terem o tamanho proporcional ao seu corpo de humana, duas pequeninas asas do tamanho das fadas farfalhavam em suas costas. Ao seu lado, Flittle e Knotgrass fizeram o mesmo, obtendo um resultado idêntico.

Dando um passo adiante, Knotgrass tentou voar. Não conseguiu. Estava grande demais, e suas asas, pequenas demais. Pairou no ar por um breve instante antes de despencar no chão. Quando ela apoiou a cabeça nas mãos, Thistlewit e Flittle começaram a chorar.

Seguindo a deixa, no andar de cima Aurora também começou a chorar. Knotgrass suspirou. Bem que o décimo sexto aniversário da menina podia chegar logo.



O verão chegara à floresta. Os galhos das árvores estavam pensos sob o peso das folhas verdes. Ervas e vegetais enchiam a horta, criando filas ordenadas de salsinha e alecrim, de tomates e de ervilhas. Nos limites da clareira, flores do campo se espalhavam da noite para o dia, com os talos se erguendo para o sol. Quase todos os dias eram claros e quentes; o céu, de um azul brilhante; e as nuvens, de um reluzente branco.

Já com três anos, a menina Aurora, que passara boa parte da estação anterior confinada no interior da casa enquanto suas tias faziam a anual faxina da primavera, era uma explosão de energia. Jogou-se no chão, sem se importar com as manchas de grama no vestido, e se deliciou sob o calor do sol. Ela estava absolutamente radiante, e o efeito disso foi contagiante. Mesmo a rabugenta

Knotgrass se viu cantarolando uma canção enquanto trabalhava no jardim à tarde. E quando Aurora perguntou, com sua vozinha fina, se poderiam brincar na campina, Knotgrass não pôde negar.

Foi assim que se viram, no meio de uma tarde quente, fazendo um piquenique na campina imensa e aberta. Tendo se acomodado sobre uma manta xadrez, Knotgrass, Thistlewit e Flittle se prepararam para saborear a refeição. Atrás delas, ouviam Aurora tagarelando consigo mesma enquanto vagava pela grama alta. “Passarinho bonito”, Knotgrass ouviu a menina dizer. “Passarinho bonito, bonito.” Olhando por sobre o ombro, a fada esperou ver um azulão ou quem sabe um beija-flor, mas, em vez disso, viu um corvo preto e feio. A menina estava esticando a mão na direção dele, com um sorriso radiante no rosto.

Knotgrass suspirou. Às vezes, Aurora conseguia ser uma menina muito esquisita. Não era a primeira vez que ela a via conversando com um corvo. Knotgrass sabia que as chances de ser o mesmo pássaro eram remotas, mas Aurora sempre os chamava do mesmo modo: passarinho bonito. De vez em quando Knotgrass pensava em corrigi-la. Afinal, o pássaro podia ser qualquer coisa, menos bonito. Na verdade, se se lembrava bem, Malévola tinha um corvo horroroso. O que provava que corvos eram criaturas desagradáveis. Knotgrass, porém, não tinha energia para reprovar Aurora. Se a princesinha queria fazer amizade com estranhas criaturas, isso pouco importava, contanto que se divertisse sozinha e a deixasse em paz.

Voltando a sua atenção para as outras, Knotgrass se virou bem a tempo de ouvir Thistlewit emitir um grito.



– Ai! – exclamou a fadinha.

Em seguida, quando Knotgrass olhou para a confusão, Thistlewit esticou a mão e puxou o cabelo de Flittle.

– Ai! – reclamou Flittle. Por sua vez, ela esticou a mão e puxou o cabelo de Knotgrass.

– Ai! – berrou Knotgrass, levando a mão à cabeça.

O que estava acontecendo? Por que começaram a puxar os cabelos umas das outras? Estivera olhando diretamente para Flittle quando Thistlewit soltara o primeiro grito. As mãos de Flittle estiveram cheias de uvas. Não havia a menor possibilidade de ela ter puxado o cabelo da outra fada.

Mas, se Flittle não fez isso, e eu também não, Knotgrass pensou, quem fez, então?

Abriu a boca para tentar fazer com que as outras duas parassem de brigar, quando Thistlewit deu um puxão bem forte no seu cabelo. Seus olhos lacrimejaram e ela franziu a testa. Já chega. Com um rugido, Knotgrass se lançou sobre os pés dela e começou a puxar cabelos a torto e a direito. Em instantes, as três estavam metidas numa confusão de mãos e pés e puxões de cabelo.

Quando os puxões se tornaram beliscões, Knotgrass viu pelo canto do olho que o corvo com quem Aurora estivera brincando antes voara para perto delas. O pássaro gralhava furiosamente e batia as asas. Era como se o pássaro estivesse tentando contar algo importante para as fadas.

Mas não passa de um pássaro idiota, Knotgrass pensou, não pode nos contar nada que valha a pena ouvir.

Esticando a mão, tentou enxotar a criatura, mas ela não se moveu. Saltou em meio às três, crocitando bem alto. Bem quando ela ia se virar para puxar as penas, o corvo se afastou voando.

Quando a guerra de puxões terminou, as três fadas estavam sem fôlego e completamente desarrumadas. Foi só então que Knotgrass se lembrou de Aurora. Esqueceram-se de que a pequena princesa estivera vagando por aí sozinha. Pondo-se de pé, Knotgrass passou os olhos pela campina. Aurora não estava próxima das árvores perfiladas ao longo do outeiro gramado. Não estava perto do riacho na parte oeste nem nos arbustos de frutas silvestres a leste. Com uma sensação crescente de medo, Knotgrass se virou para o extremo oposto da campina, onde a grama terminava num despenhadeiro íngreme e rochoso. Um passo em falso faria com que a menina despencasse para baixo. Seus olhos se apressaram para a beirada. E foi então que Knotgrass soltou um suspiro de alívio.

Sentada perfeitamente a salvo da beirada do despenhadeiro, com as perninhas batendo alegremente, lá estava Aurora. O estranho era que parecia que alguém a tinha colocado sentada ali, como se alguém tivesse se preocupado com a segurança dela. Mas Aurora parecia não se importar com a situação aparentemente misteriosa. Só o que ela fazia era dar risadinhas. E depois, batendo as mãos, ela disse:

– Passarinho bonito.





Cinco anos se passaram. Aurora, agora com oito anos, ficava mais bela a cada dia. Não era mais uma grande preocupação para as fadas e passava boa parte dos seus dias sozinha, quer na floresta adjacente à clareira, quer no

sótão, com as janelas escancaradas, quando suas tias insistiam para que entrasse. Tomava chá com seus amigos imaginários, conversava com os pássaros e fazia desenhos coloridos. Passava horas fazendo correntes compridas de margaridas, entregando-as como presentes depois do jantar. Com muita frequência, as fadas encontravam Aurora entre as árvores, sempre sorrindo, sempre feliz.

Para Knotgrass, a ligação da criança humana com a natureza era assustadora. Mesmo ela, que crescera nos Moors, onde a natureza era uma força mágica, não gostava de passar tanto tempo entre pássaros, abelhas, flores e árvores. Ficava muito mais contente em permanecer no chalé, sonhando com o dia em que poderia retornar ao castelo, ou se divertindo surrando Thistlewit e Flittle nas partidas de xadrez.

Certo dia de verão, Aurora passara a manhã inteira explorando a floresta. Quando voltou para casa para almoçar, Knotgrass insistiu para que passasse a tarde em casa. Por isso, Aurora subiu para o sótão para brincar com suas bonecas artesanais prediletas.

Francamente, essa criança é tão esquisita, Knotgrass pensou quando viu Aurora pegar a boneca de chifres grandes e um corvo recheado de palha. *Que tipo de bonecos são esses?* Erguendo os ombros, Knotgrass desceu as escadas, desejando vencer as outras fadas no xadrez.

Logo as três fadas se sentaram junto à longa mesa de madeira no meio do chalé. Um pano com quadradinhos mal desenhados estava estendido sobre a mesa. Uma pilha de peças de xadrez confeccionadas em madeira estava diante de Flittle. Sentada à frente dela, Knotgrass fitava a pilha, franzindo a testa. Odiava perder. Ainda mais para a distraída Flittle. Apontando para o outro lado do cômodo, esperou que Flittle se virasse e depois apanhou algumas das suas peças de volta, mas não rápido o bastante.

– O que foi isso? – Flittle disse ao virar a cabeça em tempo de ver os dedos de Knotgrass se fecharem ao redor de uma das figuras de madeira. – Você está trapaceando!

Knotgrass abriu a boca, fingindo estar ofendida.

– Estou ofendida com a sua insinuação! – ralhou.

– Não insinuei nada – disse Flittle, sacudindo a cabeça. – Eu flagrei você. Sua... Sua... – Debateu-se para encontrar o insulto adequado. – Sua porca gorda e trapaceira!

– Sua galinha mal-humorada! – Knotgrass replicou.

Os olhos de Flittle se estreitaram. A batalha estava começando.

– Pava empoadada!

– Ratazana fedorenta!

E assim prosseguiram, trocando insultos. Parecia que a guerra de palavras não

teria fim quando, de repente, uma gota de água caiu sobre a cabeça de Knotgrass. Ela a afastou com a mão como se tivesse sido um inseto incômodo. Mas outra gota caiu em sua testa. Olhando para cima, ela tentou ver se havia alguma goteira. Não vendo nada, suspirou e escorregou de lado no banco.

Plop, plop, plop.

Outras três gotas caíram direto na cabeça de Knotgrass. Isso não podia ser coincidência. E a lembrou de algo que acontecera havia muito tempo nos Moors, com uma nuvem particularmente endiabrada. Isso só podia ser magia. Lançou um olhar furioso para Flittle.

– Pare com isso – ordenou.

– Não estou fazendo nada! – protestou Flittle.

Plop, plop, plop, plop. Mais água caindo.

– Bem, alguém está! – Knotgrass rebateu.

Flittle deu de ombros.

– Talvez haja uma goteira no telhado. Já pensou nisso?

– Só pode haver goteira se estiver chovendo. – Apontou para fora. Não havia uma nuvem sequer no perfeito céu azul. – Está chovendo?

Thistlewit, que até aquele momento só estivera observando as duas, divertindo-se a valer, balançou a cabeça.

– Não, não está chovendo.

Knotgrass concordou.

– Exato. Então não pode ser uma goteira. Vocês duas estão zombando de mim e eu não vou... – A voz dela se perdeu quando mais água se derramou sobre sua cabeça. Batendo as mãos na mesa, Knotgrass se pôs de pé. – *Parem já!* – berrou.

Na mesma hora, a água parou.

Por um instante de tensão, ninguém disse nada. Todos esperaram para ver se as gotas voltariam a cair, mas quando, depois de alguns minutos, não caíram, Knotgrass foi se sentando devagar. Olhou para cima só para se certificar de que aquilo acabara de vez. O teto parecia seco. Não havia nenhuma gota em vista. Sorriu.

Então começou a chover.

A água se despejou em cima de Knotgrass, encharcando-a até os ossos. Flittle e Thistlewit começaram a rir, só para serem atingidas por uma onda que pareceu surgir das escadas. Todas gritaram.

– Quem está usando magia? – Knotgrass gritou. – Eu disse: nada de magia!

Mas de nada adiantou. A chuva continuou caindo, molhando o chalé inteiro. Alguém estava usando magia. Isso estava claro. O que não estava claro era *quem*.



Algumas horas mais tarde, Knotgrass estava diante do varal, estendendo seu vestido, e praticamente tudo o mais que havia no chalé, para secar. A tempestade aleatória terminara tão rapidamente quanto começara. Cada cantinho do andar de baixo estava molhado, mas, pelo menos, ninguém fora ferido. Ainda assim, os acontecimentos do dia levaram a perguntas preocupantes. Se nenhuma das fadas usara magia para criar a inundação em miniatura, quem o fizera? Porque não existiam dúvidas: definitivamente magia fora usada. E isso significava que alguém, com relativamente bom controle dos seus poderes, estava nas imediações e fazia travessuras com as três fadas.

Quando Knotgrass se curvou para pegar uma colcha molhada, teve um pensamento terrível. E se fosse Malévola? Será que a fada poderosa, com seus chifres fortes e olhos ardentes, as observava?

Não, Knotgrass pensou. Nenhuma vez em oito anos houve sequer um sinal dela. Estou me preocupando à toa. Ninguém sabe que estamos aqui. O rei não sabe, nem os seus homens, tampouco Malévola e seus assecclas.

Além disso, o que Malévola haveria de querer com as fadas e com Aurora? O que mais restava fazer? Ela já fizera o pior. A maldição fora lançada e agora estavam escondidas à espera do dia em que Aurora venceria seu destino... ou não.

Não, Knotgrass disse para si uma vez mais. Deve ter sido qualquer outra coisa. Malévola está muito longe, nos Moors. Aurora está segura. E nós só temos que garantir que continue assim... por mais oito anos.

Se ao menos ela parasse com aquela história de amigo imaginário... Ela insistia em dizer o quanto gostava da sombra adorável que a seguia por todos os lugares e que queria convidá-la a entrar para o chá. Francamente, aquela criança era muito estranha.





Aurora levantou o nariz e inspirou fundo o frio ar outonal. Folhas multicoloridas eram esmagadas pelos seus pés conforme ela avançava ao longo do riacho. A água agora estava gelada e cintilava e faiscava sob a luz da tarde.

Esticando a mão, resvalou um arbusto com suavidade. O toque suave fez com que a neve sobre a folhagem caísse silenciosamente no chão.

Aquela era uma das estações prediletas de Aurora, quando as folhas vibrantes cobriam as árvores e o chão. O ar ganhava uma atmosfera especial conforme os animais se preparavam para o inverno. Raposas se enfiavam bem fundo em suas tocas; pássaros faziam seus ninhos nos buracos dentro das árvores, seus bicos pequenos enfiados debaixo das asas enquanto aguardavam a chegada da primavera. As criaturas mais adaptadas ao inverno, tais como as lebres da neve e os cervos, com suas pelagens espessas, saíam à procura da gramínea esparsa e das frutas de bosque invernais que as manteriam alimentadas até a primavera. Era uma estação tanto adormecida como muito vivaz.

Por quase dezesseis anos, Aurora vagara pela floresta em todas as estações, descobrindo a beleza em cada uma das árvores. Suas tias sempre caçoavam dela, dizendo que um dia ela se transformaria numa árvore caso ficasse mais tempo na floresta. Alertaram-na de que, se não tomasse cuidado, o seu amor pela natureza atrairia a atenção de uma fada que poderia sequestrá-la para o mundo das fadas. Os Moors, elas diziam, não eram lugar para uma bela jovem humana como ela. No entanto, por mais que as tias tivessem esperado que esses avisos fossem assustá-la, eles surtiram o efeito contrário. Eles deram crédito à sua crença de que havia alguém olhando por ela, uma fada madrinha de alguma espécie que vivia no centro dos Moors.

Em suas fantasias, Aurora visualizava os Moors como um mundo repleto de beleza e de criaturas mágicas que amavam a natureza com a mesma paixão que ela. Haveria fadas de todos os tipos e tamanhos. Todas teriam trabalhos diferentes. Algumas trabalhavam para ajudar no crescimento das plantas, enquanto outras brincavam nos rios, movendo as pedras e rochas para ajudar a água a fluir. Mas a sua fada madrinha era diferente de todas as outras. Seu único trabalho era cuidar de Aurora e mantê-la a salvo.

Aurora começara a acreditar na sua fada madrinha quando era uma menina muito pequena. E não foi por ter visto a criatura. Muito pelo contrário. Foi sempre uma sensação de ter uma sombra que ficava nos limites da sua vista. Uma sombra com chifres e um manto negro que aparecia em certos intervalos. Um dia, ela estivera vagando perto demais de um penhasco durante um piquenique. Quase caíra quando pressentiu alguém logo atrás, viu a sombra conhecida e, um instante depois, viu-se sentada em segurança, distante do penhasco. Outras vezes, quando quase não tinha idade o bastante para se lembrar, aquela sombra aparecia em seu quarto, e uma sensação de tranquilidade preenchia Aurora, e ela adormecia contente. Ela acreditava, mais do que tudo, que era a sua fada madrinha quem a amava mais do que qualquer um, que queria

garantir que sua vida seria de felicidade.

Não que ela tivesse uma vida ruim. Bem ao contrário, de fato. Suas tias, Knotgrass, Thistlewit e Flittle lhe davam tudo de que precisava. Nada lhe faltava. Sua casa era acolhedora, sempre havia comida na mesa e uma cama quente na qual dormir. Sim, era verdade que as tias às vezes eram um pouco frias, e em mais de uma ocasião ela teve a nítida impressão de que elas a encaravam como uma obrigação. Pesando-se tudo, porém, era uma vida boa. Tinha permissão para ir aonde quisesse, contanto que não saísse da floresta. Isso era terminantemente proibido. Contudo, um dia vislumbrara a estrada por entre as árvores. Voltara para casa às pressas, animada, perguntando a Knotgrass para onde a estrada levava. Sua resposta foi “para nenhum lugar que preste”, e Aurora recebeu ordens de que nunca mais voltasse ali.

– Prometa – Knotgrass implorara. – Você tem que acreditar em mim, fique longe para o seu próprio bem.

Aurora assentira e dissera:

– Sim, claro. – E nunca mais tocaram no assunto.

No entanto, às vezes, a mente de Aurora se desgarrava para a estrada, e ela se via criando histórias sobre os lugares para onde ela levava. Imaginava que fosse uma estrada longa, muito longa, que terminava num lago imenso onde animais de grande porte brincavam à margem. Em outras vezes, ela dizia aos seus amigos animais que no fim da estrada havia um lindo castelo onde um belo rei e a sua linda rainha moravam. Isso era parcialmente verdadeiro. Ela conseguia ver um castelo ao longe, uma forma cinza muito distante. Mas ela não sabia quem morava lá. Pelo que sabia, ele bem podia ser habitado por um dragão.

Porém, a sua fantasia predileta também era salpicada por tristeza.

Nela, a estrada levava para a sua mãe e para o seu pai. No fim daquele caminho longo e cheio de curvas haveria um pequeno chalé, bem parecido com aquele no qual morava agora e, lá dentro, sua mãe estaria junto ao fogão assando uma torta de frutas. Seu pai estaria no jardim, cortando lenha. E quando ela chegasse, sem fôlego e cansada, eles correriam na sua direção e a abraçariam com braços acolhedores. E então ela teria uma família.

Essa era a fantasia mais difícil. Ela amava as tias. Amava de verdade. Mas, conforme ficava mais velha, começava a pensar mais nos pais. No seu décimo terceiro aniversário, quisera apenas um presente. Quando as tias lhe perguntaram que presente era esse, ela respondera:

– Quero que me contem sobre o meu pai e sobre a minha mãe. O que aconteceu com eles? Ainda estão vivos?

As tias balançaram a cabeça e disseram que lhe contariam quando ela fosse mais velha.

Agora estava com quase dezesseis anos, e mesmo assim as tias só contaram uma coisa: que a mãe e o pai morreram há muito, muito tempo. Só lhe restava agora tentar imaginar como eles foram. Visualizava a mãe com cabelos loiros, como os seus. Enquanto os seus passavam da cintura, os dela teriam sido mais curtos, ondulados. Os olhos da mãe seriam azul-claros como os seus, e elas partilhariam o mesmo nariz arrebitado na pontinha. A pele clara de Aurora também era igual à da mãe, as sardas espalhadas seriam o único traço da pele mais escura do pai.

Enquanto Aurora imaginava ter herdado todos os traços físicos da mãe, ela acreditava que o pai lhe dera todas as suas outras qualidades. Do pai, ela tinha herdado o seu amor pela natureza. Seu espírito para a aventura, a franqueza. Ele lhe transmitira a sua disposição de amar incondicionalmente. Ela se dizia na cama enquanto sonhava acordada sobre a família perdida que, se um dia encontrasse o pai, saberia que ela e ele eram exatamente iguais.

Seguindo em frente em sua caminhada, com pensamentos uma vez mais sobre a família que nunca conhecera, Aurora soltou um suspiro. Amava muito sua vida no chalé com as tias. Entretanto, mais recentemente, vinha se sentindo cada vez mais ansiosa. Não era apenas o aumento das fantasias do reencontro com o pai e a mãe. Era algo mais. Era a sensação de que havia mais para ela do que uma vida na floresta. Que havia mais aventuras para serem vividas além das árvores. Que havia pessoas para conhecer e lugares para ver.

Aurora franziu a testa. Como poderia fazer isso se não tinha permissão para sair da floresta? Suas tias a educaram para evitar estranhos. Ela devia ficar sozinha, confiando apenas na ajuda das tias. Elas pareciam assustadas com a ideia de outras pessoas. Mas Aurora era diferente. Ela *queria* conhecer novas pessoas.

De repente, Aurora teve uma ideia. Suas tias lhe disseram que não procurasse a estrada nem conversasse com estranhos, mas como ficariam sabendo se o fizesse? Elas nunca iam até a floresta com ela e raramente lhe perguntavam como fora o seu dia. Era isso! Ela poderia muito bem ir até a estrada, ver como ela era e depois voltar para casa. Que mal haveria nisso? Ninguém saberia e a sua curiosidade seria aplacada – por ora. Sim, isso mesmo. Ela iria ver a estrada.

Aurora acelerou o passo. Precisava ir para casa e avisar as tias de que sairia para andar um pouco. Não faria nenhum bem deixá-las em pânico. Especialmente se não quisesse que elas fizessem perguntas demais. Nunca escondera nada delas e preocupava-se em acabar contando seu plano caso a pressionassem. Mas, conforme abria caminho em meio às árvores em direção a casa, um sorriso se formou em seu rosto. Ela tinha um plano. E talvez – apenas talvez – aquilo que ela veria mudaria o seu mundo para sempre.



Aurora estava parada no limite da floresta com o coração batendo forte dentro do peito. Precisou de toda a sua coragem para chegar até ali. Dissera às tias que iria colher frutas silvestres, apanhara um cesto e depois partira em

disparada para a floresta antes de se dar uma oportunidade de mudar de ideia. Algumas poucas horas e muitos momentos de pânico depois, ela se encontrava na beira da estrada.

Para seu desânimo, quando deixara a floresta para trás e entrara num facho de luz do sol, descobrira que a estrada era apenas uma estrada. Era marrom e poeirenta, a grama dos dois lados era de um verde baço. Parecia se estender ao infinito em ambas as direções, ficando mais larga em alguns trechos e mais estreita em outros.

Ao longe, Aurora distinguia o que parecia ser uma ponte pequena, mas, aparte uma vaca solitária vagueando, não havia ninguém por perto. Não era uma estrada bonita. Tampouco era especial.

Mas conforme ela continuava a olhar para a estrada, seu coração passou a bater mais forte. O ar parecia mais denso ali, como se a região estivesse tomada de fantasmas e de segredos de acontecimentos passados. O coração de Aurora bateu ainda mais forte quando ela olhou para o que havia do *outro lado* da estrada.

Elevando-se na direção do céu havia o muro mais alto que Aurora já vira. E não era um muro qualquer. Era um muro feito totalmente de espinhos. Os galhos se enredavam uns dentro dos outros, impossibilitando que se enxergasse o que havia atrás deles.

Os raios de sol de nada serviram para iluminar a estrutura escura e retorcida. Na verdade, parecia exercer o efeito contrário, como se o muro repelisse o calor. Espinhos do tamanho de Aurora apontavam para todas as direções. As pontas pontiagudas perfuravam o ar.

Com os olhos arregalados, Aurora atravessou a estrada e andou até a Muralha de Espinhos. Hesitante, esticou um dedo e tocou a ponta de um dos espinhos. Soltou um gritinho. Abaixando o olhar, viu uma gota de sangue se acumular no dedo.

Aurora começou a caminhar lentamente ao longo da Muralha. *Existe algo além desses galhos que precisa de proteção? Nesse caso, de quem?* Depois disso, outro pensamento fugaz atravessou a mente de Aurora. E se a Muralha tivesse sido construída não para manter alguém fora, mas para aprisionar alguém? Tal pensamento a fez estremecer. Passara a vida inteira escondida na floresta. Aquilo era o mais próximo que chegara de algo potencialmente perigoso.

Inspirou fundo e olhou para as vinhas retorcidas mais de perto. Não. A Muralha de Espinhos não era assustadora, nem ameaçadora. Por algum motivo, ela tinha a sensação de que a Muralha não era algo ruim. Sentia que, apesar da sua aparência agourenta, era apenas outro produto da natureza. Como as árvores

que faziam sombra no chalé da clareira, talvez aquela muralha estivesse fazendo sombra para alguém especial do outro lado dela.

Erguendo o olhar, Aurora viu que o céu estava começando a escurecer. Uma tempestade estava a caminho, e ela precisava ir para casa antes que as tias começassem a se preocupar.

Virou-se para ir, mas não sem antes dar uma última olhada por sobre o ombro para a Muralha. Empoleirado lá no alto estava um corvo negro. Vendo-a, ele emitiu um grasnado e levantou voo, desaparecendo de vista. Aurora sorriu. *Sim, pensou, existe mais nessa muralha do que apenas espinhos e galhos retorcidos. E pretendo voltar aqui toda vez que tiver oportunidade para descobrir o que há por trás dela...*



Nas semanas seguintes, Aurora cumpriu sua promessa. Visitou a Muralha quase todos os dias. Seguiu para lá logo cedo para ver como ela era quando o sol nascia, os tons rosados lançando um brilho suave sobre os galhos pontudos. Vagueou quando o sol se punha no horizonte e se maravilhou quando a Muralha passava de preta para laranja antes de voltar a ficar preta mais uma vez. Mas nunca viu nada nem ninguém. Eram apenas a Muralha e a estrada deserta.

Apesar da sua natureza otimista, Aurora começou a pensar que talvez não houvesse nada de especial na Muralha, no fim das contas. Que era apenas o que parecia ser: uma forma de separar o reino do que quer que houvesse do lado oposto.

Ainda assim, ela não conseguia ficar afastada.

Numa tarde particularmente bela e ensolarada, ela saiu das sombras da floresta. Olhando por sobre o ombro, verificou se as tias não a seguiam. Ultimamente, vinham se mostrando mais protetoras.

Aurora pensou que isso era irônico, já que completaria dezesseis anos em poucos meses. Já não era mais uma criança, e mesmo assim as tias a tratavam cada vez mais como se fosse uma. Dizendo-lhe que ficasse por perto. Perguntando para onde iria quando ela simplesmente estava indo estender a roupa no varal. Começaram até mesmo a espiá-la no meio da noite, certificando-se de que estivesse deitada na cama. Era como se pensassem que ela sumiria de repente, abandonando-as. Uma parte de Aurora se irritava com essa proteção, mas outra parte ficava comovida. Suas tias a amavam tanto... Talvez estivessem apenas começando a perceber que ela estava crescendo e não queriam abrir mão da garotinha delas.

Ainda assim, não seria nada bom se elas descobrissem sobre as suas visitas à Muralha – motivo pelo qual ela sempre tomava um caminho diferente ao sair do chalé, e também porque queria ter certeza de que não estavam atrás dela. Satisfeita por estar sozinha, Aurora atravessou a estrada.

Nuvens brancas se moviam lentamente no céu azul-claro. Na floresta atrás dela, Aurora ouvia os passarinhos chamando uns aos outros. Perto da Muralha, porém, os sons da natureza pareciam mudos. Aurora apoiou a mão com suavidade num dos galhos grossos. Aprendera a evitar os espinhos afiados depois do seu primeiro encontro com a Muralha. O galho estava aquecido pelo sol. Parecia pulsar sob seus dedos, e Aurora pensou, não pela primeira vez, que a Muralha estava viva.

Sorriu para si mesma. Era um pensamento bobo, bem o sabia, mas fazia com que se sentisse segura de uma maneira estranha. De vez em quando, Aurora até pensava que conseguia ouvir a Muralha falando com ela, chamando-a para perto. Era como se desejasse que ela encontrasse um caminho para o outro lado.

Parada nas pontas dos pés, Aurora estreitou o olhar e espiou por entre os galhos. Tentara isso incontáveis vezes, porém nunca conseguira enxergar nada do outro lado. E hoje não foi diferente. Com um suspiro, encostou os pés no chão e começou a andar lentamente ao longo da Muralha, perdida em pensamentos.

De repente, um grito agudo encheu o ar, assustando Aurora. Olhando ao redor, tentou determinar de onde vinha o barulho. A estrada atrás dela estava vazia. À esquerda e à direita estavam a floresta e a Muralha. O barulho não podia ter vindo de nenhum desses lugares. Parecia horrendo, como metal sobre metal. O barulho ficou mais e mais alto. Vinha de algum lugar mais à frente. Apressando o passo, Aurora foi andando em direção a ele.

A estrada se curvava à esquerda e, de repente, ao longe, Aurora conseguiu ver uma carroça e muitos homens com armadura. A carroça parecia ter quebrado.

Ela parou de imediato. Seu coração batia furiosamente. Aurora não sabia o que fazer. Parecia que os homens precisavam de ajuda. Mas as tias a alertaram de que os homens podiam ser astutos e perigosos. Sempre lhe disseram que corresse de volta para casa e lhes contasse caso visse estranhos.

– Você não pode confiar em ninguém, especialmente nos homens – elas a avisaram. – Os homens são cheios de truques.

E se aquilo fosse um truque?

Aurora suspirou. E se não fosse e eles precisassem mesmo de ajuda? Não poderia simplesmente se virar e voltar para o chalé como se nada tivesse acontecido. Claro, suas tias não ficariam felizes se soubessem que se aproximara de estranhos. Mas, na verdade, também não ficariam felizes se soubessem que se

aventurara tão longe de casa.

A mente de Aurora estava acelerada. Ela precisava tomar uma decisão: revelar-se ou desaparecer. De todo modo, a hora de agir era agora. Inspirando fundo, deu um passo à frente e começou a chamar...

Mas, então, seu nariz captou um estranho cheiro que subitamente permeou o ar: uma mistura relaxante de mel, de flores e de terra. Um momento depois, seus olhos ficaram pesados e, antes que se desse conta do que estava acontecendo, Aurora caiu no chão, ouvindo os sons de cavalos avançando e de homens gritando.

Um excesso de perguntas encheu sua mente. O que estava acontecendo? Os homens estavam atacando a Muralha? Estaria apenas sonhando? Aurora rapidamente perdeu a consciência e caiu num sono profundo.





Aurora sentia como se estivesse flutuando. Ouviu vozes abafadas e suas pálpebras tremularam. Acima, via a lua cheia brilhante no céu. Conseguia divisar árvores de ambos os lados e a sombra de um pássaro grande. Abrindo a boca,

tentou falar, mas o esforço foi grande demais e, depois de um momento, o sono a reivindicou uma vez mais.

Sonhos estranhos se apossaram dela. Sonhos sobre a gentil figura que conhecera a vida toda. A sombra tinha um cachorro de estimação... Ou seria um lobo de estimação ao seu lado? E lá estava a Muralha, impedindo a entrada de um exército inteiro. Aurora sabia que deveria estar com medo, mas não estava. Por meio do olho em sua mente, apenas assistiu a tudo calmamente, flutuando sobre a cena, sabendo que a sombra e o lobo ficariam bem.

Despertou algum tempo depois, dessa vez se sentindo menos tonta. Lentamente, Aurora se sentou e olhou ao redor. Estava no meio de um vale. Árvores a cercavam por todos os lados e, ali perto, água borbulhava num riacho. De muitos modos, aquilo se parecia com a sua clareira na floresta. Mas em tantos outros, não.

As árvores pareciam mais antigas, os galhos grossos com folhas verde-escuras. O ar parecia mais fresco. A grama debaixo dela parecia mais suave, e Aurora tinha a distinta impressão de que o vale estava vivo, igual ao que sentia quando tocava na Muralha de Espinhos, mas intensificado. Naquele momento, Aurora soube sem sombra de dúvida que não estava mais no mundo humano. Mas, se esse era o caso, onde estava?

Pressentindo uma presença atrás de si, Aurora foi lembrada de algo. O que seria? Subitamente, sentiu-se aquecida por um rompante de claridade, como se uma nuvem tivesse mudado de direção para revelar um raio de sol. Sorriu como quem entende uma situação. Só podia haver uma explicação para ter chegado àquele vale mágico.

– Sei que está aí – disse com suavidade. – Não tenha medo.

Houve um instante de silêncio e, depois, de algum ponto atrás dela, uma voz respondeu:

– Não tenho medo.

Aurora quase bateu palmas de tanta excitação.

– Então apareça – pediu.

– Mas então você sentirá medo – replicou a voz.

– Não, não sentirei – garantiu Aurora, balançando a cabeça. Como poderia? Caso estivesse certa, as sombras das árvores escondiam a única pessoa pela qual ela esperara a vida inteira para conhecer.

Enquanto olhava, as folhas tremularam e, um instante depois, uma figura surgiu no meio do vale. Os olhos de Aurora se arregalaram. Parada diante dela estava uma fada que de quase todos os modos parecia humana. Era alta e magra, com cabelos escuros longos e pele clara e luminosa. Os lábios eram vermelhos como o rubi, e os olhos verdes bem escondidos pelas pálpebras pesadas olhavam

para Aurora com hesitação. Mas no alto da cabeça havia um par de chifres escuros e grandes. Os mesmos chifres que Aurora vira nas sombras por tantos anos.

– Sei quem você é – disse Aurora, levantando-se.

A fada deu um passo à frente. Ergueu uma sobrancelha.

– Sabe? – perguntou.

Aurora assentiu.

– Você é a minha fada madrinha – respondeu.

Um sorriso repuxou um dos cantos da boca da fada.

– A sua... o quê?

Aurora conseguia ver que a criatura estava se esforçando para não gargalhar, mas não se importou. Sabia que essa era a verdade.

– Fada madrinha – repetiu Aurora. – Você tem cuidado de mim a vida inteira. Sempre soube que você estava por perto.

Suas palavras pareceram surpreender a fada.

– Como? – ela perguntou.

Aurora apontou para o chão atrás da fada. Sob a luz forte do luar, a sombra da fada se estendia atrás dela, os chifres bem delineados.

– A sua sombra – Aurora respondeu. – Ela tem me acompanhado desde que eu era pequena. Para onde quer que eu fosse, a sua sombra estava sempre comigo.

Um grasnido repentino fez com que Aurora levantasse o olhar e seus olhos se arregalaram. Um corvo negro grande voava pelo vale. Com outro grasnido, ele pousou no ombro da fada e fitou Aurora com seus olhos negros brilhantes. Uma lembrança de ter estado deitada no berço rindo enquanto o pássaro o balançava de um lado para o outro tomou conta da mente de Aurora e ela riu.

– Eu me lembro de você! – Caminhando lentamente, esticou a mão e acariciou as penas do corvo com suavidade. – Passarinho bonito.

Enquanto continuava parada de pé, ao lado da sua fada madrinha, Aurora viu alguns arbustos nos limites da clareira tremularem. Um instante depois, uma fadinha, com asas translúcidas farfalhantes, apareceu no vale. Os olhos de Aurora se arregalaram. E depois outra fada apareceu. E mais uma.

Dentro de instantes, o vale estava todo tomado por fadas. Variavam em tamanho, umas não muito maiores do que pedras, outras do tamanho de uma samambaia. Algumas tinham asas azuis; outras, transparentes. Havia machos e fêmeas e fadas velhas e jovens. Mas nenhuma se parecia com a sua fada madrinha.

Um sorriso imenso se formou nos lábios de Aurora enquanto ela admirava as criaturas mágicas. Os Moors eram o que se escondia atrás da Muralha. Os Moors belos e fantásticos! Como ela não havia pensado nisso?

Virando-se para sua fada madrinha, esticou a mão. A fada alta e impressionante recuou um passo, evitando o gesto. Mas Aurora não se deteve.

– Sempre quis vir aqui – disse –, mas as minhas tias me disseram que era proibido. – Então um pensamento lhe ocorreu. – Como passamos pela Muralha?

A fada madrinha balançou a cabeça.

– Está na hora de levar você para casa – disse em vez de responder. Aurora abriu a boca para protestar.

– Mas já? – perguntou. – Posso voltar outra noite? – Aurora ainda não queria voltar para casa. Queria ficar e conhecer todas as criaturas daquele mundo. Mas via que a fada madrinha teria que ser persuadida. Os olhos verdes da fada estavam cautelosos, e ela parecia ter empalidecido.

Aurora queria perguntar por que ela se aborrecia com a sua visita. Queria garantir à fada que não contaria às tias, que aquele seria o segredo delas. Mas antes que conseguisse dizer qualquer coisa, sua fada madrinha enfiou a mão no bolso, pegou uma flor amarela e assoprou o pólen com suavidade na direção de Aurora.

O conhecido perfume floral subiu até o seu nariz. Mais uma vez, uma forte sonolência se apossou de Aurora. Lutou contra a sensação, mas sem sucesso. Um instante depois, caiu no chão, que a amparou como um cobertor feito de terra. Seu último pensamento consciente foi que, de alguma maneira, conseguiria voltar para aquele mundo e passaria o máximo de tempo que pudesse com sua fada madrinha.



Aurora acordou na manhã seguinte e olhou ao redor no seu quartinho. Quase esperou encontrar o corvo empoleirado no parapeito da janela, grasnando para ela com seus modos amigáveis. Mas o parapeito estava vazio, e o coração de Aurora se afundou. Sonhara tudo aquilo? Será que estivera o tempo todo na cama, e não no belo vale entre todas aquelas criaturas maravilhosas?

Seus olhos se detiveram sobre os sapatos, que estavam ao lado da cama. Uma fina camada de poeira amarela cobria as pontas. Soltando um suspiro de alívio, sorriu. Não, não sonhara. Passara pela Muralha e conhecera sua fada madrinha. E agora mal podia esperar para voltar lá.

Aurora passou o resto do dia como num torpor, revivendo os acontecimentos da noite repetidas vezes em sua cabeça. Os Moors eram um refúgio incrível, mais majestoso e perfeito do que imaginara. Por mais que desejasse voltar aos Moors, não sabia como isso seria possível. Não se lembrava de ter atravessado a

Muralha, o que significava que não poderia refazer seus passos. E não sabia como encontrar sua fada madrinha para pedir ajuda.

Conforme as horas se passaram, uma sensação de medo começou a crescer no estômago de Aurora. E se aquilo fosse tudo? E se nunca mais tivesse permissão para entrar no mundo maravilhoso das fadas novamente? E, pior, se nunca mais visse sua fada madrinha? Tal pensamento a deixou nauseada.

Por muito tempo, sua fada madrinha não passara de um desejo, uma esperança de que existisse alguém no mundo que gostasse dela incondicionalmente. Que existisse alguém que a amasse de verdade.

Era verdade, suas tias cuidavam dela, mas Aurora nunca conseguira se livrar da sensação de que cuidavam dela por obrigação. Claro que as amava, mas não queria mais ser um fardo para ninguém. E agora conhecera alguém que ela acreditava que não olhava para ela como um dever. Alguém que poderia ser uma amiga. E existia a chance de ela nunca mais vê-la.

Quando foi se deitar, à noite, Aurora era uma confusão de emoções. Virou-se e revirou-se, tentando bloquear os pensamentos negativos que percorriam sua mente. Relembrou as primeiras lembranças da sombra de chifres parada junto à sua cama, sua presença tranquilizadora conduzindo-a ao sono. Se ao menos sua fada madrinha aparecesse agora!

Por fim, Aurora se forçou a parar de chafurdar na tristeza. O que precisava era de um plano de ação. Decidiu que na manhã seguinte voltaria à Muralha e chamaria sua fada madrinha aos gritos pelo tempo que fosse necessário. Por mais que não fosse o plano mais perfeito, Aurora começou a se sentir melhor.

Bem quando Aurora começava a pegar no sono, uma pequena rajada de vento soprou em seu quarto. Um momento depois, sua fada madrinha apareceu na janela.

Aurora se sentou de imediato, absorvendo a visão da bela fada diante dela. Aquilo era real. Ela estava ali mesmo! Levando o dedo aos lábios, a fada mais uma vez enfiou a mão dentro do manto e puxou a já familiar flor amarela. Aurora deu um amplo sorriso. Ao que tudo levava a crer, no fim, ela voltaria lá.





Aurora nunca se sentiu mais feliz. Todos os dias, ela cuidava das suas tarefas, limpando o chalé, apanhando as verduras e os legumes na horta. E, à noite, ela brincava no meio das fadas. A fada madrinha lhe contara tudo a

respeito do mundo em que elas viviam. Os Moors das Fadas, ela explicou, eram um lugar de grande magia e de incrível beleza. A natureza era o centro do mundo, todas as criaturas trabalhavam para garantir que as árvores crescessem, que as plantas vicejassem e que a água doce corresse.

A cada noite que passava, Aurora aprendia mais e mais sobre esse mundo. Conhecera uma família de duendes da lama, criaturinhas marrons com olhos caídos e entristecidos que viviam nos brejos. Essas criaturas usavam sua baba para formar a lama que mantinha o brejo saudável. Aurora logo descobriu que, por mais que não fossem as criaturas mais belas, eram incrivelmente brincalhonas. Em mais de uma ocasião, viu-se no meio de uma guerra de lama que a deixava às gargalhadas e coberta de sujeira.

Aurora observava maravilhada enquanto as fadas das águas patinavam ao longo da lagoa, com os pezinhos delicados mal deixando um rastro na superfície. Ria quando belas criaturas paravam de repente para se admirarem no reflexo da água, passando as mãos pelos cabelos, que se assemelhavam à vegetação das lagoas. Coisinhas vaidosas que, de alguma maneira, lembravam-na de suas tias; pareciam amar Aurora e se exibiam por horas, mergulhando até as profundezas das lagoas só para ressurgirem voando um instante depois. Aurora batia palmas e depois relanceava por sobre o ombro só para ver que a sua fada madrinha a observava com uma expressão de contentamento no rosto. Ela parecia surpresa com a facilidade com que Aurora se adaptara à vida nos Moors.

Mas Aurora não estava surpresa. Sentia-se à vontade lá de uma maneira que jamais se sentira no chalé. Era a mesma sensação que tinha quando ficava na floresta junto ao chalé, só que amplificada. Nos Moors, ela se sentia em sintonia com a natureza, mais em paz consigo mesma. Começou a enxergar o mundo em duas partes: a dos humanos e a das fadas. E começou a perceber que talvez seu lugar fosse junto às fadas e não aos humanos.

A cada noite que passava, a sensação de que ela e a fada madrinha foram feitas para ficar juntas também aumentava. A princípio, a fada parecera relutante em ter Aurora nos Moors. Mantivera distância enquanto Aurora travava amizades com as outras fadas. Hesitara em apresentá-la às fadas das pedras, com suas peles duras cinzentas e grandes corações. Sua fada madrinha titubeava quando Aurora lhe pedira que fossem além do vale.

No entanto, lentamente, enquanto a lua mudava de fases, Aurora sentiu uma mudança definitiva nos sentimentos da fada madrinha. Sentiu – porque a fada madrinha jamais ousaria lhe contar – que ela fechara seu coração há muitos anos. Agora ela o abria lentamente. E Aurora não poderia estar mais feliz. A fada já não andava dois passos à frente enquanto exploravam a campina onde as fadas da neve brincavam. Não revirava os olhos toda vez que Aurora perguntava que

tipo de planta era aquela ou como se chamava a outra árvore. Em vez disso, começou a se empenhar em mostrar todas as belezas dos Moors. E Aurora podia afirmar que a madrinha amava aquele belo lugar tanto quanto ela.

Todas as noites havia um lugar novo para visitar. Os Moors pareciam infinitos para Aurora. Havia centenas de lagos e dúzias de lindos vales. Havia um imenso precipício perto do qual ela e a fada madrinha se sentavam por horas enquanto as estrelas ficavam cada vez mais brilhantes no céu. Existia a Colina das Fadas, onde sua madrinha morava. E também havia a própria Muralha, que pairava acima dos Moors, um lembrete constante de que os dois mundos não coexistiam.

Para Aurora, aqueles eram os melhores dias da sua jovem vida. Ela amava os Moors. Estava fascinada por cada criatura que conhecia. E, mais importante, adorava a fada madrinha. Não a considerava apenas a sombra de chifres da sua infância. Ela agora era a sua amiga e confidente. A única coisa que a entristecia era que todas as noites, apesar dos seus protestos, a fada madrinha pegava a flor amarela, soprava nela e a fazia dormir.

Aurora acordava na manhã seguinte com as cobertas enfiadas debaixo do seu queixo, as tias sem a menor ideia do que acontecera na maior parte da noite.



O ar esfriara. O outono cedera lugar ao inverno, e Aurora continuava a ir aos Moors. A fada madrinha ainda lhe ensinava coisas novas todas as noites, e a cada visita as duas se aproximavam mais.

Então, certa noite, Aurora sentiu uma mudança na fada madrinha.

Notou isso conforme subiam uma colina numa noite estrelada. Por mais que não fosse conversadeira, a fada madrinha lhe pareceu mais calada do que o normal. Ficava olhando para Aurora, como se fosse dizer alguma coisa, mas então desviava o olhar rapidamente. Confusa, Aurora começou a tagarelar sobre tudo e sobre nada. Por fim, notando algumas fadas do orvalho sentadas sobre as pétalas de uma flor ali perto, Aurora perguntou:



– Todos no Povo das Fadas têm asas?

A fada madrinha não respondeu por um tempo, e Aurora ficou imaginando se dissera algo errado. Por fim, a fada respondeu:

– A maioria tem.

– Então por que você não tem? – Aurora perguntou com curiosidade.

A fada parou e olhou firme para Aurora.

– Não quero falar sobre isso – respondeu com voz gélida.

Aurora nunca ouvira a voz da madrinha tão fria desde a primeira noite em que se conheceram, quando a fada estivera desesperada para se manter escondida. Contudo, apesar do mau augúrio que sentia no estômago, algo fez Aurora insistir:

– Só estou curiosa porque todas as outras fadas têm asas e...

– *Já basta!*

O grito da fada madrinha assustou Aurora, que se calou. Pendendo a cabeça, continuou a andar. Por um momento longo e desconfortável, nenhuma das duas disse nada. Aurora sentia o olhar da madrinha. Erguendo o seu, viu a expressão séria no rosto da fada. Seus olhos se suavizaram e, em seguida, em voz baixa, enredada em sofrimento, ela disse:

– Já tive asas.

No mesmo instante, Aurora já não se sentia mais triste. Agora estava animada.

Era raro que a fada madrinha se abrisse com relação ao passado. Tentando não parecer animada demais, Aurora prendeu a respiração e esperou que a fada continuasse.

– Roubaram-nas de mim – disse a fada madrinha. Depois olhou para Aurora. – E é só o que vou dizer sobre isso.

Aurora queria saber mais. Quem as roubara? Por que alguém faria algo que provocaria tanta dor numa fada? Mas sabia que não deveria pressioná-la. Então, em vez disso, fez perguntas mais seguras:

– De que cor elas eram? Qual o tamanho?

Virando a cabeça, a fada olhou ao longe. Um leve sorriso se formou quando ela se lembrou de tempos mais felizes no passado.

– Eram tão grandes que se arrastavam atrás de mim quando eu andava. E eram fortes. Levavam-me além das nuvens e através dos ventos. Nunca falharam. Nem uma vez sequer. – Ela engoliu em seco, as lembranças eram evidentemente dolorosas. – Eu podia confiar nelas.

Quando a voz da fada falhou, Aurora sentiu uma pontada no peito. Nunca deixara de pensar no que fizera sua madrinha ficar daquele jeito. Sabia que a fada não era das criaturas mais acolhedoras. Aurora levou meses para que ela se abrisse. E sempre sentira que algo devia ter acontecido para que a madrinha mantivesse os outros ao largo. Mas, até então, nunca antes vira a fada triste. E ela não estava apenas triste. Aurora enxergou uma dor profunda gravada no rosto da fada. Uma dor recente como no dia em que arrancaram suas asas.

Lentamente, Aurora esticou a mão, segurou a da madrinha e a apertou com suavidade. E, nesse aperto, ela desejou dizer as palavras que não podia dizer em voz alta: *Eu te amo, fada madrinha. E você também pode confiar em mim. Sempre.*



— *Aurora*, preciso lhe contar uma coisa.

Muitos dias se passaram desde que a fada madrinha contara a Aurora sobre as suas asas. Nesse meio-tempo, nenhuma das duas mencionara o assunto. Aurora

não queria magoar a fada madrinha tocando no assunto de novo. Porém, continuou fazendo perguntas sobre os Moors, e a sua fada madrinha continuou a respondê-las. Mesmo assim, Aurora não conseguia deixar de pensar que havia algo mais que a fada gostaria de lhe contar. Algo importante. O que era engraçado, pois Aurora também tinha algo importante para partilhar com a sua fada madrinha. Algo que mal conseguia esperar para contar. Mas agora parecia que a madrinha partilharia o que tinha em mente primeiro.

– Sim?

A fada madrinha parou, a respiração visível no ar noturno frio. A neve caía, encobrindo as colinas de branco e abafando todos os sons. Virando-se, a fada olhou para Aurora com uma expressão indecifrável.

Aurora desejou, e não pela primeira vez, poder saber o que a madrinha pensava quando olhava para ela. Será que ela enxergava uma humana irritante? Uma forasteira? Ou será que a via como ela era? Uma garota que simplesmente amava os Moors.

A fada parecia se debater para encontrar as palavras certas.

– Existe um mal neste mundo – disse por fim. – Não posso protegê-la dele.

Aurora sorriu. Era por isso que sua fada madrinha parecia tão triste? Pela ideia de que não poderia protegê-la? Será que a fada achava que, só porque lhe roubaram as asas, ela não poderia ajudá-la? Era um pensamento bobo. Sua fada madrinha a protegera a vida toda. E também havia o pequeno detalhe de que ela já não era mais uma criança.

– Já tenho quase dezesseis anos, madrinha – ela disse. – Posso cuidar de mim mesma.

A fada balançou a cabeça.

– Não é isso...

Aurora a interrompeu. Não conseguia mais esperar. Tinha que falar o que estava em sua mente desde que acordara pela manhã. Permanecera deitada por horas, pensando enquanto o sol se erguia cada vez mais alto no céu. Aurora tentara se lembrar de cada trecho das conversas que tivera com sua fada madrinha. Lembrara-se do olhar ferido no rosto da fada ao falar das suas asas roubadas. Lembrou-se da emoção na voz da madrinha quando ela falara de confiança. Lembrou-se da sensação da mão da fada na sua e como ela retribuía seu aperto de leve antes de se afastar. E foi então que ela entendeu, sem sombra de dúvida, que ela tinha que se mudar para os Moors.

Encontrara um lar nos Moors. Um lugar que amava com todo o coração. E encontrara uma família junto à sua fada madrinha. A decisão era óbvia.

Agora, olhando nos olhos da fada madrinha, ela sorriu.

– Tenho um plano – disse. – Quando eu for mais velha, vou morar aqui com

você. E você e eu poderemos cuidar uma da outra.

Por um momento, a fada não disse nada. Depois um sorriso se espalhou pelo seu rosto.

- Você não tem que esperar até ficar mais velha – ela disse com voz animada.
- Você pode vir morar aqui agora.



Aurora levou a mão ao coração. Agora? Não pensara que poderia se mudar tão rapidamente. Primeiro, teria que cuidar de uns assuntos. E havia a pequena questão das três mulheres no chalé.

– As minha tias jamais permitirão.

A madrinha ergueu uma sobrancelha.

– Pensei que tivesse dito que poderia cuidar de si mesma.

– E posso – Aurora protestou. – Mas elas ficarão tristes sem mim. – Então fez uma pausa, quando uma ideia surgiu. – Elas podem vir me visitar?

A fada recuou um passo, como se estivesse surpresa. Estreitou o olhar e, por um momento, Aurora teve certeza de que ela diria não. Era um pedido importante. Aurora sabia disso. Sua fada madrinha hesitava em permitir que estranhos entrassem nos Moors, e suas tias definitivamente eram estranhas. Mas então, bem quando Aurora pensou que toda esperança estivesse perdida, a fada assentiu.

– Sim – concordou.

Aurora emitiu um gritinho de alegria.

– Então eu venho! – exclamou. – Dormirei numa árvore e comerei frutos silvestres e castanhas, e todo o Povo das Fadas será amigo meu. Serei feliz aqui pelo resto da minha vida. Vou contar às minhas tias amanhã pela manhã.



Aurora estava muito nervosa. Contaria a novidade às tias naquela tarde mesmo, mas antes queria ensaiar o seu discurso. Não queria lhes dar uma chance para convencê-la do contrário, por isso precisava ser persuasiva e direta. Tendo pouca privacidade no chalé, Aurora foi para a floresta assim que terminou suas tarefas em casa.

Agora caminhava, falando baixinho:

– É o que eu quero, tias. Nunca lhes pedi nada a vida inteira, mas agora estou pedindo. Quero morar nos Moors. Estarei protegida lá. A minha fada madrinha cuidará de mim... – Aurora sacudiu a cabeça. Talvez não devesse mencionar a madrinha. Já conseguia visualizar Knotgrass revirando os olhos e murmurando alguma coisa sobre a sua imaginação superativa. Não, não tocaria nesse assunto.

– Tias – começou –, tenho quase dezesseis anos e preciso ter minha própria vida. Eu as amo muito, mas está na hora de...

Sua voz se interrompeu quando ouviu sons de cascos. Escondendo-se atrás de uma árvore grossa, encostou-se no tronco áspero com o coração aos pulos. Um momento depois, ouviu o som de arbustos se agitando e logo uma voz. Uma voz

masculina.

– Há alguém aí? – disse a voz.

Com cuidado, Aurora espiou por trás da árvore. De pronto, voltou a se esconder, com o coração acelerado. Um jovem estava na clareira. Perdendo para a curiosidade, voltou a espiar. Dessa vez, o homem a viu.

– Olá – ele a cumprimentou.

Aurora engoliu em seco. Nunca estivera tão perto de um homem, nem quando aqueles soldados a chamaram perto da Muralha de Espinhos, meses atrás. Sentia o rosto corado e o coração parecia prestes a explodir para fora do peito. Por um momento, pensou em disparar na direção contrária, correndo para casa. Mas o homem voltou a chamá-la.

Lentamente, Aurora saiu de trás da árvore. Retorcendo as mãos de nervoso, olhou o rapaz mais de perto. Ele vinha na sua direção, segurando as rédeas de um imenso cavalo branco em uma das mãos. A outra estava apoiada no cabo de uma espada. Tinha uma capa comprida que parecia ser feita de um tecido fino, e as botas de couro de montaria pareciam macias e estavam lustradas.

Mas não foram as roupas que impressionaram Aurora, foi o rosto dele. Nunca vira alguém tão bonito, tão à vontade e confiante em toda a sua vida. O cabelo do rapaz era castanho como noz-moscada. Os olhos cor de âmbar eram gentis e os lábios, cheios. Enquanto o encarava, ele sorriu, e ela notou uma covinha na bochecha direita.

– Lamento se a assustei – ele disse –, mas estou a caminho do castelo e estou completamente perdido. Pode me ajudar?

Quando ele se aproximou, o coração de Aurora bateu mais forte. Por que estava se sentindo assim? Ele era apenas uma pessoa. Contudo, ela tinha essa estranha sensação na boca do estômago, como se ele estivesse cheio de borboletas. Perturbada, Aurora recuou, seu pé ficou preso numa pedra e ela tropeçou. Com um grito, caiu no chão.

No mesmo instante, o jovem correu para junto dela, deixando o cavalo pastando mais atrás.

– Perdão – ele disse. – Foi culpa minha, eu a assustei. Perdoe-me. – Esticou a mão e a ofereceu para Aurora.

No chão, Aurora tentou se recompor. Estava sendo ridícula. Vira criaturas mágicas e brincara nos Moors, pelo amor de Deus. Vivenciara muitos encontros mágicos e inacreditáveis em sua curta vida. Aquele era apenas um homem, e nada mais. Inspirando fundo, segurou a mão dele e permitiu que ele a puxasse para cima com gentileza.

– É por ali – Aurora disse já de pé. O jovem assentiu sem pensar. Estava olhando para ela e Aurora ficou se perguntando se dissera algo errado. – O

castelo – especificou. Mais uma vez, o rapaz apenas concordou com a cabeça. Parecia que agora era ele quem estava sem palavras. Aurora estava contente por não ser a única a ter problemas em formular uma sentença. Foi meio que encantador vê-lo tão atrapalhado. Sorriu-lhe de modo encorajador. – Qual é o seu nome?

– Phillip – respondeu ele por fim, balançando a cabeça como se estivesse clareando as vistas.

Aurora ampliou seu sorriso. Estavam progredindo.

– Olá, Phillip.

– E o seu? – ele perguntou, retribuindo o sorriso.

– Aurora.

Ao redor deles, os sons da floresta pareceram diminuir como se eles fossem as únicas pessoas no mundo inteiro. Naquele instante, ela percebeu que estava sentindo algo completamente novo – algo que a aquecia por dentro. Lera histórias sobre essa sensação, por isso, num instante, soube do que se tratava: estava apaixonada. E, a julgar pelo olhar atordoado dele, Phillip também estava.

– Bem, obrigado por sua ajuda – ele disse, pondo um fim àquele momento. – E, mais uma vez, peço perdão por ser tão desastrado.

– Está perdoado – Aurora disse com suavidade.

Phillip assentiu.

– Que bom. Isso é muito bom. Eu... Hum... É melhor eu ir agora. – Assobiou e o cavalo se aproximou trotando. Aurora viu quando ele afagou o cavalo com afeto. Depois, num movimento fluido, Phillip se ergueu na sela.

Subitamente, Aurora sentiu uma onda de pânico. Acabara de conhecer Phillip e agora ele estava indo embora. E se nunca mais o visse? Nervosa, perguntou:

– Vai passar por aqui de novo?

Um imenso sorriso se formou no rosto de Phillip.

– Nada poderá me impedir.

Aurora soltou uma risada de alívio.

– Então, até breve.

– Até logo – Phillip respondeu. Depois firmou as mãos nas rédeas, apertou os flancos do cavalo e se afastou a galope.

Atrás dele, Aurora acenou se despedindo. Continuou acenando até ele desaparecer de vista. Depois, lentamente abaixou a mão. *Ora*, pensou, *isso foi interessante*. Phillip. Belo, educado e gentil Phillip. Mal podia esperar para vê-lo novamente.

Mas logo se lembrou. Iria morar nos Moors para sempre. Nunca mais voltaria a vê-lo. Como poderia? A madrinha jamais o deixaria passar pela Muralha para visitá-la, e Aurora não planejava voltar para este mundo.

Soltou um suspiro. Bem, fora um momento adorável. Mas era só o que poderia ser. Tinha pela frente uma vida inteira de momentos incríveis, morando no lugar ao qual pertencia. Homens belos teriam que ser esquecidos.





A manhã anterior ao décimo sexto aniversário de Aurora surgiu ensolarada e clara. Sentando-se, ela se espreguiçou e deu uma bela olhada ao redor do seu quarto no sótão. Era isso: a última manhã em que despertaria

nessa cama. A última manhã em que veria a cômoda conhecida, com algumas bugigangas no tampo. A última manhã em que veria o sol nascer acima do horizonte banhando o quarto com um brilho lindo.

Por um momento, sentiu uma pontada de tristeza ao pensar em partir. Depois sorriu. Sua fada madrinha a esperava na floresta logo após a clareira; em poucas horas partiria com ela e viveria nos Moors. Seu novo quarto seria o vale mágico e sua nova cômoda seria o toco de uma árvore antiga. Era tudo o que ela sempre quis.

Aurora saltou para fora da cama e se vestiu apressadamente. Havia mais uma coisa a fazer antes de partir para sempre. Ainda tinha que contar a novidade para as tias.

Quando chegara em casa na noite anterior, as senhoras estavam entretidas numa partida de xadrez. Depois de tentar chamar a atenção delas por um tempo, Aurora desistiu e subiu para o quarto. Resolvera que seria melhor lhes contar pela manhã, de todo modo. Elas sabiam ser um tanto rabugentas e dramáticas quando estavam cansadas.

Sabendo que as tias provavelmente ainda estariam dormindo profundamente (gostavam de dormir na maioria das manhãs), Aurora resolveu começar a preparar o café da manhã. Dessa forma, poderia lhes contar o seu plano durante uma bela refeição quente. Apressou-se a descer as escadas até o cômodo principal do chalé. Para sua grande surpresa, as tias já estavam lá. E a julgar por seus olhares mal-humorados e ombros encurvados, e também pelos punhos cerrados, elas deviam estar no meio de uma briga daquelas. O rosto de Knotgrass até estava com uma mancha azul, sabe-se lá por que motivo.

Aurora hesitou. A tensão na sala não podia ser por causa de uma bobagem como uma partida de xadrez, podia? Mas, em seguida, deu de ombros. Suas tias sabiam ser estranhas às vezes. E, agora que via as três ali de pé, não conseguiria esperar para lhes contar a sua novidade. Aurora deu um passo à frente. Knotgrass, Thistlewit e Flittle ficaram absolutamente imóveis e a fitaram.

– Preciso conversar com vocês sobre um assunto – anunciou.

– Pode falar, querida – Flittle disse distraída. – O que foi?

Aurora olhou para as tias. Knotgrass, com a testa sempre enrugada de preocupação; Thistlewit, com seus olhos gentis; e Flittle, com seu temperamento doce. Amava-as imensamente. Aquela seria uma das coisas mais difíceis que faria na vida.

Inspirando fundo, começou:

– Lamento lhes dizer isto e, por favor, não fiquem tristes, mas amanhã completo dezesseis anos e, portanto... – Sua voz falhou. – E, portanto...

– Portanto? – Thistlewit a incitou.

– Estou indo embora – Aurora disse num rompante.

O silêncio tomou conta do chalé. Os segundos se arrastaram, viraram minutos. E, então, bem quando Aurora achava que ninguém nunca mais diria nada, Knotgrass explodiu.

– Até parece que vai! – berrou, o rosto ficando muito vermelho debaixo daquele azul. – Não sofri todos estes anos neste buraco miserável com estas duas imbecis só para você ir embora no último dia! Vamos levá-la de volta ao seu pai... – Knotgrass cobriu a boca com a mão. Seus olhos se arregalaram. Evidentemente, falara demais.

– O meu pai? – Aurora disse com suavidade. – Vocês disseram que o meu pai estava morto.

Flittle se aproximou e pousou a mão gentilmente sobre as costas de Aurora.

– É melhor você se sentar – disse, conduzindo-a a uma cadeira. – Você precisa saber de uma coisa...

Enquanto Aurora permanecia sentada em silêncio, as tias – se é que podia chamá-las disso ainda – lhe contaram toda a história. Seus pais eram o rei Stefan e a rainha Leila, e eles moravam no enorme castelo no fim da estrada.

Contaram-lhe que lindo casal o rei e a rainha formavam e como todo o reino se rejubilara no dia do seu nascimento. Houve uma grande celebração em sua honra e todas as pessoas do reino lhe levaram presentes.

– E o seu pai nos pediu que déssemos os presentes mais especiais – explicou Knotgrass.

– Isso mesmo, os mais especiais – concordou Flittle. – Cada uma de nós iria lhe dar um dom. Eu lhe dei o dom da felicidade. – Sorriu com orgulho. – E você tem sido feliz, não tem?

Aurora assentiu distraída. Naquele instante, ela se sentia entorpecida.

– *Eu* lhe dei o dom da beleza – Knotgrass prosseguiu. – E eu tenho que lhe dizer, você é a moça mais linda em todo o reino.

– Entende, então, que o dia estava maravilhoso – Flittle disse.

– Mas e quanto a você, Thistlewit? – Aurora perguntou. – Qual dom *você* me deu?

As três fadas trocaram olhares nervosos.

– E então? – Aurora a pressionou. – Qual foi?

Thistlewit suspirou.

– Não tive a chance de lhe dar o meu – disse com tristeza. – Malévola lhe deu o presente final.

Aurora inclinou a cabeça.

– Malévola? – repetiu. Nunca ouvira esse nome antes.

E foi assim que ela ficou sabendo a pior de todas as verdades. Ela fora

amaldiçoada por uma fada sombria que odiava o rei Stefan e queria fazer mal à família dele, Knotgrass explicou. Essa fada chegara no meio da celebração, pondo fim às festividades. Então a fada malvada declarou que, em seu décimo sexto aniversário, Aurora cairia num sono profundo sem fim...

Knotgrass terminou de falar e olhou para Aurora. O rosto da garota estava pálido e suas mãos tremiam. Sua vida inteira fora uma mentira. Suas tias, na verdade, não eram suas tias. Não eram sequer humanas. Eram fadas dos Moors. Seu lar na verdade não era o chalé; era o castelo no fim da estrada. E ela não era órfã. Tinha uma mãe e um pai.

– É por isso que nós a trouxemos para cá – Knotgrass acrescentou, tentando encontrar um modo de alegrá-la. – Para afastá-la de todo o mal. Fizemos o nosso melhor. Mas é por isso que você tem que ficar aqui até o dia seguinte ao seu aniversário. É o único modo de mantê-la verdadeiramente a salvo. Por isso, Aurora, vamos insistir para que...

Mas sua voz se interrompeu quando ela voltou o olhar para o que agora era uma cadeira vazia. Aurora fora embora.



Aurora correu o mais rápido que pôde ao sair do chalé e ir para a floresta. Seu coração batia acelerado e ela estava se sentindo mal. Queria chorar e gritar.

Como isso podia estar acontecendo? Poucas horas antes, ela estava tão radiante. Agora, tudo estava diferente. Parecia que seu mundo estava de ponta-cabeça. Precisava conversar com alguém em quem confiasse. Alguém que não escolheria as palavras para que ela se sentisse melhor.

– Fada madrinha! – Aurora exclamou, invadindo um pequeno vale. – Fada madrinha!

As moitas se apartaram e, das sombras das árvores, sua fada madrinha apareceu.

– Estou aqui – ela disse, indo na direção de Aurora com o rosto demonstrando preocupação.

Mas a moça levantou uma das mãos. Não suportaria ser tocada nem afagada. Naquele instante, ela só queria a verdade. Tinha de ouvi-la da sua fada madrinha. Se alguém iria lhe contar a verdade, esse alguém seria ela.

– Quando você ia me contar sobre a maldição? – A pergunta escapou da sua boca antes mesmo de ela saber o que estava dizendo, e seus olhos se encheram de lágrimas ao dizer aquelas palavras horríveis em voz alta. Queria que a fada madrinha lhe dissesse que não havia como Aurora estar amaldiçoada. Que nunca

ouvira nada disso. Que iriam esclarecer essa situação juntas.

Mas, em vez de responder, sua fada madrinha se virou e olhou na direção do chalé. Borboletas de nervosismo se agitaram na barriga de Aurora. Ela revirou as mãos de tanta ansiedade.

– E então? – disse Aurora. – É verdade?

A fada madrinha abaixou o olhar para o chão e assentiu de leve com a cabeça.

– Sim, é – confirmou.

Aurora sentiu o coração disparar. Até então, estivera se segurando à esperança de que as tias mentiram porque não queriam que ela partisse. Ou, pelo menos, que a fada madrinha não soubesse de nada com relação ao seu passado. Que não estivera escondendo nada dela. Um redemoinho de pensamentos ricocheteou na cabeça de Aurora enquanto ela tentava entender o que estava ouvindo.

– Eu era só um bebê! – gritou, a angústia tomando conta das feições inocentes.

– Quem faria algo tão terrível assim a um bebê? Minhas tias me disseram que foi uma fada má. Disseram um nome... Disseram que era... Que era...

– Malévola – a madrinha completou por ela.

Algo no modo como a madrinha dissera o nome fez com que o coração de Aurora batesse ainda mais forte. Era uma familiaridade, um conhecimento. Nesse instante, uma terrível possibilidade atingiu Aurora.

– Esse é o *seu* nome? – perguntou com a voz trêmula. – Você é Malévola? Foi você quem me amaldiçoou?

Lentamente, a fada se virou. Seu rosto estava marcado por emoções. Nos seus olhos, Aurora viu raiva, tristeza, perda e amor, mas, acima de tudo, arrependimento. Antes que a fada dissesse uma palavra sequer, Aurora soube a resposta.

– Sim – disse Malévola.

Uma dor atravessou Aurora e ela começou a se afastar. Nunca sentira uma dor como aquela. A dor de uma terrível traição. Sentiu como se estivesse sendo picada por mil agulhas. Confiara naquela fada. Amara aquela fada. Como ela podia ter feito uma coisa tão horrível assim? Roubara-lhe os pais, seu lar, sua chance de ter uma vida normal. Era muita coisa para suportar.

– Espere... – Malévola implorou, estendendo a mão.

– Não! – Aurora exclamou, os soluços começando a sacudir seu corpo frágil.

– Não toque em mim! *Você* é o mal que existe no mundo. É você.

Aurora se virou e correu para fora do vale. Não olhou para trás. Não conseguia respirar. Não conseguia pensar. Só sabia que precisava se afastar de Malévola e das mentiras dela o mais rápido possível. Mas não podia voltar para o chalé. Aquele lugar também estava repleto de mentiras. Portanto, para onde iria agora?





Aurora levou apenas alguns minutos para perceber que só tinha uma escolha. Tinha que ir ver o pai e a mãe. Disparando pela floresta, parou no limite da clareira ao redor do chalé para se certificar de que as fadas ainda estavam em

casa. Satisfeita porque a vista estava livre, enfiou-se sorradeira no celeiro. Em sua baia, o cavalo delas estava ruminando feno. Sem sequer se importar em selá-lo, Aurora pegou as rédeas, montou em seu lombo e depois, com um alto “iá!”, incitou-o a avançar.

Galoparam pela floresta. Animais saíam do caminho. Pássaros pararam de cantar. Os únicos sons que Aurora ouvia eram os dos cascos do cavalo e do próprio coração batendo forte dentro do peito. Vendo a estrada logo adiante, diminuiu o avanço do cavalo só para garantir que ninguém se aproximava. A estrada estava deserta. Incitou o cavalo a seguir em frente, cada vez mais rápido até que, finalmente, Aurora se viu bem diante dos portões de entrada do castelo.

Puxando as rédeas, Aurora fez o cavalo parar. Levantou o olhar para o muro de pedras. Nunca o vira assim de perto. Sempre fora apenas um ponto no horizonte ou uma parte de suas fantasias. Em seus devaneios, ela imaginara o castelo nos mínimos detalhes. Visualizara-o cercado por um fosso azul-claro. Previra que haveria belas torres entalhadas e uma sensação de felicidade nas pessoas, que se movimentariam ocupadas dentro da propriedade.

Mas aquele não era o castelo dos seus sonhos. Vendo-o agora, ela só enxergava gigantescas placas de ferro cobrindo todos os seus lados. O fosso era marrom e o céu sobre o castelo parecia mais escuro do que em todos os outros lugares. Caminhando lentamente em meio ao pequeno agrupamento das construções próximas, Aurora viu que ele estava quase vazio. Nenhuma criança brincava na grande fonte no centro. Nenhuma mulher ria enquanto lavava a roupa. Nenhum homem discutia a respeito da colheita do dia.

Atenta a qualquer sinal de vida, só o que Aurora ouvia eram as batidas de uma marreta contra uma bigorna. Seguiu o barulho e se viu dentro da ferraria. Dentro dela, quase uma dúzia de homens jovens malhava várias peças de ferro. Algumas em formato de espada. Outros pareciam estar fazendo mais placas para cobrir as paredes do castelo. E ainda existiam alguns que pareciam estar moldando imensos espinhos de ferro.

Retrocedendo, Aurora sacudiu a cabeça. Havia algo de errado com aquele lugar. Algo triste e amedrontador. Não se parecia em nada com a sua casa na clareira, nem com os Moors e seus tantos habitantes. *O que aconteceu aqui para que este lugar ficasse assim tão triste?*, perguntou-se. Seria parte da maldição?

Só havia uma maneira de obter respostas. Tinha que encontrar seu pai e sua mãe. Rapidamente, voltou para a entrada principal do castelo e começou a andar pela ponte levadiça.

– Pare! – disse uma voz vinda das sombras do arco que cobria a ponte.

Assustada, Aurora parou. Dois guardas surgiram de baixo do arco. Estavam cobertos de armaduras. Na mão de um deles havia uma espada longa. A outra

sustentava um escudo.

– Quem vem lá? – perguntou o guarda com a espada. – Diga a que veio.

Aurora inspirou fundo.

– Vim ver o meu pai, o rei. E a minha mãe, a rainha. – Sentiu os olhares curiosos dos homens sobre si. Sabia como eles a viam: uma moça do interior, usando um vestido feito em casa com folhas nos cabelos, alegando ser a princesa. Era algo muito difícil de acreditar. Princesas usavam coroas e belos vestidos feitos de seda e de renda. Não cavalgavam sem sela nem apareciam sozinhas sem avisar. Ainda assim, precisava que eles acreditassem que estava dizendo a verdade. Ou que, pelo menos, a levassem para ver seus pais.

Depois do que ela considerou uma eternidade, o guarda com o escudo assentiu.

– Siga-nos – ele disse. – E fique perto.

Viraram-se e começaram a andar na direção da porta da frente do castelo.

Aurora os seguiu, soltando um suspiro silencioso de alívio. Passando pelas grandes portas de ferro, viu-se no meio de um grande vestíbulo. Havia um imenso candelabro pendurado no teto. Entretanto, não havia nenhuma vela acesa nele. Na luz fraca que penetrava pelas janelas sujas, Aurora enxergava muitos quadros grandes pendurados nas paredes. Através de outra porta, ela viu mobília coberta com lençóis brancos de linho, fazendo com que parecessem fantasmas. Era como se ninguém morasse no castelo. Ou, talvez, ninguém que se desse ao trabalho de torná-lo habitável.

Percebendo que estava muito atrás dos guardas, Aurora se apressou para acompanhá-los. Estava certa de que, assim que se reunisse com o pai e com a mãe, eles lhe explicariam tudo.

De repente, essa noção a atingiu. Estava prestes a conhecer seus pais. Depois de quase dezesseis anos afastados, estaria nos braços deles. Ela iria lhes contar tudo o que acontecera enquanto estivera morando na floresta. Seria capaz de partilhar seus sonhos. A mãe lhe escovaria os cabelos e o pai lhe ensinaria a história do castelo. Ficariam sentados por horas, juntos, apenas sendo uma família. Tal pensamento a fez sorrir apesar do ambiente melancólico, e, com isso, ela acelerou o passo.

Um momento depois, os guardas pararam diante de um par de portas de ferro imensas. Um deles levantou a mão e bateu uma vez. Ouvindo uma resposta abafada, empurraram as portas e os três entraram. Do lado oposto, havia a maior e mais imponente sala que Aurora já vira. Apequenava o vestíbulo de entrada. Em vez de apenas um candelabro, havia uma dúzia. Imensas janelas com vitrais dominavam a parede oposta. Sobre um pedestal, havia dois tronos, desgastados pela idade. E, no meio da sala, cercado por seus oficiais, estava o seu pai, o rei

Stefan.

Ele usava uma armadura pesada. Sobre a cabeça havia uma coroa, empurrando seus cachos para baixo. Enquanto os demais homens pareciam humildes, seu pai tinha uma presença dominadora. Ele parecia dominar a sala e Aurora já conseguia imaginá-lo no campo de batalha, com uma espada na mão. Ele era exatamente como ela imaginara. Talvez um pouco mais velho, com algumas rugas a mais e um ligeiro curvado nas costas. Mas, mesmo assim, ele era bonito e ela sabia que também seria encantador.

Segurando Aurora pelo braço, o guarda com a espada se adiantou e pigarreou.

– Lamento interrompê-lo, Vossa Majestade – disse ele. Empurrou Aurora para a frente. – Encontramos esta camponesa nos portões. Ela *alega* ser a sua filha.

O rei Stefan se virou lentamente. Encarou Aurora, mas os olhos escuros não revelaram nenhuma emoção. Era quase o mesmo olhar que os guardas lhe dispensaram no portão. O olhar que dizia: só estou vendo uma camponesa; não uma princesa. Contudo, não foi o mesmo olhar. Houve uma centelha de reconhecimento, como se ela estivesse olhando para alguém que encontrara uma vez, mas da qual não se lembrava exatamente o nome.

Aurora não conseguia aguentar mais. Soltando-se do guarda, correu na direção do rei.

– Papai! Sou eu! Aurora! – Quando se viu bem diante dele, lançou os braços ao redor de Stefan e tentou se enterrar em seu abraço. Mas a pesada armadura era fria e dura.

Colocando as mãos sobre os ombros dela, o rei Stefan a afastou de modo a segurá-la à distância de um braço. Fitou-a, observando os longos cabelos ondulados e o nariz arrebitado. Seu rosto se suavizou, e ele sorriu.

– É igualzinha a sua mãe – disse ele.

Então, com a mesma rapidez com que a ternura viera, o rosto do seu pai se endureceu. Era como se uma luz tivesse se acendido brevemente em sua alma só para se apagar um momento mais tarde.

– Você não deveria estar aqui – disse ele, agora com uma voz gélida. – Voltou um dia antes. Eu disse para aquelas três idiotas!

Aurora recuou um passo como se tivesse levado um tapa.

– Está se referindo às minhas tias? – perguntou, pois não sabia de que outro modo chamá-las. Aquele não era o reencontro afetuoso que antecipara. – Papai, não senti saudades minhas enquanto eu estive afastada?

A pergunta pareceu pegar o rei Stefan desprevenido, e ele hesitou antes de responder.

– Claro – disse por fim.

– Então por que não foi me visitar? – Aurora perguntou com o lábio inferior

tremendo. Até aquele instante, não deixara de ficar se perguntando aquilo. Verdade, estivera escondida na floresta. Mas seu pai era o rei. Se tivesse desejado encontrá-la, poderia ter feito isso com facilidade.

– Você estava sendo bem cuidada – explicou o rei Stefan. – E eu estava ocupado com assuntos do reino. – Parou e pensou por um instante. O franzido em sua testa se intensificou. – Terei de colocá-la num lugar seguro até amanhã.

– Mas acabei de chegar – protestou Aurora. – Quero ficar com você.

O pai sacudiu a cabeça.

– Sei a respeito da maldição – disse Aurora, na esperança de que talvez o motivo pelo qual ele quis mandá-la para longe fosse por ele não querer lhe contar as notícias ruins.

Esperando ver uma expressão de alívio no rosto dele, Aurora se surpreendeu quando viu que ele ficou com mais raiva.

– Então sabe o perigo que corre – sibilou. – Não saia do quarto por nenhum motivo. Não importa o que ouça. Conversaremos amanhã quando tudo isso tiver terminado.

Tendo dado suas ordens, Stefan lhe deu as costas. Atrás dele, Aurora ficou parada com uma expressão de tristeza no rosto. Desde que as fadas lhe contaram a verdade sobre quem ela era, só o que Aurora queria era rever o pai e a mãe. No entanto, seu pai não era o pai que ela tinha esperanças de encontrar. *Ele é malvado*, pensou. Mesmo assim, ainda lhe restava uma última esperança.

– Onde está a minha mãe? – Aurora perguntou.

Stefan não respondeu. Em vez disso, virou-se e apontou para um dos guardas.

– Leve-a – ordenou.

Em seguida, com um rodopio do manto longo, voltou a se aproximar dos seus oficiais. Um momento depois, Aurora era conduzida para fora do aposento. Com um baque, as imensas portas de ferro se fecharam.

Aurora e o guarda seguiram até o quarto dela em silêncio. No fim de um corredor comprido, subiram um lance de escadas, atravessaram uma sala de estar e ainda subiram outro lance de escadas. Por fim, o guarda parou diante de portas duplas pintadas num tom mais claro que as demais do castelo. Abrindo-a, gesticulou para que Aurora entrasse. Uma vez que ela se viu lá dentro, ele se virou para sair.

– Espere! – Aurora o chamou. – Sabe o que aconteceu com a minha mãe?

O guarda passou o peso para o outro pé, pouco à vontade, e uma sensação conhecida de medo começou a se instalar no estômago de Aurora.

– A rainha faleceu, princesa – disse ele. – Há muito tempo. – Depois, sem dizer mais uma palavra, ele partiu, deixando Aurora sozinha com apenas seus pensamentos tristes como companhia.





Horas se passaram. O sol começou a baixar no céu vespertino. Lá em cima, no seu quarto, Aurora andava de um lado para o outro. Sentia-se como um pássaro enjaulado. Queria descer para ficar com o pai. Queria lhe perguntar

como a mãe morrera. Quando acontecera. Em vez disso, estava confinada ali, olhando para as mesmas quatro paredes.

Não que fossem feias. Seu quarto era lindo. Quatro imensas janelas dominavam uma das paredes. Através delas, ela via o reino inteiro se estendendo ao longe. O chão estava coberto por tapetes grossos e havia uma lareira grande bem diante da cama de dossel, com um dos tecidos mais refinados. Quadros de cavalos galopantes e de terras longínquas estavam pendurados nas paredes.

Contudo, apesar da beleza do quarto, havia uma tristeza nele. Evidentemente, aquele sempre fora o quarto de Aurora. Mas da bebê Aurora, não mais adequado à adolescente que ela se tornara. Indícios da infância que teria tido estavam por toda parte. Havia um guarda-roupa repleto de roupinhas de bebê sem uso. Um berço com seus lençóis empoeirados balançava lentamente atrás da cama grande. Num dos cantos, havia uma pilha de brinquedos nunca utilizados, cujas cores tinham se desbotado com o tempo. E talvez o mais triste de tudo fosse o grande retrato de Aurora com a mãe. Nele, a rainha olhava para o bebê nos braços, com um sorriso de pura alegria no rosto.

Observando o retrato agora, Aurora sentiu uma pontada de lamento. Jamais conheceria a mãe. Nunca saberia qual era a sensação de estar naqueles braços. Isso a deixava raivosa. E percebeu que a sua raiva estava direcionada a Malévola, que fingira gostar dela, mas que era o motivo pelo qual Aurora jamais conhecera a mãe.

Com um suspiro, Aurora tornou a andar. Sua cabeça doía, estava com sede, e, por algum motivo, seu dedo latejava. Esfregou-o, tentando fazer a dor sumir, mas ela só aumentou. Mais uma vez, ela sentiu a necessidade de sair da sala. Precisava encontrar algo. Só não sabia o que era.

Ouvindo um barulho no corredor de fora, Aurora chamou:

– Olá! Alguém aí? Consegue me ouvir?

– Sim? – uma voz feminina disse do outro lado da porta.

– Pode destrancar a porta, por favor? – pediu Aurora.

Houve uma pausa antes de ela ouvir a chave virar na fechadura. Um momento depois, a porta se abriu. Parada do outro lado estava uma mulher uns dez anos mais velha que Aurora. Usava uma roupa de criada e carregava lençóis. Vendo Aurora diante dela, a mulher levantou uma sobrancelha.

– Este quarto é para quando a princesa voltar – a criada disse. – Ninguém deveria ocupá-lo.

Então, evidentemente, papai não anunciou a minha chegada, Aurora ponderou. Mas isso importava? Não tinha tempo para corrigir a criada. Precisava encontrar uma maneira de pôr um fim àquela dor em seu dedo.

Passando pela mulher, saiu do quarto e foi para o corredor. Ocorreu-lhe que

ela não fazia ideia de onde estava indo ou o que, exatamente, ajudaria o seu dedo. Mas resolveu seguir andando. Passou por diversos corredores e desceu diversos lances de escadas, andando na ponta dos pés diante do Grande Salão. Ouvia a voz do pai do lado de dentro, gritando algo a respeito de um ataque. Ignorando-o, continuou andando. Felizmente, não havia ninguém para testemunhar as suas andanças. Por mais que não estivesse contente por seu pai lhe esconder um segredo, não queria ir contra os desejos dele e deixar que ele percebesse a sua presença.

Prosseguiu, esfregando a ponta do dedo. Ela pulsava e estava quente ao toque. Olhando para o dedo, Aurora pensou que o encontraria inchado ou vermelho, mas ele estava como em todos os outros dias. Continuou andando, chegando por fim à ala dos criados. Por algum motivo, sentiu que aquele era o lugar onde devia estar.



Passando por um par de portas vaivém, ela se viu no alto de uma pequena escadaria. Conseguia enxergar um comprido corredor embaixo e andou na ponta dos pés até ele. Em ambos os lados, portas levavam a vários quartos onde os criados cuidavam dos seus afazeres diários, bem escondidos dos olhos da realeza. Uma das portas estava aberta, e, através dela, Aurora viu uma longa mesa. Muitas mulheres estavam sentadas ao redor dela, consertando lençóis e vestidos a mão.

Que estranho, Aurora pensou. *Num lugar grande como este, era de se esperar que as costureiras tivessem rocas para usar.* Suas tias sempre lhe disseram que rocas eram objetos bobos. Que era muito melhor costurar à mão do que com uma roca. Mas Aurora não era completamente ingênua. Não havia como tudo ser consertado a mão num castelo daquele tamanho. E isso trazia à tona outra pergunta: onde estavam todas as rocas de fiar?

Continue procurando, uma voz a instigou. *Continue olhando até encontrar a roca de fiar. Você precisa tocar nela.*

Aurora balançou a cabeça. De onde vinha aquela voz? E por que ela lhe dizia para continuar procurando por uma roca? O dedo voltou a latejar, mais dolorosamente do que nunca. Aurora seguiu em frente, afastando as filas de roupas penduradas nos varais e ignorando os olhares das mulheres que costuravam e lavavam. Do lado de fora, o sol estava iniciando a sua derradeira descida no horizonte, colocando no céu um glorioso tom de laranja. Mas Aurora mal notou isso. Só conseguia pensar em acabar com a dor no dedo.

Passando pelo último varal de roupas, Aurora se viu diante do fim da lavanderia. Ali, diante dela, havia um objeto envolvido num pano. Era velho e estava coberto de pó, mas tinha a distinta silhueta de uma roca de fiar. Segurando a ponta do tecido, Aurora o puxou, levantando uma nuvem de poeira. Depois olhou para o objeto que subitamente considerou muito interessante.

Era velho. A roda estava sem algumas das suas traves e a madeira rangia. Mas a agulha na ponta do fuso brilhava como se tivesse sido usada no dia anterior. Dando um passo à frente, Aurora esticou a mão. O latejar no dedo ficou mais forte. Estava vagamente ciente de que os últimos raios de sol estavam se espalhando sobre as terras. O cômodo estava ficando mais escuro, e, mesmo assim, o fuso parecia brilhar internamente. De algum lugar atrás dela, Aurora pensou ter ouvido alguém gritar que parasse, mas não deu atenção. Só conseguia pensar em tocar o fuso da roca de fiar com a ponta do dedo.

Tudo ao seu redor ficou borrado. O tempo pareceu desacelerar. Ela se esqueceu de que o pai era frio e insensível. Esqueceu-se de sentir tristeza por nunca conhecer a mãe. Esqueceu-se de ficar brava com Malévola. Na verdade, não conseguia se lembrar por que estivera brava com ela. Só conseguia pensar no fuso.

Lentamente, Aurora foi aproximando a mão. O indicador, ainda latejando, estava a meros centímetros do fuso. Parou sobre a agulha, enquanto, dentro da sua cabeça, a voz dizia: “Isso! É exatamente isso que você deve fazer agora!”. Em seguida, com o mais suave dos toques, apoiou o dedo na agulha.

Houve uma pequena punção. O latejar no dedo de Aurora cessou. Ela sentiu um instante de alívio e depois... nada. Caiu no chão, adormecida.

A maldição fora cumprida.







... ELA SÓ PRECISAVA DE
UM BEIJO DE AMOR
VERDADEIRO.



Knotgrass estava encrocada. Soube disso assim que ela e as outras descobriram que Aurora partira e também quando vira que o cavalo também não estava mais ali. Isso só podia significar uma coisa: Aurora fora para casa.

Não só isso era extremamente perigoso para Aurora, visto que a hora da maldição se aproximava, como também não era um bom augúrio para as fadinhas. Assim que o rei Stefan percebesse que as fadas fracassaram em manter a filha dele a salvo na floresta, ele ficaria furioso. E, por mais que Knotgrass não soubesse o que ele faria estando com raiva, ela sabia que não queria descobrir.

Portanto, ela tomou uma decisão. A fim de se salvar e de salvar as outras duas, fez com que voltassem à forma original de fadinhas – e com asas! Balançaram e se sacudiram no ar, tentando se acostumar a voar de novo. Knotgrass teve que chamar a atenção de Flittle diversas vezes por ela atropelá-la. Por fim, depois de mais alguns tropeços, as fadas dispararam na direção do castelo.

Foi estranho retornar ao castelo depois de tantos anos. Ele parecia diferente das lembranças de Knotgrass. Primeiro, havia placas de ferro perfiladas nas paredes, fazendo com que se parecesse com uma fortaleza fria em vez de um castelo grandioso. Segundo, dúzias de guardas com aspecto ameaçador as detiveram de imediato.

Depois de passarem por um interrogatório intenso sobre quem exatamente eram e o que estavam fazendo no castelo (um interrogatório que Knotgrass não apreciou nem um pouco), foram rapidamente acompanhadas para dentro do castelo, até o quarto da princesa.

– Com licença, com licença – Knotgrass disse aos servos e às criadas conforme voava pelos corredores. – É uma emergência. – O guarda que conduzia as fadas se virou para encará-las. Knotgrass bufou baixinho. Francamente, não lhes davam o devido respeito naquele castelo.

Logo o guarda se deteve diante de um grande par de portas de madeira. Abriu-as e parou antes de entrar, permitindo às três fadas que vissem a cena lúgubre. Thistlewit e Flittle arfaram em uníssono, e Knotgrass só ficou olhando fixamente. Chegaram tarde demais. A maldição já se realizara.

Pois lá estava Aurora, deitada na cama, como se estivesse apenas dormindo. Mesmo assim ela era bela. O longo cabelo loiro espalhado pelo travesseiro, brilhando à luz das velas. As mãos estavam unidas, uma única rosa combinando com o vermelho dos lábios estava posicionada entre os dedos, e a boca estava entreaberta num leve sorriso. Ela parecia tão serena.

Parado ao lado da cama estava o rei Stefan. Enquanto Aurora parecia serena, ele parecia furioso. Ouvindo a entrada do guarda com as três fadas a reboque, o rei se virou para encará-las.

– Olhem para ela! – exclamou.

Knotgrass engoliu em seco e relanceou uma vez mais para Aurora. Depois olhou de volta para o rei. Ele estava bravo, isso estava claro, mas Knotgrass não conseguia deixar de perguntar qual seria o motivo. Seria porque perdera a filha

uma vez mais? Ou o motivo seria outro? Um menos sentimental. Estaria bravo porque Malévola vencera... de novo?

De toda forma, isso não tinha importância. Se Knotgrass pretendia ficar no castelo, teria que consertar aquilo.

– Ela só está dormindo – observou.

– É como se estivesse morta – rebateu Stefan.

– Mas e quanto ao beijo? – Flittle perguntou com suavidade.

Thistlewit assentiu.

– Sim! Um beijo a despertará!

O rei Stefan olhou através das janelas grandes na direção dos Moors ao longe. Ele parecia perdido numa lembrança longínqua. Houve um instante em que suas feições se suavizaram como se estivesse se lembrando de um encontro feliz.

E logo se endureceram de imediato numa nova carranca. Como se estivesse se lembrando do momento em que Malévola lançou a maldição sobre Aurora.

– Beijo do amor verdadeiro – ele repetiu. – Isso. – Voltando sua atenção para as fadas, acrescentou: – Encontrem alguém para fazer isso. Se fracassarem novamente, apodrecerão no calabouço... para sempre.



Knotgrass, Thistlewit e Flittle não perderam tempo. Vasculharam o castelo em busca de todos os jovens disponíveis, mas só encontraram guardas rabugentos e criados ocupados. Ninguém parecia um bom candidato para quebrar a maldição da bela adormecida.

– E que tal aquele? – Flittle perguntou.

– Aquilo é uma estátua – Knotgrass disse exasperada.

Flittle estreitou o olhar ante a figura de pedra apoiada numa parede.

– Ah, é mesmo.

– Se ao menos o castelo fosse maior – Thistlewit suspirou.

Foi então que Knotgrass teve uma brilhante ideia: elas precisavam procurar do lado de fora do castelo e encontrar alguém à altura de beijar uma princesa. Quem sabe um nobre rico.

Com um novo plano estabelecido, as três fadas voaram o mais rápido que puderam através das portas amplas do castelo. Resolveram ir para a casa do membro mais rico da corte de Stefan. A família tinha um filho. Ele era praticamente da realeza. Aurora *era* da realeza. Talvez, Knotgrass ponderou, era isso o que provocava o amor verdadeiro.

Quando chegaram à casa, bateram à porta até que ela foi aberta pelo filho.

Mas que sorte!

– Você tem que vir conosco – Knotgrass anunciou, puxando-o pela manga.

– O quê? – O jovem estava claramente confuso.

– Depressa! – Flittle disse impaciente, puxando a outra manga. – São ordens do rei.

– Não contrarie o seu rei – Thistlewit acrescentou, sem querer ficar de fora do assunto.

Knotgrass revirou os olhos. Por que as outras não deixavam que ela falasse? Mas ficou agradavelmente surpresa quando o jovem começou a segui-las até o castelo. Sim, claro, ele fez todo tipo de perguntas inoportunas no caminho, mas pelo menos estava indo com elas.

Por fim, as três fadas e o jovem nobre estavam diante de Aurora. Knotgrass disse ao jovem que beijasse a princesa.

– Mas ela está dormindo – o jovem observou.

– Ela não vai se importar – disse Thistlewit, tentando assegurá-lo.

Knotgrass viu quando ele baixou o olhar para a princesa diante dele. Depois deu de ombros, se inclinou e a beijou.

Esperaram. Nada aconteceu.

Esperaram um pouco mais. Ainda assim, nada aconteceu.

– Você não fez direito! – Knotgrass gritou quando ficou claro que Aurora não despertaria.

Flittle assentiu.

– Era para ser o *beijo do amor verdadeiro* – ela enfatizou, como se ele tivesse lhe dado apenas um beijo corriqueiro.

– Mas eu nem a conheço – ele protestou.

Knotgrass suspirou.

– Saia – disse.

Quando ele saiu, ela ordenou às outras duas que encontrassem um jovem adequado na corte e o trouxessem imediatamente.

Não demorou muito.

– Esta é a princesa Aurora – Knotgrass disse para um jovem que entrou no quarto. – Você está apaixonado por ela?

Enquanto o primeiro escolhido parecia gentil e tímido, este jovem parecia audaz e impetuoso. Foi direto à cama de Aurora e se ajoelhou ao lado dela.

– Desesperadamente – ele respondeu.

Knotgrass assentiu. Isso era muito bom.

– Pode beijá-la, então.

Cheio de vontade, o jovem se inclinou e pressionou os lábios contra os de Aurora. E, assim como da outra vez, aguardaram. Nada aconteceu. E então

esperaram um pouco mais. E ainda assim nada aconteceu.

– Se fosse amor verdadeiro, você a teria despertado! – Flittle exclamou por fim.

E, assim como da última vez, Knotgrass suspirou e disse:

– Saia.

Aquilo não estava indo nada bem. Como poderia encontrar o verdadeiro amor de Aurora se ela nunca conhecera nenhum homem? E havia um número limitado de jovens na corte real. No fim, acabariam sem candidatos, e o que aconteceria? Knotgrass não poderia passar o resto da vida num calabouço. Já passara anos demais presa num chalé no meio do nada.

Com um gemido de frustração, Knotgrass se virou para a porta. Precisava encontrar o amor verdadeiro para Aurora, e rápido. Mas por onde começar? Se ao menos alguém soubesse quem era o amor verdadeiro de Aurora... E se ao menos alguém levasse o amor verdadeiro de Aurora até elas... Isso não seria muito bom?

Mas não, eram elas quem tinham que fazer todo o serviço. Knotgrass suspirou, arregaçando as mangas. Era melhor começar a procurar.





No fim, Knotgrass não precisou ir longe. Abrindo a porta do quarto de Aurora, viu-se cara a cara com um jovem. Ele estava parado no meio do corredor, olhando como se não fizesse a mínima ideia de como fora parar ali.

Apesar da expressão muito confusa, ele era o rapaz mais bonito que Knotgrass já vira. Tinha cabelos castanho-claros e olhos gentis. Os ombros e o peito eram largos e ele tinha um belo porte. Tinha um manto longo sobre os ombros e as botas de couro de montaria estavam sujas de lama, como se tivesse acabado de voltar de uma cavalgada.

Vendo as fadas, o jovem sorriu com incerteza.

– Perdão – disse ele. – É embaraçoso, mas não sei onde estou.

– No castelo do rei Stefan – disse Thistlewit.

O jovem pareceu se animar.

– Era onde eu devia estar – disse ele, parecendo surpreso. – Estranho que não consigo me lembrar de como cheguei aqui. O meu pai me mandou vir visitar o rei.

Os ouvidos de Knotgrass se aguçaram. Se o pai do jovem o mandara ver o rei, isso poderia significar que...

– Quem é o seu pai? – perguntou.

– O rei John de Ulstead – o jovem respondeu.

Knotgrass quase gritou de alegria. Um príncipe. O rapaz era um príncipe! Quem se importava se ele parecia meio perdido? Era simplesmente perfeito demais. Devia ser ele quem daria o beijo do amor verdadeiro em Aurora. Por que outro motivo ele apareceria misteriosamente ali?

Agarrando-o, as três fadas o puxaram pelo quarto de Aurora e o conduziram na direção da cama.

– Qual é o seu nome? – Knotgrass perguntou.

– Phillip – ele respondeu.

– Bem, príncipe Phillip, conheça a princesa Aurora – Flittle disse. Recuando, ela apontou para a bela adormecida.

Um olhar de surpresa atravessou o rosto de Phillip.

– Eu conheço essa moça – ele disse. – O que aconteceu com ela?

– Ela está presa num encantamento – Knotgrass respondeu ao fixar o jovem. Ele parecia realmente encantado por Aurora. Ele a conhecia? De onde? E quando? Aurora não teria lhes contado caso conhecesse um rapaz? Knotgrass deu de ombros. Isso pouco importava, contanto que Aurora despertasse.

– Ela não é bonita? – Flittle perguntou.

Phillip concordou.

– É a garota mais bela que já conheci.

Knotgrass partilhou um olhar animado com as outras duas fadas.

– Quer beijá-la? – Thistlewit perguntou.

– Quero muito – Phillip respondeu, nunca desviando os olhos de Aurora.

– Muito bem, então, vá em frente – Knotgrass o incentivou.

Phillip hesitou. Depois olhou para as fadas.

– Eu não me sentiria bem com isso – ele disse. – Eu mal a conheço. Só nos vimos uma vez.

Knotgrass sufocou um grito. Por que Phillip estava sendo um cavalheiro? Aquilo era irritante. Quanto mais ele se demorasse, mais ela teria que esperar para saber se estava ou não livre da ira de Stefan. Estava prestes a empurrar a cabeça dele para baixo quando Flittle falou:

– Nunca ouviu falar em amor à primeira vista? – perguntou, tentando argumentar com ele.

Phillip assentiu. Então, muito lentamente, ele começou a inclinar a cabeça na direção da de Aurora.

Knotgrass prendeu a respiração. Ele estava ficando cada vez mais próximo. Mas se ergueu.

– Disseram que foi um encantamento? – ele perguntou.

– Beije-a! – berraram as fadas.

Uma vez mais, Phillip se inclinou para baixo. E uma vez mais, pendeu a cabeça na direção da de Aurora. Knotgrass não ousava respirar. Parecia que o quarto inteiro, que o mundo inteiro estava com a respiração suspensa, esperando por aquele momento. Lenta e gentilmente, Phillip pressionou os lábios contra os de Aurora. Havia esperança no beijo. Havia amor. Era, na história dos beijos, o mais perfeito de todos.

E, mesmo assim, Aurora não despertou.

Voltando a ficar ereto, o príncipe Phillip olhou para as fadas.

– Era para acontecer alguma coisa agora?

– Saia! – elas exclamaram.

Tropeçando, Phillip saiu do quarto. Atrás dele, as três fadas se aproximaram, tentando descobrir o que fazer em seguida.

– Eu tinha tanta certeza de que era ele... – Flittle disse com tristeza.

Knotgrass cruzou os braços.

– Temos que continuar procurando – disse. – Vamos raspar o fundo do barril. Ele não precisa ser um príncipe. Nem precisa ser bonito.

– Nem tão limpo – Thistlewit acrescentou.

Juntas, saíram do quarto. Mas estavam na metade do corredor quando Knotgrass percebeu que não tinham fechado a porta. Não podiam deixar que pessoas vagueassem à vontade estando a princesa num estado tão vulnerável.

– Vão em frente – disse às outras. – Comecem a procurar pelo próximo jovem. Estarei logo atrás de vocês. – Depois, virando-se, voltou para o quarto.

Chegando à porta, deu uma espiada para se certificar de que Aurora não despertara um pouquinho atrasada. Seus olhos se arregalaram. O coração

começou a acelerar, e ela teve que se forçar a não gritar de medo.

Porque ali, parada ao lado da cama de Aurora, estava Malévola. Knotgrass não podia acreditar nos próprios olhos. O que *ela* estava fazendo ali? E por que parecia estar chorando? Avançando silenciosamente no quarto, Knotgrass se escondeu atrás de uma das cômodas e esperou para ver o que aconteceria.

Enquanto observava, Malévola se ajoelhou. Então, com muita suavidade, esticou o braço e tocou na mão de Aurora.

– Não lhe pedirei perdão – disse Malévola. – O que fiz é imperdoável.

Pois é, Knotgrass pensou. *Amaldiçoar um bebê e me obrigar a passar dezesseis anos como uma humana? Isso foi muito rude da sua parte.* Mas logo Knotgrass percebeu o sofrimento genuíno entalhado no rosto de Malévola e suavizou. Talvez elas não tivessem sido as únicas a sofrer.

Sem saber que tinha uma plateia, Malévola prosseguiu:

– Estive cega pelo ódio e pela vingança. Nunca sonhei que eu pudesse amá-la tanto, doce Aurora.

O queixo de Knotgrass caiu. Amor? Malévola *amava* Aurora? Quando foi que isso aconteceu? Imaginara que Malévola fosse incapaz de sentir qualquer emoção que não fosse maligna. Ficou claro, pela expressão no rosto de Malévola, que ela se importava muito, de verdade.

Prendendo a respiração, Knotgrass esperou para ver o que a fada de chifres diria em seguida.

– Você roubou o que restava do meu coração – disse Malévola. – Eu costumava ser tão amarga, tão raivosa. Pensei que nunca amaria alguém de novo antes de você aparecer. E agora eu a perdi para sempre. Mas juro que nenhum mal lhe acontecerá pelo tempo que eu viver. E não se passará nem um dia sem que eu sinta saudades do seu sorriso. – Muito lentamente, Malévola se inclinou e depositou um único beijo na testa da garota.

Knotgrass sentiu uma onda de magia percorrer o quarto e seus olhos se arregalaram. O ar pareceu tremular e houve o som de algo se partindo.

E, então, os olhos de Aurora se abriram.





... MAS ANTES, DO OUTRO
LADO DAQUELE LUGAR,
EXISTIAM DRAGÕES.



Aurora se esforçou para despertar. As pálpebras estavam pesadas e a garganta estava seca. Mas a dor no dedo sumira. Debaixo do corpo, sentia lençóis macios e ouvia, ao longe, o som de alguém conversando. Mas, por tudo o

que lhe era mais sagrado, não conseguia se lembrar de como fora parar numa cama. Ela só se lembrava de ter visto uma roca de fiar, de ter se esticado e...

Era isso! Aquela fora a maldição! Espetara o dedo e caíra num sono profundo como a morte. Contudo, agora estava despertando.

Forçando os olhos a se abrirem, viu-se olhando diretamente para o rosto de Malévola. Os olhos da fada estavam úmidos de lágrimas e a fitavam com curiosidade, como se temessem o que Aurora poderia dizer.

Claro que ela está preocupada. Estive tão brava com ela antes. Porém – e Aurora refletiu muito –, não estou mais. Aquele sentimento sumira. Em seu lugar havia uma sensação de paz, como se tudo estivesse como devia estar. Verdade, Malévola podia tê-la amaldiçoado. Mas isso foi há muito tempo. Ela devia ter tido os seus motivos. E desde o dia em que se conheceram no vale, cercadas pelos Moors, Malévola nunca lhe fizera mal. Partilhou o seu mundo comigo, Aurora percebeu. Guiou-me e me ensinou tantas coisas maravilhosas. Depois sorriu.

– Olá, Madrinha – Aurora a cumprimentou.

Por um instante, Malévola não disse nada. Lágrimas frescas se empoçaram em seus olhos. Mas não eram lágrimas de tristeza; eram de alegria. Finalmente, sua voz, entrecortada de emoção, disse:

– Olá.



Malévola passou os minutos seguintes narrando para Aurora os eventos há muito acontecidos. Aurora ouviu com atenção, com as emoções se agitando rapidamente. Ficou triste em saber que o pai parecia mais preocupado em destruir Malévola do que em se reunir com a filha. Que ele traía Malévola há muito tempo, quando ela apenas estivera tentando cumprir os desejos dos pais de estabelecer a paz. Que ele a levara a acreditar que estivera errada, que os pais dela estiveram errados. Que deveria desconfiar de todos os humanos.

Em seguida, Malévola lhe contou o que acontecera desde que ela espetara o dedo. Os sentimentos de Aurora em relação a Phillip, que tentara heroicamente despertá-la de seu sono profundo, eram confusos. E, no fim, ficou feliz que o beijo de Malévola fora a única coisa forte o bastante para quebrar a maldição porque, como Malévola explicou, em todos aqueles anos anteriores, ela estivera tão tomada por sofrimento e raiva que canalizara tudo naquela maldição. Não tivera como saber na época que, como resultado, a única coisa capaz de romper a maldição seria uma emoção igualmente forte.

– O amor – Aurora disse quando Malévola fez uma pausa. – Você me ama tanto assim?

Malévola assentiu.

Aurora sorriu. Aquele era o amor de uma mãe por uma filha. Um amor que nenhuma delas conhecera e sem o qual agora não desejava ficar. Levantando-se, estendeu a mão. Era hora de ir encontrar o pai dela.

Juntas saíram do quarto de Aurora e seguiram pelo corredor. As luzes nas paredes tremeluziram, criando sombras sinistras sobre o ferro. Os olhos de Aurora se arregalaram quando fizeram a curva num corredor. Ele estava tomado por espessos espinhos de ferro cujas pontas afiadas reluziam. Pareciam uma reprodução aterrorizante da Muralha de Espinhos que mantinha os Moors protegidos. Aurora subitamente ficou nervosa em ver o rei. Passara apenas alguns minutos com ele e sabia que ele era frio. Mas que tipo de pessoa cobriria paredes com espinhos? O que acontecera com ele nos dezesseis anos em que estivera afastada?

Por fim, chegaram às portas duplas. Empurrando-as, Aurora se viu no balcão que dava para o Grande Salão. Uma imensa escadaria descia até o meio da sala. Estava escura e sinistramente silenciosa. Nada parecido com o lar que Aurora imaginara encontrar. Nada como o lugar que ela *queria* chamar de lar.

– Vamos voltar para os Moors agora? – Aurora perguntou, virando-se para olhar para Malévola.

A fada assentiu.

– Se esse é o seu desejo.

Aurora concordou. Sorrindo, Malévola começou a descer a longa escadaria. Atrás dela, Aurora a seguia. O corvo voava acima delas, a figura negra quase desaparecendo na escuridão da sala. Chegando ao fim da escada, Malévola hesitou, como se pressentisse algo. Virou-se e gesticulou para que Aurora ficasse onde estava. Então, com cautela, avançou pelo salão.

De repente, ouviram um rangido alto. Aurora olhou para cima, e seus olhos se arregalaram quando ela viu uma gigantesca rede de ferro coberta com espinhos cair do teto sobre Malévola. A fada emitia um grito quando os espinhos a atingiram e o ferro queimou a sua pele. Ela avançou, tentando se libertar da rede, mas de nada adiantou. Ela se prendia a Malévola a cada passo que ela dava. Somente seus chifres estavam livres da armadilha, despontando através da rede.



Um momento depois, ouviram passadas pesadas, e uma fileira de soldados, todos com armadura completa, marcharam para fora das sombras. Ignorando Aurora, eles cercaram Malévola. Usaram suas lanças de ferro para prender a rede no chão.

Aurora correu para a frente, empurrando os soldados e se ajoelhando ao lado de Malévola. Quando os soldados começaram a atacar Malévola com suas armas de ferro, Aurora tentou desesperadamente suspender a rede.

– Parem! – gritou em vão. – Não a machuquem! – Solto outro grito conforme dois dos soldados a agarraram e começaram a arrastá-la para longe.

Esperneando e gritando, Aurora tentou se libertar dos soldados. Eles simplesmente continuaram arrastando-a para cada vez mais longe de Malévola até soltarem-na sem cerimônia. Malévola estava definhando bem diante dos seus olhos. Cada segundo debaixo daquela rede sugava suas forças. Se ela não se libertasse logo, morreria.

Nessa hora, Aurora viu os lábios de Malévola se moverem. Um momento depois, houve o som de uma explosão. Virando a cabeça, Aurora viu que o corvo de Malévola caíra no chão. A princípio, Aurora pensou que um dos guardas ferira o pássaro, mas logo a criatura começou a se transformar. O bico se alongou até se transformar num focinho com dentes afiados. O pescoço se

esticou e o corpo cresceu. Onde as garras estiveram, unhas compridas apareceram e se enterraram no chão. Uma cauda se esticou na parte de trás e as penas desapareceram, sendo substituídas por escamas. Quando a transformação foi completada, o pássaro havia desaparecido por completo. Em seu lugar, havia um imenso dragão cuspidor de fogo.

Aurora retrocedeu. A criatura era horrível. O dragão levantou a cabeça e rugiu. Ao redor dela, os soldados soltaram gritos de pavor conforme mais homens entravam no salão, alertados pela balbúrdia. Vendo o dragão, os novos guardas levantaram os escudos e suspenderam as lanças. E atacaram.

Abrindo a boca, o dragão soltou uma lufada de fogo ardente que encheu a sala, acendendo os candelabros e derretendo as dúzias de velas de cera de imediato. Girando a cabeça, o dragão disparou fogo em diversas vigas de madeira velha, que pegaram fogo rapidamente, racharam e rangeram conforme o telhado começava a enfraquecer. Ignorando a destruição que causava, o dragão se inclinou para baixo e, com os dentes, gentilmente puxou a rede que cobria Malévola.

Enquanto Aurora observava, a fada se levantou. Estava arfando e parecia desorientada. Aurora deu um passo à frente, pronta para ficar ao lado de Malévola, quando, subitamente, ouviu-se um gemido alto e sinistro. Um instante depois, uma gigantesca viga, ainda com as pontas em chamas, despencou a poucos centímetros da cabeça de Aurora.

Reprimindo um grito, Aurora se virou e subiu as escadas. Atrás dela, ela conseguia ouvir os rugidos do dragão e os gritos dos homens. Havia os sibilos das flechas atravessando o ar e o chiado das chamas conforme mais coisas pegavam fogo. Queria ajudar Malévola, mas não havia nada que pudesse fazer naquele salão. Chegando ao alto das escadas, viu a porta pela qual passaram antes. Estava bloqueada por uma viga em chamas. À direita dela, outra porta estava aberta. Aurora correu para ela. Precisava conseguir ajuda. Malévola a salvara uma vez; agora era a sua vez de salvá-la.



Aurora bateu a porta. Seu coração batia forte e as mãos tremiam. Fechando os olhos, apoiou a testa na porta dura. Por um momento apenas ficou ali, tentando acalmar a pulsação a fim de pensar no que fazer. Lentamente, o som

das batidas do coração ficou mais suave. Bem quando pensou estar segura, sentiu um formigar na nuca, como se algo, ou alguém, estivesse atrás dela.

Aurora virou-se rapidamente. Viu que entrara numa das torres pequenas do castelo. O espaço era arredondado, com pequenas janelas em alturas variadas ao longo das paredes. Tapetes opulentos cobriam o chão, e uma mesa grande coberta de papéis estava num canto. Mas o que fez sua pele formigar foi uma caixa gigantesca apoiada na parede oposta.

Dentro dela, aprisionado por pesados painéis de vidro e envolvido por pesadas correntes de ferro, havia um par de asas imensas. As asas de Malévola.

Aproximando-se da caixa, Aurora espiou através do vidro. Seu coração se estilhaçou ao ver a origem de tanto sofrimento para Malévola. Seu pai arrancara aquelas asas majestosas dela. Tirara-as dela a fim de subir ao trono e, ao fazer isso, desencadeara uma terrível sucessão de acontecimentos.

Era culpa *dele* se ela fora amaldiçoada. Era culpa *dele* se ela não conhecera a mãe e tivera uma vida de mentiras. A raiva se avolumou dentro dela. Não sabia o que fazer agora. Deveria voltar e enfrentar o pai? Ou voltar à segurança dos Moors?

Nesse instante, dentro de sua prisão, as asas de Malévola tremularam.

Os olhos de Aurora se arregalaram, e um sorriso se espalhou pelo seu rosto. Agora ela sabia o que fazer. Tinha um plano.

Usando todas as suas forças, começou a empurrar a caixa. Ela se inclinou alguns centímetros na base no chão... e, depois, um pouco mais. Com um baque enorme, caiu no chão, estilhaçando o vidro por todos os lados. Aurora deu um passo para trás. Só o que ela podia fazer agora era aguardar e ter esperanças de que seus instintos estivessem certos – que acabara de encontrar um modo de salvar Malévola.



Aurora voltou correndo para o balcão e olhou para o Grande Salão. Para seu desgosto, os guardas de Stefan estavam vencendo. Tinham conseguido acorrentar o dragão e tinham encurralado Malévola num canto. Ainda enfraquecida pelo tempo passado debaixo da rede, a fada pouco podia fazer para se defender do ataque das lanças de ferro. Seu rosto estava pálido, e Aurora via que a fada madrinha estava tremendo. Ainda assim, Malévola mantinha a cabeça erguida.

Ouvindo o som de passadas pesadas, Aurora voltou o olhar para a entrada principal. Seu pai entrava no salão. O rei Stefan estava todo coberto por ferro, do

elmo na cabeça até as pontas das botas. Somente seus olhos eram visíveis em meio às fendas da máscara. Na mão, ele segurava um longo chicote de ferro. Estava recoberto de ferrões e, conforme se aproximava de Malévola, ele o girava de um lado a outro.



CREC!

Malévola arquejou quando o chicote estalou e a jogou no chão. Avançando a passos largos, determinados, Stefan tirou o elmo e encarou a fada indefesa do alto. Aurora estava chocada em ver tanta frieza no olhar dele.

– Você não faz ideia de quanto lamentei ter lhe poupado a vida – disse ele, erguendo o chicote. Ele estalou no ar, o metal envolvendo o corpo de Malévola. Stefan começou a arrastá-la pelo chão. – Como se sente sendo uma fada sem asas? Num mundo no qual não tem poder algum?

Vendo o pai tratar Malévola como um animal, Aurora se sentiu nauseada. Não conseguia acreditar, nem por um momento, que Malévola fosse o mal no mundo. Malévola não era a malvada – seu pai era. *Ele* era o monstro.

Stefan jogou Malévola nos degraus da plataforma do trono. Zombando dela, desembainhou sua pesada espada de ferro. Malévola se esforçou para ficar de joelhos e encarou Stefan nos olhos. Aurora sabia que a fada estava indefesa. Sabia que a fada se sentia aprisionada sem ter um lugar para ir. Mesmo assim, Malévola não demonstrou medo diante de Stefan. Simplesmente o encarou, com pena no olhar.

Stefan levantou a espada acima da cabeça, pronto para desferir o ataque final. Malévola fechou os olhos. Aurora abriu a boca para gritar.

E, nesse instante, houve uma explosão de luz.

Energia e magia encheram o Grande Salão, derrubando os soldados e lançando Stefan para trás. Quando a luz diminuiu, Malévola estava de pé nos degraus. Já não estava fraca. Ela reluzia de poder e algo mais. Reluzia de felicidade.

Lágrimas rolaram dos olhos de Aurora ao ver as asas negras de Malévola se esticarem. As asas encontraram o caminho de volta ao lar. Reuniram-se a Malévola, conforme Aurora planejava ao derrubar a caixa de vidro.

Alçando-se ao ar, Malévola circundou o salão. Arremeteu e flanou, mergulhou e girou. Abaixo dela, os homens de Stefan arremessavam lança atrás de lança, mas ela se desviou delas com facilidade. Nascera para se mover daquela maneira, e seu corpo se lembrava de como fazer aquilo com graciosidade e naturalidade.

Ela voou ao redor de um dos candelabros e partiu suas amarras. Com um baque, ele caiu no chão, e as chamas das velas queimaram as cordas que prendiam o enorme dragão.

Com um rugido triunfante, o dragão se pôs de pé e recomeçou a criar o caos. Conforme ele expirava labaredas de fogo, Malévola prosseguia com seu voo.

– Ela vai para a janela! – Stefan exclamou.

Os guardas no chão lançaram mais flechas. Uma vez mais, elas caíram longe

dela. Com um grito de fúria, Stefan levantou seu chicote com ferrões uma vez mais. Começou a girá-lo acima da cabeça cada vez mais rapidamente. Depois o estalou e prendeu o tornozelo de Malévola. Ela emitiu um arquejo quando a dor mais uma vez a acometeu.

– Peguei você! – Stefan exclamou. Ele enrolou a sua ponta do chicote ao redor do pulso para aumentar a alavancagem, depois começou a tentar puxá-la na sua direção. Mas Malévola reconquistara as asas, e elas lhe davam a força de que antes não dispunha. Com uma batida vigorosa, ela se moveu adiante, arrastando Stefan atrás de si.

Aurora observou os dois travarem uma batalha. Não queria que o pai vencesse, mas também não queria que ele se machucasse. Só desejava que ele deixasse Malévola em paz. No entanto, apesar de ser o mais fraco, Stefan não soltou o chicote.

Aurora viu que Malévola estava dividida quanto ao que deveria fazer em seguida. Vendo uma enorme janela de vitral logo adiante, ela voou ainda mais rápido. Em seguida, com um barulho ensurdecedor provocado quando seus chifres se chocaram contra o vidro, atravessou-o, arrastando Stefan atrás dela para o mundo exterior.

Correndo escada abaixo e atravessando o Grande Salão, Aurora seguiu para a janela. Inclinou-se sobre o vidro partido. A lua cheia estava no meio do céu, iluminando as asas de Malévola na luz azulada fria conforme ela voava sobre uma das pontes que partia do castelo. Abaixo dela, Stefan pairava a poucos metros da construção de pedras.

Em seguida, Malévola arremeteu. O movimento súbito fez com que Stefan perdesse a pegada do chicote. Houve um baque quando ele se chocou com a ponte. Um momento depois, Malévola aterrissou perto dele.

Rapidamente se ajoelhou e soltou a dolorosa corrente do tornozelo. Depois, de pé, virou-se de frente para Stefan. De sua posição elevada, Aurora viu o olhar de ódio que os dois trocaram. A fúria emanava de Malévola conforme ela avançava na direção de Stefan. Com um movimento fluido, ela o segurou pelo pescoço e o suspendeu.

A respiração de Aurora ficou presa na garganta. Nunca vira tanta raiva em Malévola. A fada tremia com seu ódio mal controlado. Os dedos se estreitaram ao redor do pescoço de Stefan, e o rei arquejou desesperadamente em busca de ar. Por um momento aterrorizante, Aurora se convenceu de que Malévola iria matar o seu pai. Mas, nesse instante, Malévola levantou o olhar na direção de Aurora. O tempo parou enquanto se fitaram.

A raiva pareceu abandonar o corpo de Malévola de uma vez só. Sem dizer nada, Aurora soube que a fada percebera que a raiva não a levaria a parte

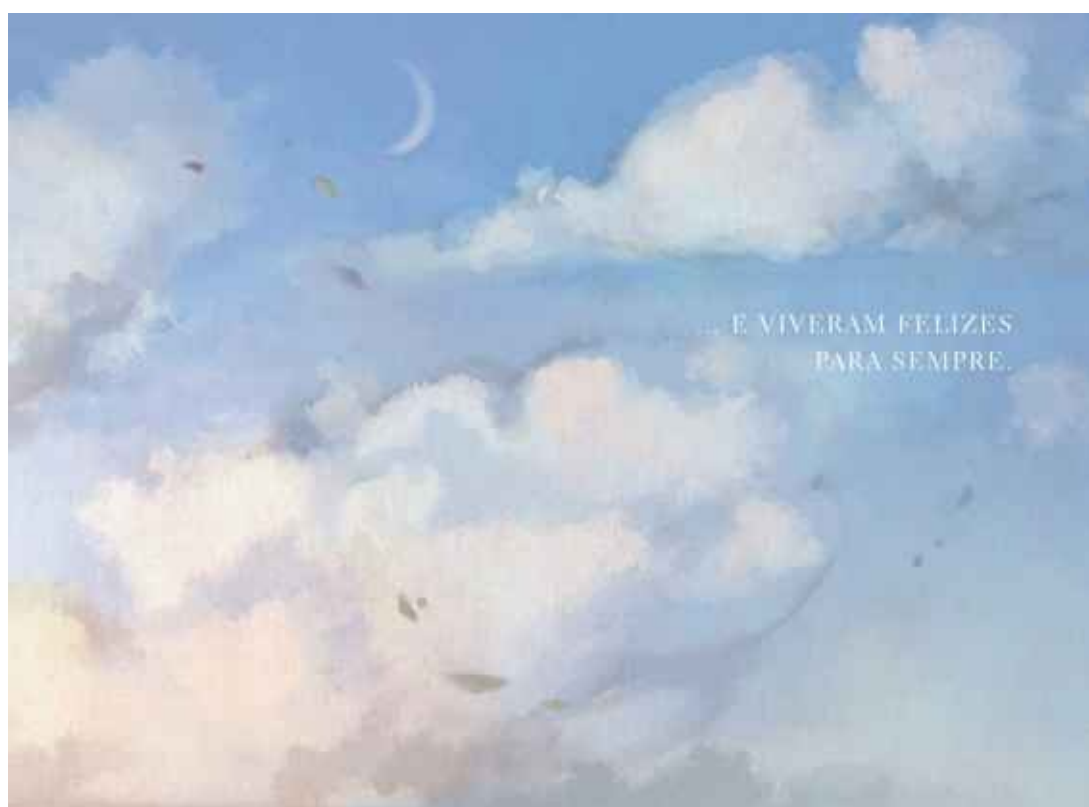
alguma. O perdão era uma arma muito mais poderosa, e ela não magoaria Aurora ferindo um parente seu. Não usaria violência para resolver o conflito. Optaria pela paz. Malévola soltou Stefan no chão e se virou. Sorrindo para Aurora, abriu as asas.

Através da janela quebrada, Aurora retribuiu o sorriso para a sua fada madrinha. No entanto, o sorriso sumiu quando ela viu o pai se esforçar para ficar de pé. O homem ainda arquejava e seu pescoço estava vermelho. Os olhos estavam cravados nas costas de Malévola.

Soltando um grito, ele investiu contra a fada. O corpo dele se chocou contra o dela, e o movimento os levou para a beirada da ponte. Em seguida, os dois caíram pela lateral. Aurora gritou.

O par pairou no ar um segundo antes de começar a cair em direção ao solo. Caíam cada segundo mais rápido, mergulhando de cabeça. O chão se apressava ao encontro deles, e Stefan se agarrava a Malévola. Os braços prendiam-na com tanta força que ela não tinha como abrir as asas. Se algo não mudasse rápido, os dois morreriam juntos.

Mas logo, conforme Aurora assistiu horrorizada, Stefan se soltou. Livre do peso dele, Malévola voltou a subir. Abaixo dela, houve um baque forte. E, então, tudo ficou silencioso...



... E VIVERAM FELIZES
PARA SEMPRE.



Aurora olhou para a Muralha de Espinhos. Sob a luz clara do dia, ela parecia menor do que se lembrava. Tantas coisas aconteceram desde a primeira vez em que vira seus galhos retorcidos e afiados. Descobrira a magia, conhecera

criaturas fantásticas e aprendera o poder do amor verdadeiro. Descobrira a verdadeira causa da morte da mãe: o coração despedaçado. Conhecera o pai só para perdê-lo em seguida. Era difícil para ela pensar na morte dele, e em todo o sofrimento que ele causara.

Depois da queda dele, Malévola lhe contara toda a história. Contara-lhe como um dia acreditara que Stefan fosse o seu amor verdadeiro. Como se ligaram por serem ambos órfãos, como ela o amara apesar do que ouvira sobre a ganância dos humanos e das guerras contra o seu povo. Como ela acreditara na bondade dele e na bondade dos humanos, apesar de os humanos terem matado os seus pais.

Tanto Stefan quanto Malévola concordaram que a paz seria possível entre os dois mundos. A paz era algo pelo que os pais de Malévola lutaram, um legado que ela queria muito defender. Malévola e Stefan acreditaram que, se pudessem liderar pelo exemplo, outras fadas e outros humanos poderiam escolher viver juntos em harmonia.

Passaram a juventude sempre um na companhia do outro, mas, depois de um tempo, Stefan acabara ficando cada vez mais inquieto.

– Ele sempre quis viver no castelo – Malévola explicara. – Era um órfão que queria fortuna, que queria poder acima de tudo.

Prosseguiu contando-lhe que Stefan acabara encontrando trabalho como criado no castelo e que cortara suas asas para ascender ao trono.

Foi essa traição que encheu Malévola de dor e raiva por ter confiado em um humano. Enlouquecida pelo rancor, amaldiçoara Aurora ainda bebê, na esperança de destruir as chances de felicidade de Stefan. Ironicamente, como admitiu Malévola, a pessoa que ela acabara magoando mais fora ela mesma.

Conforme a fada passara a conhecer melhor Aurora, percebera que a filha de Stefan era um espírito semelhante ao seu, pois amava e respeitava a natureza tanto quanto ela. Por intermédio de Aurora, ela conseguira o impensável: reaprendera a amar e a confiar. Aprendera que a paz entre os humanos e as fadas era, de fato, possível.

Quando terminou de contar sua triste história, Malévola não cansou de se desculpar. Mas Aurora não estava brava. Agora conhecia a verdade. E ficou claro para ela que Stefan nunca fora um bom homem. Ele teria enlouquecido com sua raiva e, no fim, acabaria se matando ao tentar destruir Malévola. Ele não tinha espaço em seu coração para qualquer coisa que não fosse vingança. Portanto, por mais que sofresse por nunca o ouvir dizer “eu te amo” ou por nunca sentir os braços dele ao seu redor, Aurora não podia culpar Malévola. Ela agora era a sua única família – a única família que ela conseguia se imaginar precisando.

Voltando a sua atenção ao presente, Aurora observou enquanto Malévola levantava as mãos no ar e lançava magia na direção dos espinhos. No mesmo instante, a Muralha murchou. Ela estava destruindo a barreira. Agora que Stefan estava morto, Aurora era a governante do reino. E ela não tinha nenhuma intenção de manter os humanos e as fadas afastados. Dali por diante, eles viveriam juntos em harmonia.

Sentindo o olhar de Aurora, Malévola se virou e sorriu. Depois pegou na mão dela.

– Siga-me – disse.

Aurora assentiu. Juntas se aprofundaram nos Moors. Conforme avançavam, eram acompanhadas por mais fadas e criaturas da floresta. O ar era festivo na procissão e ficava ainda mais à medida que se aproximavam do coração dos Moors. Os olhos de Aurora se arregalaram quando chegou ao meio de uma enorme clareira.

Parecia que todas as criaturas dos Moors se agruparam nela, mesmo algumas que Aurora jamais vira. Aclamaram Aurora e Malévola. Uma fadinha animada voou até Malévola, abraçando-a no ombro. Aurora nunca vira sua fada madrinha tão feliz, definitivamente reluzindo em meio ao Povo das Fadas. Paradas em meio a ele, acima de uma pedra esculpida no formato de um trono, estavam Knotgrass, Thistlewit e Flittle. Knotgrass segurava uma enorme coroa.

– Nós lhe apresentamos a sua coroa, pequena Aurora – ela começou. – Por quem nós sacrificamos os melhores anos das nossas... – a voz dela se perdeu quando Malévola lhe lançou um olhar severo.

Pegando a coroa das mãos da fadinha, Malévola a depositou com suavidade sobre a cabeça de Aurora. Depois se virou para a multidão e, com um olhar de orgulho materno, anunciou:

– Eis a sua rainha!

Conforme a multidão irrompia num aplauso, Aurora deu um passo à frente e entrelaçou os dedos nos de Malévola. E se virou para sorrir para aqueles que vinham cumprimentá-la. Phillip encabeçava o grupo, e o sorriso dela se ampliou quando ele se aproximou. Estava tão feliz por ele estar ali, tão feliz por todos de quem gostava estarem partilhando da sua alegria.

Naquele dia, os dois reinos se uniram. Os Moors se abririam para os humanos e as paredes do castelo estariam repletas do riso das fadas. Olhando para Malévola, Aurora sorriu. Ela tinha um lar, uma mãe e um reino. Não importava o que acontecesse em seguida, Aurora sabia que as duas viveriam felizes para sempre.



